SET CINE

EDITORA AZUL

EM VÍDEO & EQUIPAMENTOS
COMPUTAÇÃO GRÁFICA
A REVOLUÇÃO NAS TELAS

NAS LOCADORAS
50 NOVOS TÍTULOS

SCHWARZENEGGER TOTAL

HUMOR E VIOLÊNCIA EM *O VINGADOR DO FUTURO*

ENTREVISTA EXCLUSIVA
TOM CRUISE

58330001 - Ed. 39 - Ano IV - Nº 9 - Cr$ 280,00

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

AIWA — A D

Com a mais avançada tecnolo

DIGITAL
MADE IN JAPAN

GARANTIA DE 1 ANO

A venda na Zona Franca de Manaus

RELAÇÃO DE OFICINAS AUTORIZADAS AIWA

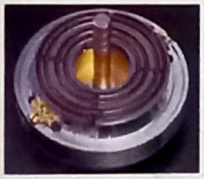
SÃO PAULO: ELECTRONICA PAL'M - Rua do Sumidouro, 305 - Pinheiros
CEP 04528 - Fone (011) 813-6300
RIO DE JANEIRO: VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA - Rua Olegário
Maciel, 460 - Loja Barra - CEP 22600 - Fone (021) 399-1171
VIDEO MATIC LTDA - Rua General Polidoro, 177 - Loja D - CEP 22280
Fone (021) 295-3849
LONDRINA: ELECTRONICA HIGHTEC LTDA - Av. Higienópolis, 2002 - Loja 06
CEP 86015 - Fone (0432) 23-1813
BELÉM: VIDEO CHECK LTDA - Travessa 14 de Abril, 1674 - CEP 66030
Fone (091) 229-2761
BRASÍLIA: VIDEOTEC LTDA - SCRN 704/5 - Bloco H - Loja 9 - CEP 70730
Fone (061) 274-9085
MANAUS: VIDEOTRON - Rua Mundurucus, 114 - Centro - CEP 69003
Fone (092) 233-2933

Digital Audio & Video
AIWA®

iferença Digital

gia em Videocassete da AIWA

HV-BR5000 VHS M-PAL



- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil de carregar

Universal

Lee: filme sobre raça, classe e sexo

SPIKE LEE PÕE FOGO NA SELVA DE PEDRA

Depois da polêmica de *Faça a Coisa Certa* e *Mo' Better Blues*, o irrequieto **Spike Lee** está terminando o roteiro de outro filme quente: *Jungle Fever*, a história do romance entre uma italiana do Brooklyn e um negro do Harlem. Nas palavras do próprio Lee, "*Faça a Coisa Certa* era sobre raça: *Jungle Fever* é sobre raça, classe e sexo, e essa é uma combinação mais combustível". Bota combustível nisso.

SÔNIA BRAGA NA LISTA NEGRA

Sônia Braga é o principal nome feminino no elenco do novo filme de Clint Eastwood, *The Rookie*. Ao lado da musa tropical estão o próprio Eastwood, Charlie Sheen e Raul Julia — este último um velho amigo de Sônia, com quem contracenou em *O Beijo da Mulher Aranha* e *Luar sobre Parador*.

Universal

A brasileira vai contracenar com Clint

"Tudo que normalmente não funciona nesta cidade (Hollywood) — meu nome, meu corpo, meu sotaque — funcionou para me distinguir de um milhão de outros atores."

Arnold Schwarzenegger

Dino de Laurentis

Lone como japonês de sucesso na tela

JOHN LONE VIRA ASTRO EM HOLLYWOOD

John Lone *(O Último Imperador)* estrelará o novo filme de Nagisa Oshima, *American Lovers*, a história de um japonês que se torna um astro de Hollywood nos anos 10-20. Ao lado de Lone estará Andy Garcia *(Os Intocáveis, Justiça Cega)*. O produtor do filme é o mesmo de *O Último Imperador:* Jeremy Thomas.

SCORSESE VAI TRABALHAR NA AMÉRICA LATINA

O sempre ativo **Martin Scorsese** vai dirigir *A Cloud on Sand*, baseado em romance da italiana Gabriella De Ferrari. Com locações na Itália e em alguma cidade latino-americana ainda não definida, o filme conta a história de uma jovem dos anos 30 que abandona sua aldeia natal italiana para ir à América do Sul, onde se apaixona por um homem de negócios. Outro projeto acalentado pelo cineasta nova-iorquino é um filme inspirado na vida e na obra dos irmãos compositores George e Ira Gershwin.

SPIELBERG ENCARA O INCRÍVEL HOMEM QUE REJUVENESCEU

Steven Spielberg sonha em dirigir uma adaptação do conto fantástico *O Curioso Caso de Benjamin Button* (incluído na coletânea *Seis Contos da Era do Jazz*), de Scott Fitzgerald, no qual um homem nasce velho e vai rejuvenescendo com o passar do tempo. A grande dificuldade, segundo o garotão milionário, é escolher o ator que torne o personagem convincente.

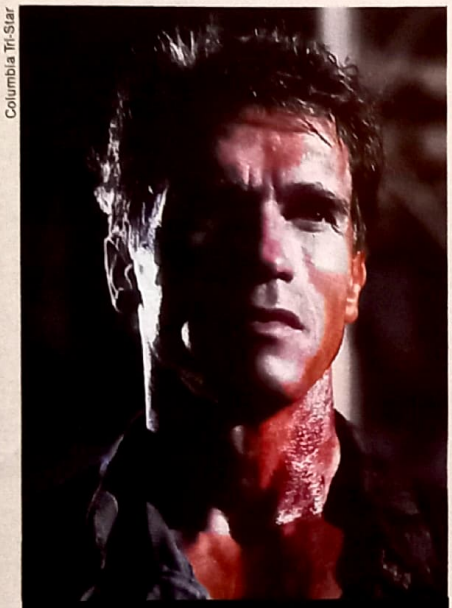
Stills

Spielberg: velho rejuvenescendo

SCHWARZENEGGER DIRIGE LENDA DO ALÉM-TÚMULO

Arnold Schwarzenegger acaba de estrear na direção, realizando o episódio "The Switch" para a série televisiva de terror *Tales from the Crypt*, produzida pela rede americana a cabo HBO. Os primeiros episódios da série, dirigidos por cineastas como Walter Hill, Robert Zemeckis e Richard Donner, estão disponíveis em vídeo no Brasil, sob o título *Lendas do Além-Túmulo* (CIC).

Columbia Tri-Star



Arnold: músculos em direção da televisão

JULIA ROBERTS FOGE DO MARIDO SÁDICO

A abracadabrante **Julia Roberts**, de *Uma Linda Mulher*, é uma boa esposa americana que simula o suicídio para escapar do marido sádico e começar vida nova do outro lado do país. Mas o marido descobre a farsa e vai atrás dela, em busca de vingança. Tudo isso acontece em *Sleeping with the Enemy*, de Joe Ruben, o diretor de *True Believer*. O marido desequilibrado é Patrick Bergin, de *As Montanhas da Lua*.

Warner

Julia em *Sleeping with the Enemy*: um sádico nos calcanhares

TOM HANKS FAZ MARMELADA NO BOXE

Tom Hanks deverá protagonizar uma refilmagem do policial *Sombras do Mal (Night and the City*, 1950), de Jules Dassin. Na nova versão, roteirizada por Richard Price (o mesmo de *A Cor do Dinheiro*), Hanks será um malandro nova-iorquino que ganha a vida organizando marmeladas em lutas de boxe.

MICHAEL FOX CUIDA DE CORAÇÕES SOLITÁRIOS

Michael J. Fox interpretará um jornalista encarregado do correio sentimental do jornal *Chicago Sun Times* em *Tell Me About It*. Antes disso, porém, ele encarna um ator que, ao se preparar para o papel de um tira, acompanha o dia-a-dia de um policial verdadeiro (James Woods) e acaba envolvido em encrencas. O nome do filme é *The Hard Way*, e quem o está realizando é John Badham, diretor de *Tocaia*.

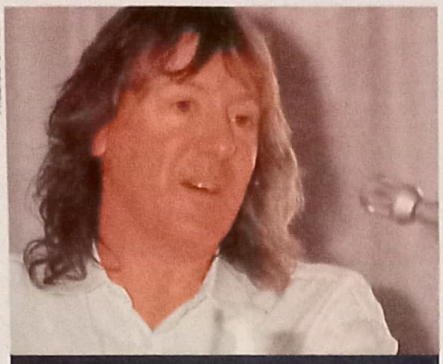
A DEUSA LOURA KIM NOVAK ESTÁ DE VOLTA

Kim Novak, símbolo sexual nos anos 50, tenta a volta ao estrelato protagonizando *Liebstraum*, que, apesar do título alemão, é um filme americano dirigido pelo britânico Mike Figgis (o mesmo de *Dia Fatal* e *Justiça Cega*).

Columbia

Em 1956, Kim endoidava gente. Endoidará de novo?

Ricardo Chvaicer



Lyne ataca de Lolita, a mesma de Nabokov

LOLITA CAI NAS MÃOS DE ADRIAN LYNE

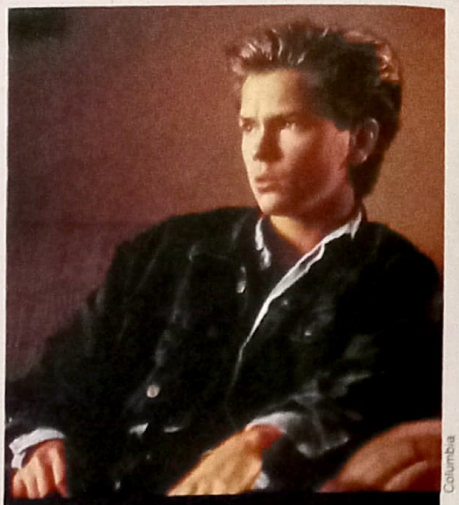
Adrian Lyne, o rico diretor de *9 1/2 Semanas de Amor* e *Atração Fatal*, vai realizar uma nova versão do romance clássico *Lolita*, de Vladimir Nabokov. Todos aguardam com ansiedade o nome da atriz que interpretará o papel-título, que, em 1962, na adaptação de Stanley Kubrick, coube à adorável ninfeta Sue Lyon.

DUSTIN HOFFMAN MUDA DE NY PARA A COLÔMBIA

Dustin Hoffman está filmando em Nova York *Billy Bathgate*, sob a direção de Robert Benton. O filme é baseado no romance homônimo de E.L. Doctorow e sua fotografia está a cargo do grande cubano-espanhol Nestor Almendros. Depois disso, Hoffman será o protagonista e co-produtor da versão cinematográfica do romance político-policial *A Faint Cold Fear*, de Robert K. Daley. O livro conta a história de um policial que vai à selva colombiana investigar ligações entre o tráfico de drogas e conspirações políticas.

"Hollywood se sente à vontade mostrando mulheres estupradas ou espancadas, mas eles não querem mostrar o poder de uma mulher numa família, nem os verdadeiros problemas das mulheres, como a menstruação."

Roseanne Barr, a atriz gorda de *Ela é o Diabo*



Columbia

Phoenix pode virar um traficante gay

RIVER PHOENIX ESTRELA PRODUÇÃO MARGINAL

Os jovens **River Phoenix** e Keanu Reeves estrelam *My Own Private Idaho*, o próximo filme de Gus Van Sant, o diretor do cultuado *Drugstore Cowboy*. Trata-se, desta vez, da história de um traficante gay, a ser interpretado por um dos dois mancebos.

UIP

Short (como seu nome em inglês): pequeno

MARTIN SHORT VOLTA À INFÂNCIA

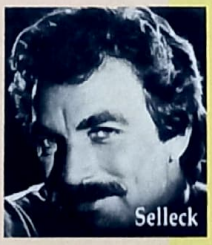
Martin Short, o aloprado baixinho de *Três Amigos* e *Viagem Insólita*, vai fazer o papel de um menino de 10 anos em *Clifford*, sob a direção de Steven Kampmann. No filme, o garoto inferniza a vida de seu tio e responsável (Charles Grodin, de *Fuga à Meia-Noite*).

AGUARDE

ANSA

Shepard

Vanessa Redgrave, Sam Shepard e **Rod Steiger** estrelam *The Ballad of the Sad Cafe*, dirigido por **Simon Callow** e baseado na peça teatral de Edward Albee extraída do romance homônimo de Carson McCullers.



Selleck

Tom Selleck será um jogador de beisebol que vai atuar no Japão em *Tokyo Diamond*, produzido pela independente Outlaw Productions, a mesma companhia de *sexo, mentiras e videotape*.

Warner

Donner

O diretor **Richard Donner**, que antes não queria nem falar do assunto, agora garante que vai realizar *Máquina Mortífera 3* logo que tiver em mãos um bom roteiro e puder contar novamente com **Mel Gibson** e **Danny Glover**.

Michael Douglas e **Melanie Griffith** protagonizam *Shining Through*, baseado no livro homônimo de Susan Isaac.

O ator **Charles Martin Smith** (o baixinho de óculos de *Os Intocáveis*) arrisca-se na direção com *50-50*, estrelado pelo truculento **Chuck Norris.**

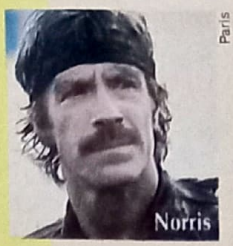
Fox

Douglas

Fox

Melanie

Paris



Norris

Capte toda a beleza,

ou somente a beleza do rosto,

ou somente a beleza da jóia.

Câmera Panasonic M-1000 com Zoom 8X e Macro Auto Focus para o close que você quiser.

A cena está longe, mas você quer captá-la de qualquer maneira. A Panasonic M-1000 está pronta. Porque ela tem o fantástico Zoom 8X. Em seguida, você aproxima. As lentes quase tocam a imagem que você quer captar. A Panasonic M-1000 já está pronta para a ação. Automaticamente. Captando tudo o que estiver em quadro, graças ao exclusivo Piezo Auto Focus.

M-1000 - Uma grande família de câmeras de design profissional com resistente chassi de alumínio e as seguintes características: fade in/fade out, tanto em vídeo quanto em áudio; AGC- alto brilho e balanço de branco automático.

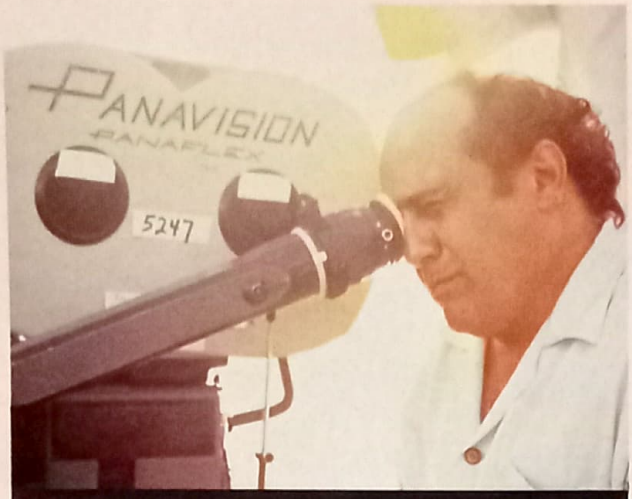
Seja para captar toda a beleza ou apenas um detalhe.

NV-M1000PX

Panasonic

À venda na Zona Franca de Manaus.

Fox



O baixinho de *Joga a Mamãe do Trem* vai encarnar sindicalista

DEVITO CONTA VIDA DE CAMINHONEIRO

O próximo filme a ser dirigido por **Danny DeVito** será *Hoffa*, a história do líder sindical caminhoneiro Jimmy Hoffa, famoso por sua ligação com a Máfia. O roteiro foi escrito por David Mamet, que já havia brincado com a Cosa Nostra em seu *As Coisas Mudam*. O protagonista ainda não foi escolhido.

Universal

Willem Dafoe encarna Jackson Pollock

JACKSON POLLOCK PINTA NA TELA DO CINEMA

Willem Dafoe — aquele que Scorsese pegou para Cristo — fará em 1991 o papel do pintor americano Jackson Pollock (1912-1956) em *Love Affair*, a história do romance entre Pollock e a escritora Ruth Kligma. O roteiro é inspirado no livro de memórias da própria Ruth, publicado há quinze anos, e a diretora será a estreante Elizabeth Le Compte.

AMOR E MORTE

por Luiz Nazário

Luis Buñuel nasce em 1900, na província de Aragão, onde a Idade Média prolongou-se até a Primeira Guerra Mundial. Ainda na infância, um asno apodrecido na estrada, semidevorado por cães e urubus, desperta-lhe um horrorizado fascínio pela morte. Devido a uma violenta repressão sexual, começa a associar a morte ao erotismo: junto com a fé, serão essas as forças vivas de sua adolescência e, logo, de toda a sua obra.

Na Paris dos anos 20, os surrealistas, liderados por André Bréton, desenvolvem intensa atividade. Adorando sonhar e ter pesadelos, Buñuel aproxima-se do grupo. E, a partir de sonhos que troca com Salvador Dali, realiza um curta-metragem sobre a identidade entre o amor e a morte, financiado por sua mãe: *Un Chien Andalou* (1929), que explora o mundo do inconsciente e a crise da adolescência. A cena mais justamente famosa do filme é aquela em que Buñuel, de posse de uma navalha, corta um fragmento de sua unha, depois avança em direção a uma mulher sentada, abre um de seus olhos com os dedos e, enquanto uma nuvem corta a lua, a lâmina secciona o olho em *close-up*, vazando todo o conteúdo para fora.

Os Noailles, famosos mecenas da aristocracia decadente, adoram esse apelo ao assassínio e dão dinheiro a Buñuel para que realize *L'Age d'Or* (1930), em que o desejo animal dos amantes explode e burla o controle da comunidade vigilante, atirando girafas, plumas, bispos e camas pela janela. Suas imagens blasfemas fazem escândalo. Quando de seu lançamento, no Panthéon, os Noailles convidam a fina flor da aristocracia parisiense e se postam à porta para receber as impressões: todos passam ao largo, sem dizer uma palavra.

No dia seguinte, o visconde Charles é expulso do Jockey Club. Sua mãe tem de parlamentar com o papa, em Roma, pois falam em excomunhão. Os fascistas atacam o cinema, quebram as poltronas, os quadros, jogam bombas na tela. Por quase cinqüenta anos, o filme de Buñuel só pôde ser visto em cinematecas.

A lâmina a um passo do olho de *Un Chien Andalou:* apelo ao assassínio

A VIDEO LESTE AGORA É:

Shopping Video

VIDEO LESTE

Você já imaginou ir a um só local e encontrar tudo o que precisa para sua locadora?

Então Venha ao SHOPPING VIDEO LESTE.

- 15.000 fitas - todos os lançamentos das melhores distribuidoras
- Estojos, portas fitas - diversas côres
- Ficha para cadastro de clientes
- Ficha para controle de saída de filmes
- Fichas "T"
- Rebobinadores
- Adesivo protetor do selo do CONCINE
- Fita para limpeza de cabeçote
- Comanda de entrega 2 ou 3 vias
- Diversos tipos de etiquetas
- Sacolas plásticas lisas ou personalizadas
- Capas para Vídeo Cassete, todos os modelos
- Painel de Informações
- 16 tipos de expositores
- Computadores e sistemas para gerenciamento de sua locadora
- Acessórios para vídeo, cabos, conectores, plugs etc.

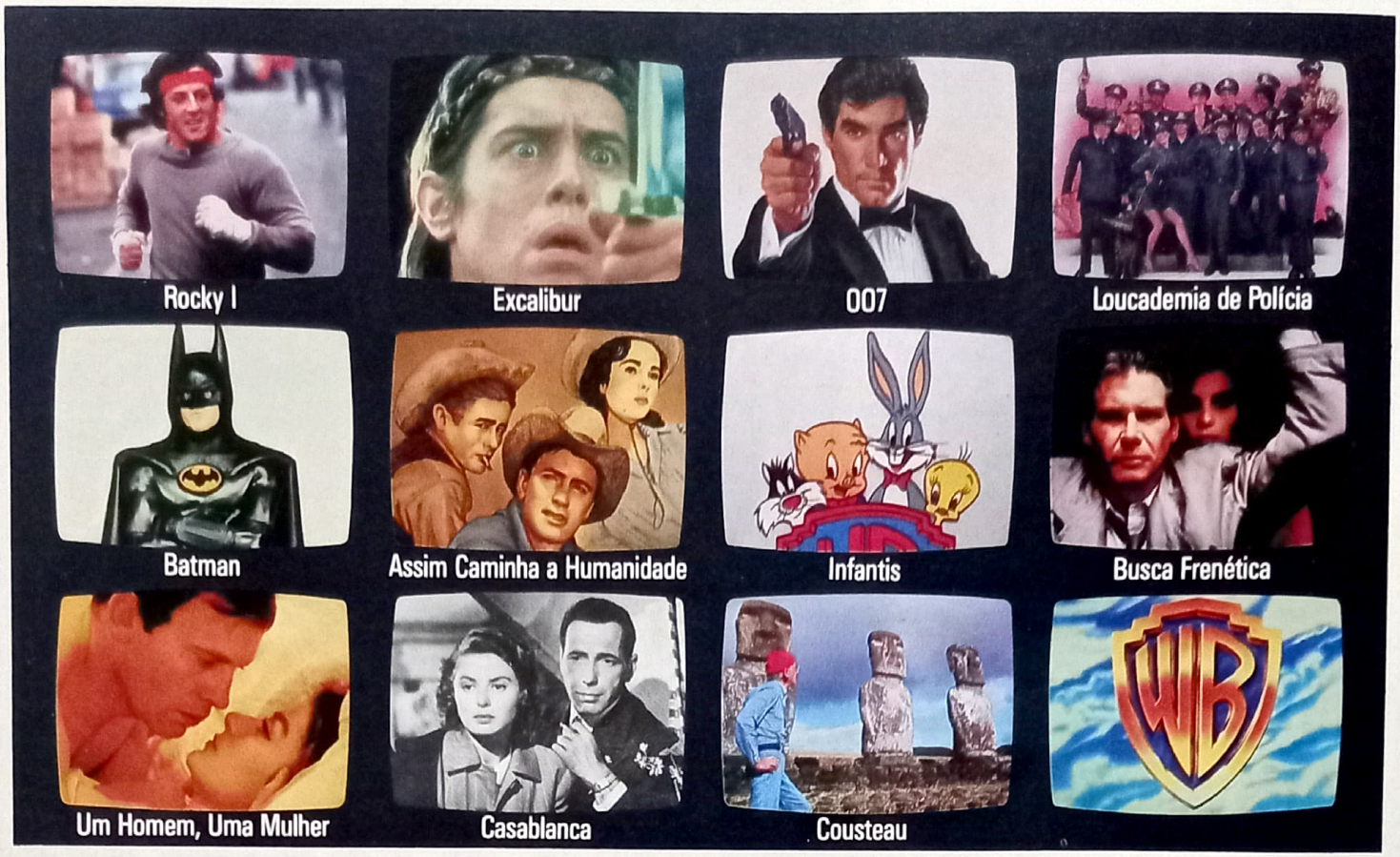
E AQUELE ATENDIMENTO QUE VOCÊ CONHECE...

Preços e Condições Especiais

Aceitamos todos os cartões de crédito

Grandes promoções para o mês de inauguração

R. 24 de Maio, 77 - 14.º andar - Conj. 1402 Fones: (011) 223-2969 - 221-0440 - CEP 01041 FAX (011) 220-7462
Av. Conselheiro Carrão, 2094 Fones: (011) 941-3362 - 217-4989 - CEP 03402 FAX (011) 217-0871



HORÁRIO NOBRE NÃO TEM HORA.

PASSE NA SUA LOCADORA E FAÇA O SEU.

Com a infinidade de filmes de todos os gêneros que a
Warner Home Vídeo oferece, você é quem determina a melhor hora
e o programa recorde de audiência na sua preferência.

WARNER HOME VIDEO

© Warner Home Video

Tem Schwarzenegger não apenas no cinema. *O Vingador do Futuro* estréia agora em todo o país, mas os filmes mais importantes do brutamontes austríaco estão disponíveis em vídeo. Tem mais Schwarzenegger nas locadoras. Mais que isso: o consumidor tem hoje cerca de 8000 títulos a seu dispor em fitas seladas — o que significa imagens corretas, direitos autorais respeitados e ausência de riscos de danos ao videocassete. O acervo cresce à média de uma centena de novos lançamentos por mês. Quando SET surgiu, há três anos, as chamadas fitas "alternativas" eram a regra, dominando quase 90% do mercado. Os verdadeiros alternativos, então, eram selados. Em 1989, no entanto, nosso mercado cresceu 195% em relação ao ano anterior, conquistando o posto de 1º colocado, em volume de vendas, na América Latina (à frente do México) e 10º no ranking mundial. Agora, 60% das fitas disponíveis são seladas e a situação dos piratas está irreversivelmente invertida. Também o mercado cinematográfico, começando pelos EUA, registrou um espantoso crescimento em relação ao começo dos anos 80. No Brasil, o número de salas saltou de 1200 em dezembro de 1989 para 1650, em agosto deste ano. Vídeo e cinema, na verdade, têm-se completado enquanto receita e enquanto marketing. Se Schwarzenegger, por exemplo, está no cinema, é um ótimo negócio para o Schwarzenegger que está na locadora. E vice-versa. SET, que sempre deu prioridade ao consumidor, ainda lamenta a falta de cinematografias inteiras, como as européias, por exemplo, mas atesta com entusiasmo os sinais de maturidade do mercado. Como a experiência vem demonstrando, é com boas e generosas ofertas de títulos selados que se vencem as fitas ilegais. Os fãs de cinema, proprietários dos 5,7 milhões de videocassetes domésticos, que movimentam as 6000 locadoras do país, podem começar a se considerar bem servidos.

Columbia Tri-Star

4 TAKES
8 TEMPOS MODERNOS
14 EM CARTAZ
Mais e Melhores Blues
16 OUTROS FILMES EM CARTAZ
30 MATÉRIA DE CAPA
O Vingador do Futuro
36 ENTREVISTA
Arnold Schwarzenegger
40 ENTREVISTA
Tom Cruise
44 AVANT-PREMIÈRE
The Godfather 3 (O Poderoso Chefão Parte III)
46 FESTIVAL DE GRAMADO
50 MITO
Steve McQueen
52 TRILHAS
54 LIVROS
57 FILMOTECA
59 VÍDEO & EQUIPAMENTOS
78 CARTAS
81 FILMOGRAFIAS
82 NOSTALGIA

Na capa: Arnold Schwarzenegger em *O Vingador do Futuro* e Tom Cruise

Fotos de capa: Columbia Tri-Star (Schwarzenegger) e UIP (Cruise)

NIKE AIR CRO
PARA ELE, UM ESP

talent

As pessoas que fazem esportes estão cada vez mais praticando vários esportes.

Esta tendência mundial foi detectada pelo pioneirismo da Nike, que lançou o conceito "cross training".

Depois de criar os melhores calçados específicos para cada esporte, os laboratórios Nike agora desenvolveram Nike Air Cross Trainer: o primeiro específico para todos os esportes.

Nike Air Cross Trainer reúne características poliesportivas e é equipado com o sistema Nike Air, exclusivo, de amortecimento e impulsão.

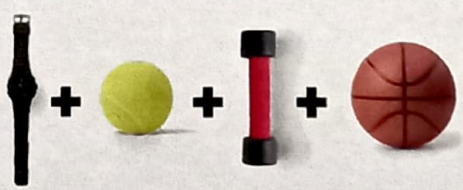
NIKE AIR CROSS TRAINER. O PRIMEIRO TÊ

SS TRAINER.
ORTE SÓ É POUCO.

Você joga tênis, basquete, anda de bicicleta, faz jogging e pratica aeróbica, sem precisar mudar de tênis a cada vez que muda de esporte.

Nike Air Cross Trainer. Para ele, um esporte só é pouco.

É para você?



NIKE AIR

JUST DO IT.

NIS ESPECÍFICO PARA TODOS OS ESPORTES.

Sobra glamour e faltam pessoas de verdade neste tributo ao jazz

MAIS E MELHORES BLUES

de Spike Lee, com Denzel Washington, Spike Lee, Joie Lee...

"Meu pai é um músico de jazz. Foi por isso que eu quis fazer este filme", diz Spike Lee, com sua habitual loquacidade. "O jazz não morreu. O jazz não é deprimente. O jazz é tocado por pessoas normais."

Na verdade, o que ele quer dizer é que: 1. Como fã, não se conforma com o grau de obscuridade que o estilo atingiu em seu próprio berço, os Estados Unidos. 2. Como cineasta negro militante — e um bocado narcisista —, não concorda com as visões de Clint Eastwood *(Bird)* nem de Bernard Tavernier *(Por Volta da Meia-Noite)* a respeito da música e dos músicos que tanto ama. "Falta humanidade a todos esses filmes", diz Lee, de mau humor. "Não existem pessoas de verdade neles, não se vê a genialidade desses músicos, apenas seu lado problemático, seus problemas com drogas."

Não existem drogas em *Mais e Melhores Blues* — mas, também, não existem pessoas de verdade. Metidos em impecáveis ternos em todos os tons do arco-íris, transitando por apartamentos decorados com o maior requinte, e tocando num clube igualmente sofisticado, os músicos do fictício quinteto liderado pelo trompetista Bleek Gilliam (Denzel Washington) deixam no ar apenas um grande mistério — com que dinheiro pagam todas as despesas, já que parecem estar sempre apurados, pressionando Bleek para que obtenha mais grana dos gananciosos donos da boate. (Brancos, é claro. Como Spike Lee, textualmente, não acredita que "negros possam ser racistas", todos os seus personagens brancos são convenientes estereótipos dos piores defeitos da humanidade. Isso, é claro, segundo ele, não é racismo.)

Se o espectador não se deixar fascinar pelas improváveis desditas financeiras dos músicos, então não há muito mais para prender

Fotos UIP

sua atenção — fora, é claro, a espetacular trilha composta por Bill Lee, pai de Spike, e executada pelo quarteto de Branford Marsalis, com a participação especial de Terence Blanchard no trompete. Durante algum tempo, Lee tenta atiçar a curiosidade do espectador para as aventuras românticas do egomaníaco Bleek, que, apesar de absolutamente obcecado por sua música e sua carreira, ainda encontra tempo de namorar duas belas moças (uma é Joie Lee, irmã de Spike — a outra é a espetacular estreante Cynda Williams, que, apesar de fazer o papel de uma balconista de loja de discos, também anda sempre vestida no mais alto requinte).

Quando o triângulo amoroso perde a razão de ser, Lee espera que fiquemos envolvidos pelo drama de Giant, o empresário trapalhão da banda (interpretado por ele mesmo, em mais um desses desempenhos em que fica bem claro que não há personagem nenhum na tela — Spike, como Woody Allen, interpreta sempre a si mesmo). Giant é afetuoso e honesto, mas incrivelmente incompetente — e gasta no jogo o que tem e o que não tem. Depois de muitas marchas e contramarchas, com intervalo, felizmente, para vários temas musicais, Giant toma uma surra por conta de suas dívidas de jogo (o mandante, é claro, é o branco Ruben Blades). O conflito sobra para Bleek/Washington, que, no processo, acaba aprendendo uma dura lição sobre a fragilidade da arte e do ego. E Spike ainda emenda o filme com um longo posfácio para mostrar que, apesar de tudo, a vida continua.

Filmado em tons gloriosos por Ernest Dickerson — com quem Spike já trabalhara em *Faça a Coisa Certa* — e comentado pela música opulenta de Bill Lee, mais seleções cuidadosas de clássicos de Miles Davis, John Coltrane e Ornette Coleman, *Mais e Melhores Blues* parece um fantástico bombom, uma apoteose da forma sobre conteúdo. Suas intenções, como tudo aliás na carreira de Spike, são nobilíssimas. "É um absurdo que o jazz, hoje, seja mais consumido na Europa que nos Estados Unidos", diz Spike. "Bleek diz isso no filme, e eu concordo plenamente — foi por isso que escrevi essa fala no roteiro. *Rap* é uma forma válida de expressão afro-americana, mas jazz é uma forma muito mais eloqüente, é uma forma maior de arte."

Se *Mais e Melhores Blues* vai ou não conseguir trazer o jazz de volta para o primeiro plano que merece — e que já foi seu — é coisa discutível. Talvez ele até consiga, mas de uma forma bem diferente daquela que Spike prevê. "Quando a garotada vir as mulheres lindas que namoramos neste filme e as roupas sensacionais que usamos, vão todos com certeza querer cair direto no jazz", diz o bem-humorado Wesley Snipes, que faz o papel do saxofonista Shadow, rival de Bleek na liderança da banda — e que, na vida real, é fã de *rap* e Michael Jackson. "Cara, se for pra ter esses brotos e esses ternos, eu toco Charlie Mingus até meus dedos sangrarem."

Ana Maria Bahiana

Mo' Better Blues, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Spike Lee ■ Com Denzel Washington, Spike Lee, Wesley Snipes, Joie Lee, Cynda Williams, Giancarlo Esposito, Robin Harris, Branford Marsalis ■ ROTEIRO: Spike Lee ■ FOTOGRAFIA: Ernest Dickerson ■ MÚSICA: Bill Lee ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Wynn Thomas ■ MONTAGEM: Sam Pollard ■ PRODUÇÃO: Spike Lee ■ DURAÇÃO: 127 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Na página oposta, o trompetista Bleek Gilliam (Denzel Washington) alivia as tensões nas mãos de uma de suas amantes, Clarke Bentancourt (Cynda Williams). Acima, Spike Lee (centro) é o incompetente empresário musical Giant: bom sujeito, mas corrompido pelo jogo

Os diabinhos enlouqueceram de vez

GREMLINS 2

de Joe Dante, com Phoebe Cates, Zach Galligan...

Joe Dante é uma anomalia. É um diretor "nobre" cujo coração é todinho — e, ao que parece, somente — dos filmes *B*. Ideal para uma noitada no *drive-in*, *Gremlins 2* é a patuscada mais recente de uma fornada incomum — e desigual — de fantasias alopradas criadas por Dante, que já deu ao cinema lobisomens *(Gritos de Horror)*, latas de lixo intergaláticas *(Viagem ao Mundo dos Sonhos)*, pilotos reduzidos a proporções microscópicas *(Viagem Insólita)* e os diabretes que agora retornam em maior número, variedade e astúcia.

Gizmo — o gremlin "do bem" — reencontra seu antigo dono em Manhattan, depois que a loja de antigüidades em Chinatown, onde permanecia guardado, foi posta abaixo por um magnata da construção civil — híbrido de Donald Trump e Ted Turner — Daniel Clamp (John Glover).

Por um acidente, Gizmo é borrifado com a água de um bebedouro e dele surgem os diabretes "do mal". Rapidamente multiplicados, os gremlins malvados arrombam a festa num laboratório de pesquisa genética e dali saem transmutados em gremlins-aranhas, gremlins-morcegos, gremlins-hortifrutis, gremlins-elétricos e um sofisticadíssimo gremlin-intelectual.

Os bicharocos tomam o poder no edifício *hi-tech* que abriga o Clamp Center (primo-irmão da Trump Tower?) e ameaçam invadir Nova York quando... quando Dante joga a história "formal" pela janela e dá a partida a um emaranhado de gags tresloucadas que satirizam o cinema e os próprios gremlins.

Gizmo vira um Rambinho, enquanto os demais diabretes encenam um complicado número musical que caberia como luva nos anos clássicos da Metro. Christopher Lee, no papel do chefe do laboratório de pesquisa genética, satiriza seu próprio passado de terror, com falas enxertadas de um filme de Drácula. O próprio filme original é alvo da gozação mais ferina — e mais inesperada — quando Hulk Hogan, um astro da luta livre norte-americana, é convocado para chamar os gremlins às falas.

A humorada metralhadora giratória de Dante é ruidosa e subversiva, mas tem balas recheadas de carinho — basicamente carinho pelo cinema. Aqui e ali, citações, de *Batman* a filmes de monstro dos anos 50 e 60.

José Emilio Rondeau

Ao lado, o bom Gizmo espreita a anarquia dos terríveis Gremlins. Abaixo, um deles é condimento da repugnante macarronada

Fotos Warner

Gremlins 2: The New Batch, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Joe Dante ■ Com Zach Galligan, Phoebe Cates, John Glover, Robert Picardo, Christopher Lee, Haviland Morris ■ ROTEIRO: Charlie Hass, baseado nos personagens de Chris Columbus ■ FOTOGRAFIA: John Hora ■ MÚSICA: Jerry Goldsmith ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: James Spencer ■ MONTAGEM: Kent Beyda ■ EFEITOS ESPECIAIS: Ken Pepiot ■ PRODUÇÃO: Michael Finnell ■ DURAÇÃO: 105 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Mais uma fórmula para o sucesso fácil

ORQUÍDEA SELVAGEM

de Zalman King, com Mickey Rourke...

Como criticar um filme cujos próprios realizadores definem como uma fórmula para obter sucesso garantido junto a um determinado público? Antes de mais nada, cabe explicitar essa fórmula: uma mistura de *Nove Semanas e Meia de Amor* com *Emanuelle*, juntando o "relacionamento estranho e problemático" do primeiro com o erotismo exótico-turístico do segundo. Tudo frouxamente amarrado por um enredo de revista *Sabrina*, decorado com uma estética de comercial de *lingerie* e embalado a samba, lambada e trio elétrico.

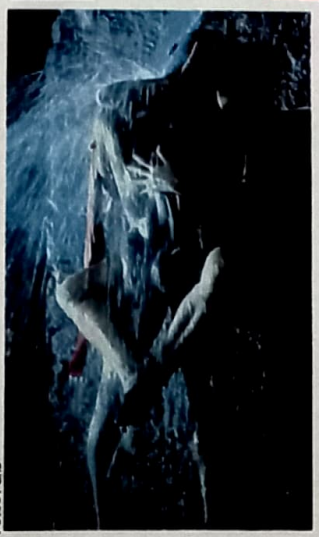
Não por acaso, o protagonista é o mesmo Mickey Rourke de *Nove Semanas e Meia*, desta vez "bronzeado" artificialmente por uma tinta marrom e com o rosto chupado por uma espécie de lipoaspiração que passou do ponto. Impassível e monossilábico, ele interpreta Wheeler, um misterioso milionário que vive no Brasil e, apesar de impotente, é supostamente irresistível às mulheres. Além de forçá-las a fazer sexo com outros homens diante de seus olhos de *voyeur*, nas horas vagas ele espanca marinheiros, faz amizade com pivetes de favela e roda solitário com sua Harle-Davidson pela Rio—Bahia, com um lenço esvoaçante amarrado à cabeça e um pôr-do-sol de cartão-postal ao fundo.

Sua vítima desta vez é Emily, interpretada (força de expressão) pela modelo Carré Otis. Advogada tímida do Meio-Oeste americano, Emily é trazida ao Brasil e jogada à fera por sua patroa, a empresária Claudia (Jacqueline Bisset, coitada), que tem a original idéia de construir um complexo turístico no Rio de Janeiro. Este continua lindo, mas por via das dúvidas foi "dublado" pelas praias da Bahia, mais pitorescas e menos poluídas.

Zalman King, o diretor, também egresso de *Nove Semanas* (do qual foi co-roteirista), é um gênio da promoção: espalhou para a imprensa que a pretensamente tórrida trepada final foi realmente levada às vias de fato por Rourke e Otis. Se colar, colou. Só resta dar os pêsames às pessoas respeitáveis (Bisset, Milton Gonçalves, Margareth Menezes) envolvidas nessa picaretagem.

José Geraldo Couto

Wild Orchid, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Zalman King ■ Com Mickey Rourke, Jacqueline Bisset, Carré Otis ■ ROTEIRO: Zalman King e Patricia Louisianna Knop ■ FOTOGRAFIA: Gale Tattersall ■ MÚSICA: Geoff MacCormack e Simon Goldenberg ■ PRODUÇÃO: Mark Damon e Tony Anthony ■ DURAÇÃO: 100 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris

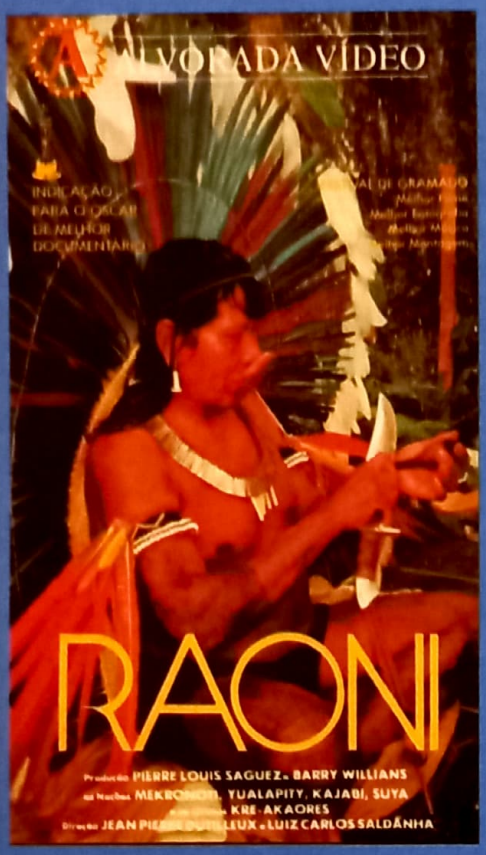


Acima, a acanhada Emily (Carré Otis) se deixa embalar pelo playboy Wheeler (Mickey Rourke); ao lado, o embalo é total

Folos Paris

PREPARE SUA EMOÇÃO PARA A PÁGINA SEGUINTE, SEU FILHO MERECE

HISTÓRIAS VIBRANTES E HERÓIS FANTÁSTICOS, PARA VOCÊ TER SEMPRE EM CASA



Relato da vida dos últimos índios brasileiros em sua luta pela sobrevivência. Numa selva ameaçada pela civilização.

Emocionante história da Amizade de um garoto e uma foca.

A garotada vai adorar. Um documento histórico do poder do "Heavy Metal"

ALVORADA VÍDEO

R. Gen. Osório, 295 - Sb. loja
CEP.: 01213 - Centro - SP
Tel : (011) 222-9355

FITA DE VÍDEO É UM PRESENTE DIFERENTE!

A ALVORADA VÍDEO tem uma promoção especial para o Dia das Crianças, e para antecipar suas compras de Natal.

AS INCRÍVEIS AVENTURAS DE

MARCO POLO JR.

Enfrentando magias maléficas e monstros assustadores o jovem Marco Polo luta para libertar o reino de Xanadu das garras do mal e devolvê-lo à linda e bondosa princesa.

DUBLADO

DUBLADO

SUPERMOUSE A GRANDE CAÇADA ESPACIAL

Supermouse, o rato mais valente do mundo, numa fascinante aventura intergaláctica, na guerra contra os Terríveis gatos espaciais.

Preencha o cupom abaixo e envie para **ALVORADA VÍDEO LTDA.**
Rua Gen. Osório nº 295 S. loja
CEP: 01213 - Centro - SP
Você receberá as fitas em sua residência.

Para maiores informações ligue: (011) 222-9355

SIM, quero adquirir as seguintes fitas da ALVORADA VÍDEO.

SMS-39

Nome _____
CPF _____ RG _____
End. _____
CEP _____ Assinatura _____
Cidade _____ Estado _____ Telefone _____

	Quantidade
SUPERMOUSE (A GRANDE CAÇADA ESPACIAL)	
MARCO POLO JR (AS INCRÍVEIS AVENTURAS DE	
O MENINO E A FOCA DOURADA	
OS ANOS DO HEAVY METAL	
RAONI	

Estou enviando cheque nominal à ALVORADA VÍDEO LTDA.
no valor de Cr$ _____

PREÇOS VÁLIDOS PARA PEDIDOS POSTADOS ATÉ 31.10.90

01 Fita Cr$ 5.900,00
02 Fitas Cr$ 11.500,00
03 Fitas Cr$ 16.200,00
04 Fitas Cr$ 21.000,00

OBS: Pedidos totais acima de 04 (quatro) fitas, preço unitário Cr$ 4.720,00

ATENÇÃO: Custo do frete por fita: Cr$ 500,00

Ode deslumbrante à natureza moribunda

SONHOS

de Akira Kurosawa, com Martin Scorsese...

Akira Kurosawa declarou certa vez que quando quisesse transmitir uma mensagem escreveria uma carta. *Sonhos* é talvez essa carta íntima e desesperada que o artista, aos 80 anos, resolveu escrever à humanidade, usando a linguagem que melhor domina, aprimorada ao longo de 28 filmes memoráveis. Por isso seus sonhos não parecem sonhos, mas fábulas. Organizados segundo uma lógica rigorosa e um sentido evidente, são oito sonhos exemplares, didáticos, "com mensagem".

O tema que os unifica é a morte — do indivíduo, da natureza, ou simplesmente a morte. Em todos eles — com exceção do derradeiro e idílico "Aldeia dos Moinhos d'Água" —, o homem aparece em desconcerto com a natureza, como um agente de desequilíbrio, anomalia e destruição. Já o primeiro sonho ("O Sol Brilhando Através da Chuva"), em sua aparente candura, prepara o apocalipse ecológico que está por vir. Ao desobedecer, movido pela curiosidade, o preceito que proíbe a observação do ritual de acasalamento das raposas, o garoto comete um sacrilégio que, iluminado retrospectivamente pelos sonhos seguintes, pode ser visto como um embrião de toda a agressão cometida pelo homem contra a natureza, um pecado original comparável ao de Adão e Eva.

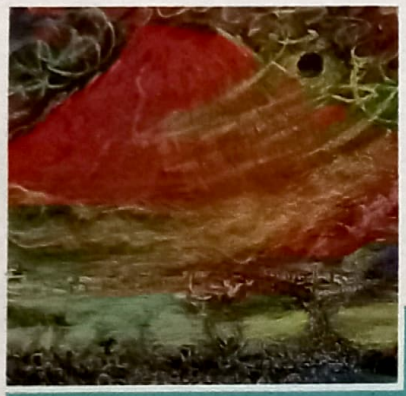
O tema, logo se vê, é semelhante ao de *Koyaanisqatsi*, *Powaqqatsi* e outros *qatsi*. Mas, ao contrário da afetação pretensiosa dos filmes de Godfrey Reggio, o que se vê em *Sonhos* é um domínio tão perfeito dos meios de expressão cinematográficos que a montagem e os movimentos de câmera são praticamente "invisíveis".

O próprio deslumbramento visual do filme — proporcionado pelos efeitos especiais da Industrial Light & Magic, pela maestria do fiel diretor de arte Yoshiro Muraki e pelas cenas de multidões dirigidas pelo criador de *Godzilla*, Ishiro Honda — tem um sentido expressivo e até conceitual. Nesta ode à natureza moribunda, a morte é a ausência de cor, ou, mais precisamente, a aridez monocromática: o branco de "Nevasca", o cinza de "O Demônio Choroso", o marrom de "O Túnel". Mas esta é uma via de mão dupla, e, enquanto o verde é vida em "A Aldeia dos Moinhos d'Água", a morte é multicolorida em "Monte Fuji em Vermelho": o vermelho é plutônio, o amarelo é estrôncio e o roxo é césio 137.

No centro desse concerto cromático há um sonho particularmente revelador: "Corvos", em que o jovem Kurosawa (Akira Terao) encontra-se com Vincent Van Gogh (Martin Scorsese) e literalmente "entra" nos quadros do pintor holandês. Além de um prodígio de técnica e criatividade, o segmento é, mais que uma homenagem a Van Gogh, a apologia da arte como via privilegiada de entendimento (ainda que tempestuoso) entre o homem e a natureza.

No mais, o discurso ecológico de Kurosawa situa-se em algum lugar entre o simples e o simplório. Mas a força do que é dito resulta justamente de sua obviedade, aparentemente esquecida. No último episódio, um velho aldeão (Chishu Ryu) diz: "As coisas mais importantes para o homem são o ar puro e a água limpa". Quem ousaria discordar?

José Geraldo Couto



Abaixo, o "quadro" de Van Gogh. No destaque, o desenho de Kurosawa para *Monte Fuji em Vermelho*

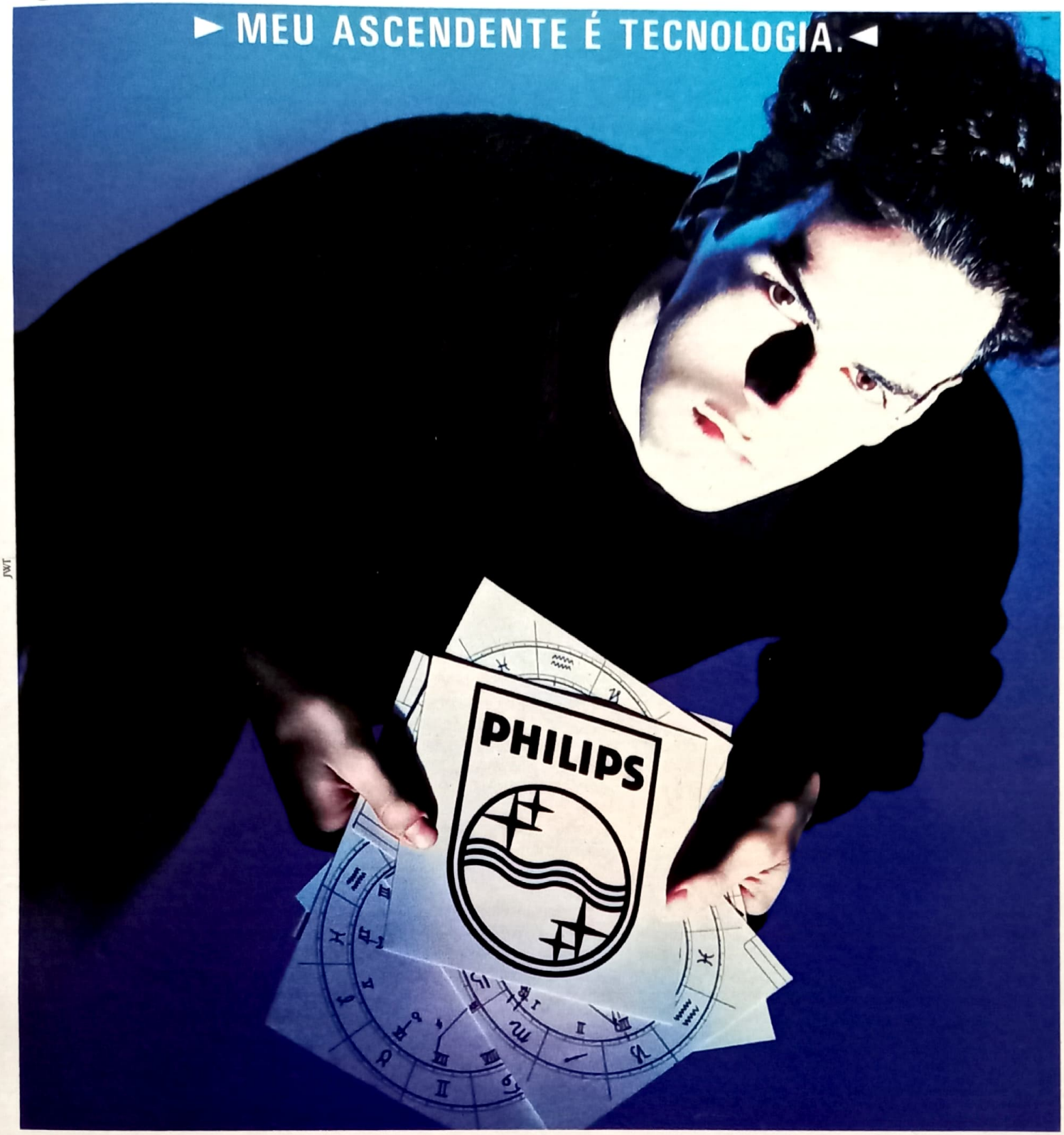
Fotos Warner

Akira Kurosawa's Dreams, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Akira Kurosawa ■ Com Akira Terao, Mitsunori Isaki, Martin Scorsese, Chishu Ryu, Mieko Harada, Mitsuko Baisho ■ ROTEIRO: Akira Kurosawa ■ FOTOGRAFIA: Takao Saito e Masahuru Ueda ■ MÚSICA: Shinichiro Ikebe ■ EFEITOS VISUAIS: Ken Ralston e Mark Sullivan para a Industrial Light & Magic ■ DIREÇÃO DE ARTE: Yoshiro Muraki e Akira Sakuragi ■ MONTAGEM: Tome Minami ■ PRODUÇÃO: Hisao Kurosawa e Mike Y. Inoue ■ DURAÇÃO: 119 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

PHILIPS

PHILIPS

► MEU ASCENDENTE É TECNOLOGIA. ◄



► O HOMEM DE LEÃO SABE QUE O DIA ESTÁ BOM PARA OS NEGÓCIOS QUANDO COMPRA UM TV PICTURE IN PICTURE PHILIPS. ELE GANHA DUAS IMAGENS SIMULTÂNEAS NUMA MESMA TELA. ► A MOÇA DE SAGITÁRIO SABE QUE O DIA ESTÁ BOM PARA O AMOR QUANDO O RAPAZ DE GÊMEOS A CONVIDA PARA OUVIR UM SOM LASER EM SEU NOVO CD PLAYER PHILIPS. ► NO IMENSO MAPA ASTRAL QUE REGE O DIA-A-DIA DAS PESSOAS, A CONSTELAÇÃO DOS PRODUTOS PHILIPS TEM UM BRILHO TODO ESPECIAL. ► O ZODÍACO PHILIPS GOVERNA DESDE A SAÚDE HUMANA, ATRAVÉS DE SOFISTICADOS EQUIPAMENTOS HOSPITALARES, ATÉ CARACTERÍSTICAS ABSOLUTAMENTE PESSOAIS, COMO O ZELO POR UMA BARBA BEM FEITA. ► CONSULTE O HORÓSCOPO. VOCÊ VAI VER QUE TODAS AS SUAS CARACTERÍSTICAS ASCENDEM A UMA VIDA MELHOR QUE SÓ A TECNOLOGIA PODE PROPORCIONAR. ► ISSO QUER DIZER QUE SE O SEU ASCENDENTE É TECNOLOGIA, O SIGNO É PHILIPS.

► PHILIPS PRODUTOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO. ◄

Super-heróis cascudos chegam ao celulóide

AS TARTARUGAS NINJAS

de Steve Barron, com Judith Hoag, Elias Koteas...

O papo aqui só deverá fazer sentido para quem foi afetado — de uma forma ou de outra — pela tartarugomania via quadrinhos ou TV (a série é exibida no *Xou da Xuxa*) e se prepara agora para descobrir como Michaelangelo, Rafael, Donatello e Leonardo — *As Tartarugas Ninjas* — se comportarão na grande tela. Não há nada neste filme que um tartarugomaníaco já não tenha visto ou ouvido, exceto o fato de o diretor Steve Barron (clipeiro exemplar que deu ao mundo *Billie Jean*, de Michael Jackson) preferir usar atores de verdade em vez de optar por personagens criados em animação. Continuam com o mesmo apetite por pizzas radicais (que tal cobertura de geléia de morango misturada com camarão? Ou manteiga de amendoim com cebola?), ainda falam feito surfistas desgarrados da onda e combatem no filme o mesmo inimigo dos gibis e dos desenhos, Shredder.

Mesmo quem não tenha decorado os bordões das *Tartarugas Ninjas* conseguirá entender aqui a origem destes heróis cascudos: tartarugas normais, eles caíram num bueiro da cidade e mergulharam num líquido radioativo que escorria pelo ralo. Dentro dos subterrâneos da cidade, conheceram um ratão igualmente inocente que também havia se banhado no mesmo produto químico. Por causa do líquido radioativo, as criaturas acabam ganhando superpoderes.

O ratão, chamado Splinter, ensina às tartarugas filosofia oriental e artes marciais — ou seja, tudo o que ele mesmo havia "aprendido" de seu antigo dono, um mestre ninja. No filme, o vilão Shredder — suspeito de ter assassinado o mestre ninja de Splinter — comanda um exército de adolescentes ladrões. E *As Tartarugas Ninjas* se envolvem com Shredder na hora em que se apaixonam pela repórter de TV que está desvendando as tramóias do vilão — Shredder pede a cabeça da repórter e as tartarugas resolvem protegê-la.

Quando foi exibido nos Estados Unidos, o filme recebeu duras críticas quanto a seu pretenso alto grau de violência. De fato, a porrada come solta, mas os detratores do filme exageraram: talvez não saibam que a criançada vê coisa parecida na TV toda manhã de sábado.

A grande violência que o filme comete é contra a paciência de pais, que precisam levar os filhos para segundas, terceiras ou quartas doses.

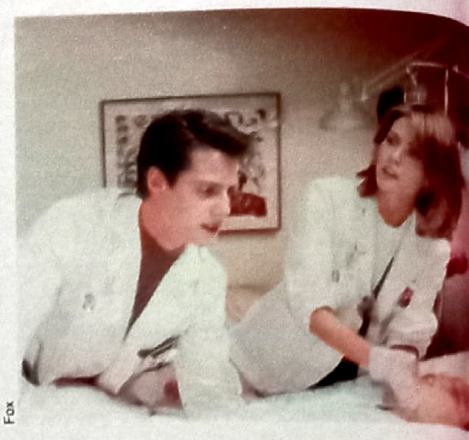
José Emilio Rondeau

UIP

Duas simpáticas e radicais tartarugas ninjas, na pele de atores de verdade

Teenage Mutant Ninja Turtles, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Steve Barron ■ Com Judith Hoag, Elias Koteas, Joch Pais, Michelan Sisti, Leif Tilden, David Forman ■ ROTEIRO: Todd W. Langen e Bobby Herbeck, a partir da história de Herbeck, baseado nos personagens de quadrinhos criados por Kevin Eastman e Peter Laird ■ FOTOGRAFIA: John Fenner ■ MÚSICA: John Du Prez ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Roy Forge Smith ■ DESENHO DOS PERSONAGENS: Jim Henson ■ EFEITOS ESPECIAIS: Joey Di Gaetano para a Special Effects Unlimited ■ PRODUÇÃO: Kim Dawson, Simon Fields e David Chan ■ DURAÇÃO: 93 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Pasdar e Diane no ato de uma cirurgia



Fox

OS RESIDENTES

com Diane Lane

Quem assistia aos seriados de TV do tipo *Dr. Kildare* ou *Marcus Welby* vai adorar. A diretora Marisa Silver *(Old Enough, Para Sempre na Memória)* resolveu investir no gênero "melodrama hospitalar", com a banal história de cinco terceiranistas de Medicina levados por um rígido professor, o Dr. Redding (Jimmy Smits), ao ofício de curar. A troca da teoria pelos doentes, realizada por Michael (Adrian Pasdar), Gina (Diane Lane, de *Cotton Club* e *O Selvagem da Motocicleta)*, Bobby (Tim Ransom), Suzanne (Jane Adams) e Kenny (Jack Gwaltney, de *Pecados de Guerra)* não acontece sem traumas, incluindo os primeiros partos, os primeiros pacientes mortos e romances que começam e terminam. Kenny tenta puxar o tapete do mocinho Michael na disputa por uma "boquinha" na cirurgia, rivalidade que reflete na mesa de operação. Entre os raros bons momentos, o da estudante que dá receita caseira (e é repreendida pelo médico) e a performance sensível da argentina Norma Aleandro, como a paciente Henrietta.

Antonio Querino Neto

Vital Signs, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Marisa Silver ■ Com Adrian Pasdar, Diane Lane, Jack Gwaltney, Laura San Giacomo, Jane Adams, Tim Ransom ■ ROTEIRO: Larry Ketron e Jeb Stuart, baseado na história de Larry Ketron ■ FOTOGRAFIA: John Lindley ■ MÚSICA: Miles Goodman ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Todd Hallowell ■ MONTAGEM: Robert Brown e Danford B. Greene ■ PRODUÇÃO: Laurie Perlman e Cathleen Summers ■ DURAÇÃO: 103 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Os super-heróis vão invadir sua casa

A magia dos desenhos acaba de entrar em sua realidade. A Herbert Richers lança, em histórias inéditas em vídeo, os super-heróis que os baixinhos adoram por um preço que você vai adorar mais ainda. Agora, a qualquer momento, seus filhos poderão cruzar o espaço com **BraveStarr**, entrar nas aventuras atrapalhadas dos **Verdadeiros Caçadores de Fantasmas** e se encantar com a força de **He-Man** e a beleza de **She-Ra**. E para dar esse presentão, você não precisa nem sair de casa, é só ligar para **021-800-2372** e adquirir suas fitas. A ligação é inteiramente grátis. Ou enviar o cupom abaixo para a Herbert Richers. Dê uma de super-herói e leve voando estes superlançamentos para sua casa.

SIM, quero ter as aventuras dos super-heróis em casa

NOME_____

ENDEREÇO_____

CEP_____ CIDADE_____ ESTADO_____ TEL_____

TÍTULO	QUANT.	VALOR
HE-MAN E O COMETA CÓSMICO		
SHE-RA - DUELO EM DEVLAN		
BRAVESTARR - O DESAPARECIMENTO DE FURACÃO		
OS VERDADEIROS CAÇADORES DE FANTASMAS 1		
TOTAL		

Preço de cada fita: **Cr$ 2.770,00**
(Você não paga o frete: É GRÁTIS)

Na seguinte forma de pagamento:

☐ Envio cheque anexo, cruzado e nominal à Herbert Richers S/A do banco_____

☐ Autorizo o débito em meu cartão

Credicard/Diners nº_____

Validade____/____ Data____/____/____

Assinatura:_____

Promoção válida até 10/11/90

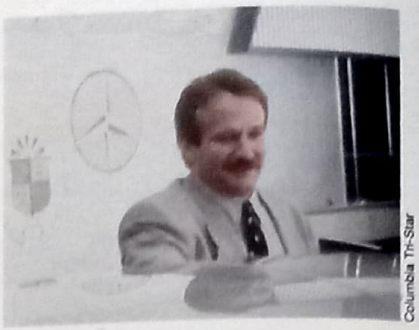
LIGUE GRÁTIS! 021-800-2372

COMPRE PELO TELEFONE!
USE O SEU CARTÃO DE CRÉDITO
DINERS CLUB

HERBERT RICHERS

BEE-39

Robin Williams é Joey O'Brien, um vendedor astuto mas em apuros num filme anódino



Columbia Tri-Star

Comédia escapa dos padrões convencionais

TE AMAREI ATÉ TE MATAR

de Lawrence Kasdan, com Kevin Kline...

Joey Boca (Kevin Kline) é o estereótipo da verve italiana em Nova York. Canta todas as gazelas que entram em sua pizzaria e transa com todas as inquilinas de seus apartamentos, mas jura amor e fidelidade à inocente Rosalie (Tracey Ullman), sua mulher. Seu *modus vivendi* chauvinista inclui noitadas freqüentes e visitas semanais ao confessionário, onde o padre não dá conta de penitenciá-lo por adultério.

Cedo ou tarde, no entanto, Rosalie perceberá o que não quer: pouco discreto, Joey será flagrado por ela em uma de suas investidas nas redondezas do restaurante. Inconformada, ela só vê uma saída: matá-lo. Solicita a ajuda do amigo místico Devo (River Phoenix), que é apaixonado por ela, e da mãe Nadja (Joan Plowright), para levar seu intento a cabo. Surpreendendo todos, a mesma vitalidade que faz de Joey um garanhão insaciável o torna incrivelmente resistente às caixas de soníferos que lhe são servidas no molho com espaguete, às pauladas com taco de beisebol de um matador contratado, e até aos tiros que leva de Devo e da dupla de drogados Harlan e Marlon (William Hurt e Keanu Reeves), chamados por Devo à última hora para "resolver" o problema.

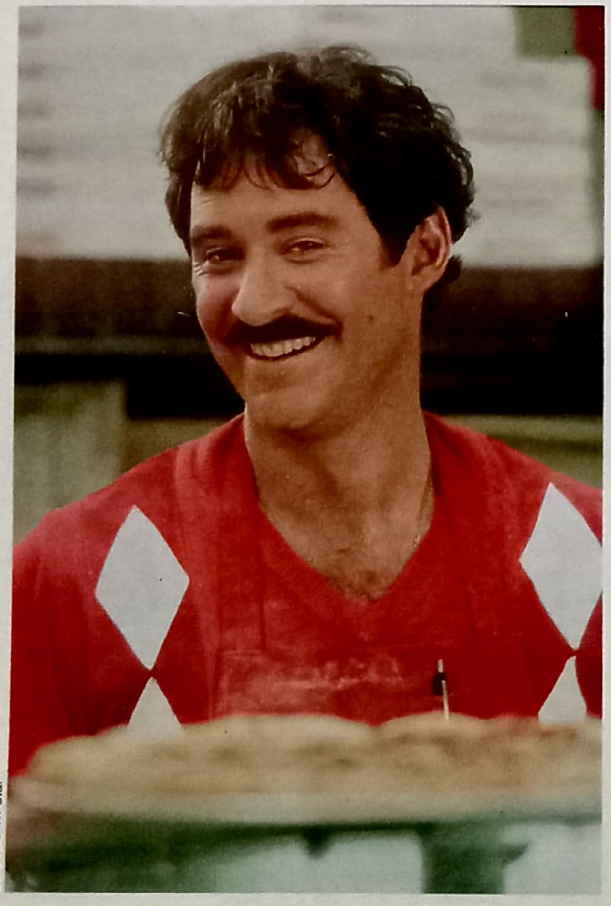
A trama parece inverossímil. O roteiro de John Kostmayer, baseado numa história real, não é o único aspecto que descola o filme da realidade e o coloca entre as mais originais comédias americanas de 1990. Igualmente excêntricos são os papéis de Hurt (pós-hipie viciado), Phoenix (espiritualista assassino) e Plowright (vovó especialista em mêcanica). Mais incomum ainda é a estrutura narrativa nada convencional dentro dos moldes comerciais de Hollywood.

O diretor Lawrence Kasdan *(Corpos Ardentes, O Turista Acidental)*, bem-sucedido roterista das duas partes finais da trilogia *Guerra nas Estrelas* e de *Os Caçadores da Arca Perdida*, equacionou com ousadia um texto que se resolveria entre três paredes de um palco de teatro em esquetes típicos dos *sitcoms* televisuais.

O humor, obviamente, é mais que negro. Mas a inteligência do filme está na benevolência que inspira com relação à família de matadores. Sua causa, jamais posta em dúvida, é tão justa quanto o direito de Joey de trair a esposa.

Mario Nery

Para Joey Boca (Kevin Kline), por trás de uma pizza há sempre uma aventura amorosa



Columbia Tri-Star

I Love You To Death, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Lawrence Kasdan ■ Com Kevin Kline, Tracey Ullman, Joan Plowright, River Phoenix, William Hurt, Keanu Reeves ■ ROTEIRO: John Kostmayer ■ FOTOGRAFIA: Owen Roizman ■ MÚSICA: James Horner ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Lilly Kilvert ■ MONTAGEM: Anne V. Coates ■ PRODUÇÃO: Jeffrey Lurie e Ron Moler ■ DURAÇÃO: 96 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

UM CONQUISTADOR EM APUROS

com Robin Williams

É preciso muito talento, muito prestígio e uma certa cara-de-pau para alguém como Robin Williams, em curva profissional obviamente ascendente, encarar um filme como este — e sobreviver a ele. Dirigido pelo australiano Roger Donaldson, que tem um passado absolutamente desigual, com bons filmes como os neozelandeses *Sleeping Dogs* e *Smash Palace*, o competente *Sem Saída* e a bomba *Cocktail — Um Conquistador em Ação*, parte de uma idéia até interessante: colocar Williams, com sua capacidade de improvisação e seu charme verbal, como um vendedor de automóveis, e ver se, apenas no papo (essa arma feroz das concessionárias), ele consegue sair de uma situação cabeluda: um assalto/seqüestro, em pleno calor das vendas do fim de semana.

O problema é que o roteiro é idiota, os diálogos são tolos, os personagens — especial e ofensivamente os personagens femininos — são caricatos, e a direção que Donaldson imprimiu aos atores está mais para a chanchada que para a comédia de ação que o filme pedia. Todo mundo grita e faz esgares. Salvam-se todos, menos o filme. *Ana Maria Bahiana*

Cadillac Man, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Roger Donaldson ■ Com Robin Williams, Tim Robbins, Pamela Reed, Fran Drescher, Zack Norman ■ ROTEIRO: Ken Friedman ■ FOTOGRAFIA: David Gribble ■ MÚSICA: J. Peter Robinson ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gene Rudolf ■ MONTAGEM: Richard Francis-Bruce ■ PRODUÇÃO: Charles Roven e Roger Donaldson ■ DURAÇÃO: 97 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star/Orion

O 1º TIME DO VÍDEO. COM UM ANO DE GARANTIA.

GARANTIA 1 UM ANO

Uma verdadeira seleção:
HR D 440 M – 4 Cabeças Double Azimuth, NTSC PAL-M automático, ON SCREEN, Controle Remoto Unificado (Vídeo TV).
HR D 641 M – Mais compacto. 4 Head Double Azimuth, com exclusivo corte ovalado, NTSC PAL-M automático, Sistema MENU na tela, Tape Counter em tempo real, Controle Remoto Unificado (Vídeo TV), com 29 funções, Sintonizador para 181 canais (VHF UHF).
CÂMERA VÍDEO MOVIE GR-60 U – 1,2 Kg, cabe na palma da mão, CCD de altíssima resolução, obturador de velocidade múltipla e Zoom de velocidade dupla, com posição macro.
Faça sua seleção e escolha. A JVC tem os mais avançados equipamentos, exclusiva Garantia de 1 ano, estoques de peças originais e uma completa rede autorizada, treinada pela própria JVC. Só a JVC mesmo.

À venda na Zona Franca de Manaus.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144

ITALIA'90
O vídeo oficial da Copa do Mundo 1990

JVC®

TECNOVIDEO é marca registrada da Tecnovideo Engenharia e Projetos Ltda.
JVC é marca registrada da Victor Company of Japan.

AS AVENTURAS DE FORD FAIRLANE

com Andrew Dice Clay

Andrew "Dice" Clay era um comediante extremamente popular nos Estados Unidos quando a Fox o contratou para estrelar o policial-rock *As Aventuras de Ford Fairlane*, um filme sem grandes atrativos, mero veículo para transformar Clay, ex-coadjuvante e formado nos palcos e estúdios de TV, num superastro do cinema.

De lá para cá, Andrew caiu em desgraça: sua metralhadora giratória misógina, munida de grosserias ultrajantes para quem não for homem, heterossexual convicto e branco, atingiu os brios da sociedade americana de tal forma que, no ricochete, feriu mortalmente o prestígio do humorista. O ex-*darling* de uma grande massa de admiradores virou o pária de uma nação inteira. A Fox adiou *sine die* o lançamento do filme-show (*The Andrew Dice Clay Concert Movie*) e está amargando uma renda decepcionante com o que estimava ser um *hit:* o filme — *Ford Fairlane* — estacionou abaixo de 20 milhões de dólares.

José Emilio Rondeau

The Adventures of Ford Fairlane, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Renny Harlin ■ Com Andrew Dice Clay, Wayne Newton, Priscilla Presley, Morris Day, Lauren Holly, Maddie Corman ■ ROTEIRO: Daniel Waters, James Cappe e David Arnott, baseado na história de Cappe e Arnott ■ FOTOGRAFIA: Oliver Wood ■ MÚSICA: Yello ■ MONTAGEM: Michael Tronick ■ PRODUÇÃO: Joel Silver e Steve Perry ■ DURAÇÃO: 104 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Andrew Dice Clay: da popularidade ao desprestígio

Fox

Nelson (Sutherland) e Rachel (Julia) matam Labraccio (Bacon) provisoriamente

Columbia Tri-Star

Brincadeira com morte provisória tem estilo

LINHA MORTAL

de Joel Schumacher, com Kiefer Sutherland...

Por que Hollywood anda tão fascinada com a morte ultimamente? O tema, é claro, não tem nada de novo. O que é novo em Hollywood? As relações entre mortos e vivos repetem-se insistente e ciclicamente. Todas com final feliz, é claro, porque morte sem *happy ending* só fica bem na realidade e não na tela — afinal, não queremos deixar o distinto público deprimido, engasgando com a pipoca, certo?

Essa, na verdade, é a falha que rouba parte do brilho desta gema quase perfeita que Joel Schumacher *(Garotos Perdidos, O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas)* construiu. E se um grupo de jovens estudantes de Medicina, que tem a coragem arrogante da pouca idade somada ao acesso à rede de segurança da ciência, decidisse infligir em si mesmo a morte clínica e a revivificação artificial, só para explorar esse território sombrio que fascina a humanidade desde as cavernas? Em outras mãos, essa mesma história poderia resultar tanto num filme de terror classe Z quanto num dramalhão mexicano. Mas Schumacher (que foi figurinista e diretor de arte antes de ser cineasta) é um estilista, em primeiro lugar. Sua visão da morte e da ciência tem como referência imediata a *Lição de Anatomia* de Rembrandt (que, aliás, pontua discretamente as cenas cruciais): os cinco *flatliners* (referência à linha reta que indica, nos monitores, a morte cardíaca e cerebral) navegam no poço sem fim da morte.

Do outro lado, dependendo de cada um, há sexo, mentiras e videoteipe, e é exatamente ao tentar arrumar demais o que deveria permanecer como o maior mistério da experiência humana que o filme perde o apelo francamente hipnótico que preenche seus dois terços iniciais.

O elenco é homogeneamente excelente — Schumacher é um exímio diretor de jovens atores. A câmera e Julia Roberts têm um caso de amor, e William Baldwin (irmão caçula de Alec) é o contraponto gostosão e bobo da semitragédia, mas o filme é de Kiefer Sutherland, dando textura e angustiada complexidade ao papel do líder do grupo.

Ana Maria Bahiana

Flatliners, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Joel Schumacher ■ Com Kiefer Sutherland, Julia Roberts, Kevin Bacon, William Baldwin, Oliver Platt, Kimberly Scott ■ ROTEIRO: Peter Filardi ■ FOTOGRAFIA: Jan De Bont ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Eugenio Zanetti ■ MONTAGEM: Robert Brown ■ PRODUÇÃO: Michael Douglas e Rick Bieber ■ DURAÇÃO: 111 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

SHOPPING VÍDEO

O PRIMEIRO SUPERMERCADO DE FITAS E ACESSÓRIOS PARA LOCADORAS!

Em um só lugar todas as distribuidoras indispensáveis para sua locadora. Rua São Francisco Xavier, 378 - A - Tijuca
Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (021) 234-1366 • 284-9500 • 264-4135 • 284-6017

Única revenda com LOCADORA ESCOLA, para sua orientação e treinamento do seu pessoal.
Conheça o PREMIUM VIDEO MANAGER, o melhor gerenciador de Vídeo locadoras, compatível com micros PC.

RCA Columbia Pictures International Video
Video
Globo Vídeo
FJL FJ Lucas Vídeo
abril vídeo
América Vídeo
Zircon Films
Look Vídeo

Brazil ☆ Century ☆ Ampla Vídeo ☆ Elite ☆ Herbert Richers ☆ Hipervídeo ☆ Hollywood Classics ☆ Manhattan ☆ Jaguar ☆ Lips ☆ Weras ☆ MBA ☆ Mega

Walt Disney Home Video
CIC Vídeo
VRC
WB
DIF
TEC Home Vídeo
yellow Vídeo

New Center ☆ Paris ☆ Poderosa ☆ Poletel ☆ Swing ☆ Top Tape ☆ Transvídeo ☆ Universo ☆ Univídeo ☆ Love Land ☆ Royally ☆ Real Brás ☆ Pegasus ☆ Vídeo Ban

SUCURSAIS EM TODO O BRASIL

Curitiba - PR: (041) 262-0158 - 262-3951
Santa Maria - RS: (055) 221-2610
Vitória - ES: (027) 227-3076
Recife - PE: (081) 326-6676
Vila Velha - ES: (027) 339-2177
Belo Horizonte - MG: (031) 225-4073

Visite uma de nossas locadoras modelo. Garantia de Qualidade.

MACAÉ - RJ - Ao lado do restaurante do Haroldo
Tel.: (0247) 62-5522/62-2670

CAMPO GRANDE - RJ - No calçadão - Galeria Brastel - R. Cel. Agostinho, 142, loja 105
Tel.: (021) 394-5188

CAMPOS - RJ - Na fatia do queijo - Praça do Canhão - Tel.: (0247) 23-0545

RIO COMPRIDO - R. do Bispo 83
Tel.: 021 - 273.9786 - Tijuca
R. Barão de Mesquita, 195-B

RIO DAS OSTRAS - RJ - Rua Rego Barros, 217 - Centro

Pronta-Entrega Rio 2 e
TELE VENDAS
(021) 350-4966/390-7100/390-7831
359-7631/390-7568
Estrada do Portela, 99/310 - Polo 1
Madureira - Rio de Janeiro - RJ

LANÇAMENTO!
Expositor para até 1.000 filmes por metro quadrado e mais todos os acessórios para sua locadora. Qualidade Decor Shop.

VOCÊ NÃO VAI PERDER ESTE LANÇAMENTO SIMULTÂNEO COM O CINEMA!

MADONNA E SEAN PENN

A OUSADA SUPERSTAR NUMA AVENTURA EXÓTICA E SENSUAL.

SURPRESA DE SHANGHAI

DIREÇÃO JIM GODDARD

MÚSICA GEORGE HARRISON

PEÇA ESTES SUCESSOS EM SUA

AÇÃO

LUTADORA INVENCÍVEL

LADY WHIRLWIND
CHENG PEI PEI - JAMES TIEN
direção de LO WEI

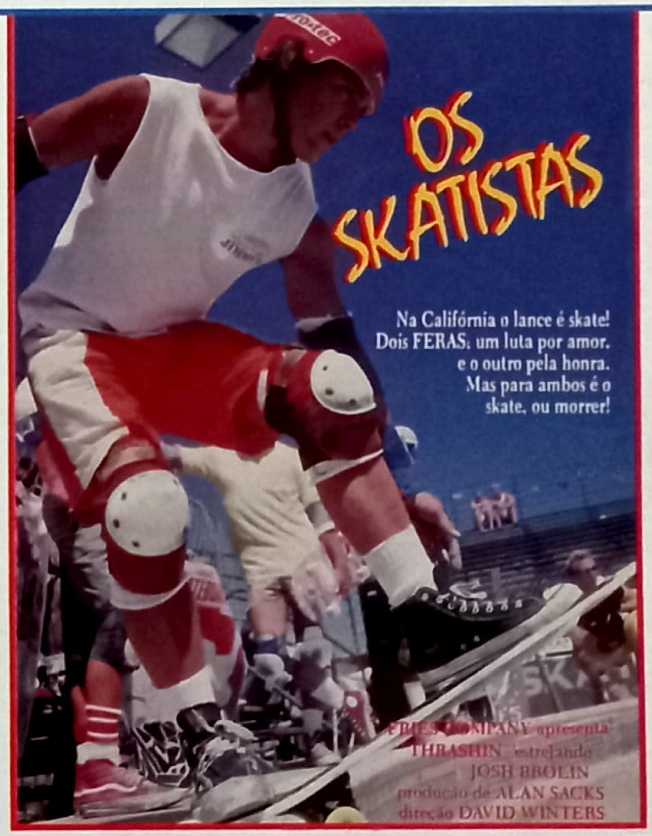
SUSPENSE

O PREÇO DA LIBERDADE

FRIES COMPANY apresenta "KIDNAPPED" estrelando
BARBARA CRAMPTON • LANCE LeGAULT • CHARLES NAPIER
escrito e dirigido por HOWARD AVEDIS

AMÉRICA VÍDEO FILMES
R. Itamarati 204 (esq. c/ Av. PACAEMBÚ) f.864-9111

POLICIAL



AVENTURA

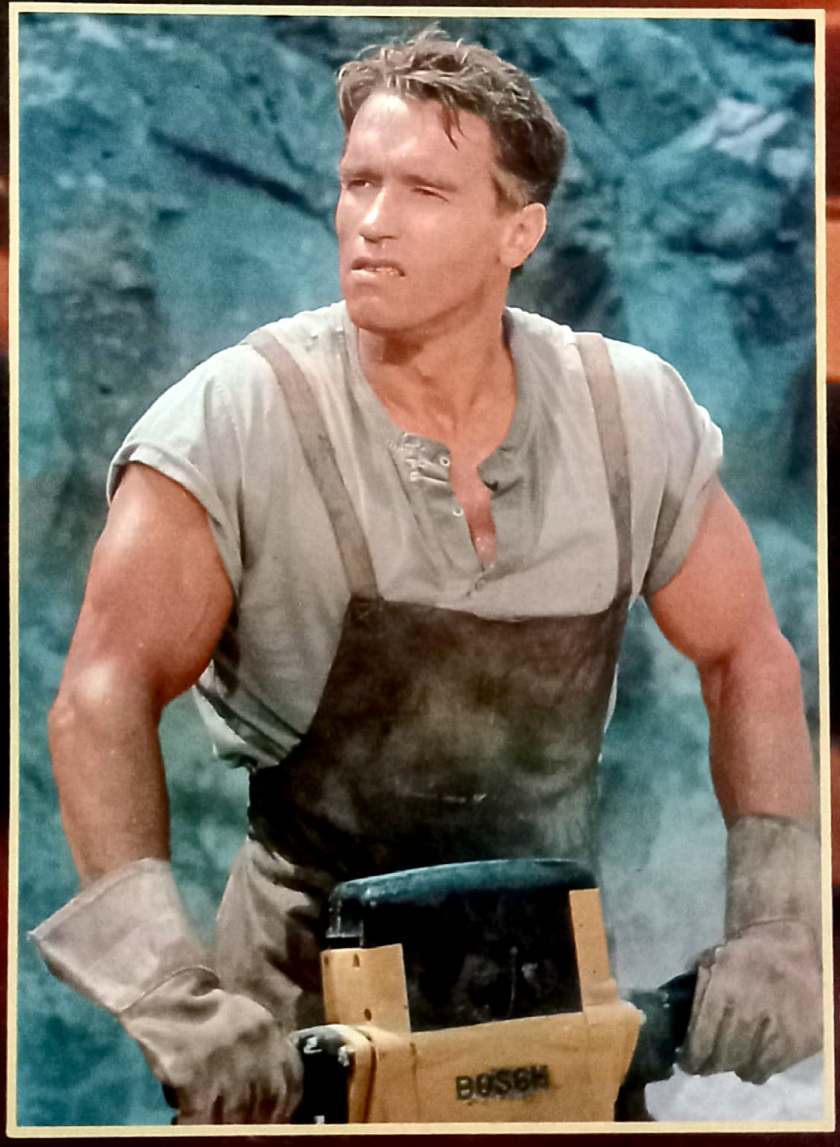
LOCADORA, VOCÊ VAI ADORAR...

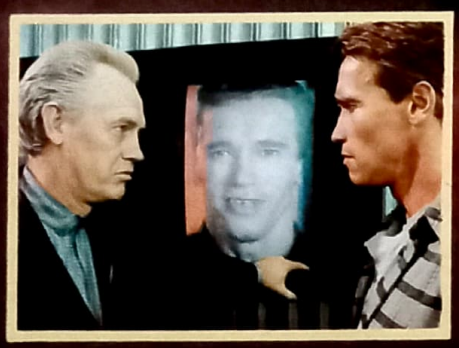
PI

Com a idéia do romance de Philip K. Dick (o mesmo de *Blade Runner*) e a direção de Verhoeven (de *Robocop*), Schwarzenegger revigora seu espetáculo

BRUCUTU ROGRESSISTA

Fiel a sua tradição, o brutamontes encarna um personagem chegado a guerrilhas de libertação. Seu nome é Quaid, um peão de obra terráqueo do ano 2084, que de repente vai a Marte, deixa a esposa loira por aqui e se mete numa rebelião



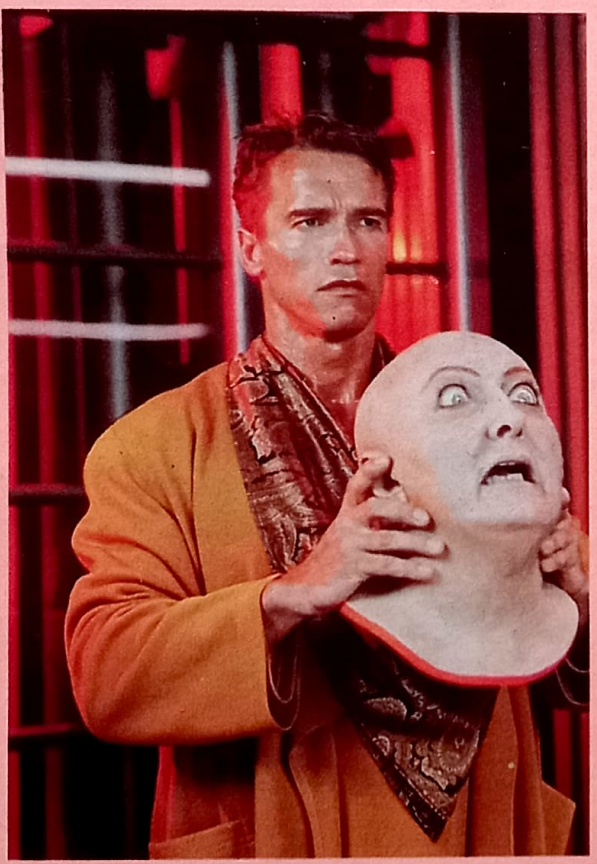


Fotos Columbia Tri-Star

O VINGADOR DO FUTURO

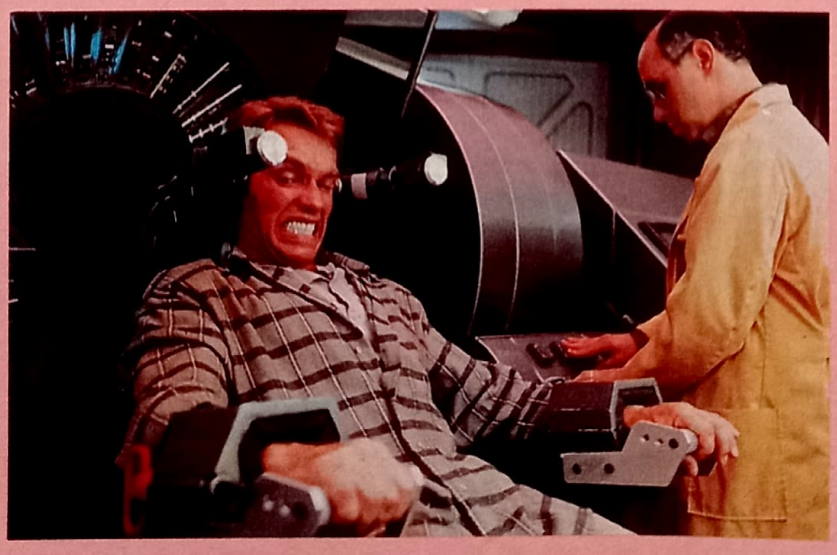
A epopéia da indústria cinematográfica é algo parecida com a tragédia dos drogados. A dose deve ser cada vez maior, sem o que o barato não acontece. Hollywood que o diga. Tanto bombardeou o público com descargas maciças de fantasia, efeitos especiais, paranóia e brutalidade, que agora só hipertrofiando a barulheira para manter o espectador ligado. *O Vingador do Futuro* é tudo isso. E se fosse só isso talvez arrebentasse as bilheterias. Ao tentar ser algo mais que isso, acabou espantando um pouco de seu público e o desempenho que vem apresentando nas salas exibidoras dos EUA está aquém do que se esperava. Concebido para reinar, *O Vingador do Futuro* amarga hoje um nono lugar na média de arrecadação diária. O total de 112 milhões de dólares amealhados até o início de agosto é quase o dobro dos 60 milhões gastos na produção (10 milhões foram diretamente para o bolso de Arnold Schwarzenegger), mas decepcionou.

Fotos Columbia TriStar



Em tempos de bilheterias agigantadas, de orçamentos monstruosos, *O Vingador do Futuro* resolveu hipertrofiar o que podia: ação, ilusão, paranóia e brutalidade. Não contente, hipertrofiou também a trama, que ficou hiperintrincada, hiperdifícil de entender para platéias hiperpopulosas. Foi aí que se deu mal. Aumentou com exatidão as doses de diversão, mas castigou seu público habituado à preguiça mental com uma overdose de complicação na narrativa. Ao contrário de *Duro de Matar II*, cuja trama é tão simples que beira a idiotia — um policial durão mata um aeroporto inteiro e um bando de terroristas para ficar a salvo com a esposa —, o filme de Schwarzenegger parece um quebra-cabeças. Mas é precisamente essa overdose que faz dele um thriller cheio de surpresas e reviravoltas. É justamente onde complica demais para o gosto médio que *O Vingador do Futuro* ganha em qualidade. O filme é ótimo.

O brutamontes desta vez é Quaid, operário da construção civil do ano 2084, casado com uma bela loira de nome Lori (Sharon Stone, pôster de *Playboy* de junho nos EUA) e cercado de amigos do peito.



Entrando em Marte, Quaid se disfarça de mulher-andróide. Bagunça cômica que começou com a máquina de memória que deu tilt (ao lado)

ESPAÇOSO — Acontece que Quaid tem sonhos estranhos. Vê-se em Marte — onde jamais esteve — ao lado de uma morena desconhecida (Rachel Ticotin). Preocupado, Quaid pede ajuda para uma empresa chamada Rekall, que, com base na memória dos clientes, leva-os a viagens apenas mentais para lugares reais. Um *tilt* na máquina da Rekall e uma súbita e inacreditável descoberta sobre a identidade de Quaid vão chacoalhar tudo. Ele, que queria ir a Marte apenas num sonho orientado e programado pela empresa Rekall, vai parar lá em carne, osso e músculos. Está armada a superconfusão.

No ano 2084 o Planeta Vermelho é uma colônia da Terra, que empreende no espaço o mesmo mercantilismo que as caravelas européias praticaram pelos mares nos séculos XVI e XVII. Confinados em enormes domos de cristal, os habitantes de Marte têm de pagar ao governante pelo oxigênio que consomem. A escassez do gás acaba gerando hediondas mutações — forma-se uma escória pavorosa no planeta e, ao mesmo tempo, um bolsão de resistência à tirania. A luta política pela libertação tem início. A tentativa desesperada de Quaid de solucionar o mistério que ronda sua identidade se desenrola no centro da convulsão marciana — está, na verdade, diretamente relacionada à sublevação dos mutantes e dos marginalizados.

Arnold Schwarzenegger fica espaçosamente à vontade no meio de tanta bagunça. Guerrilhas são com ele mesmo — tanto que ele até costuma fazê-las sozinho, como em *Comando para Matar* (1985), a epopéia de um homem só contra centenas, em busca da filha.

Desde antes de o humanitarismo barbarizado ser moda em Hollywood, Schwarzenegger já era uma espécie de brucutu progressista. Mais do que guerrilheiro, porém, o ator austríaco de 43

anos é um estilista. Não apenas de sua própria silhueta — foi Mr. Universo, Mr. Olympia e Mr. Mundo em 1980 —, mas sobretudo de filmes. Péssimo ator, ele se compensa pelo dom de combinar influências diversas num jeito de fazer cinema no qual entram a competência técnica da equipe, a questão política, a força animalesca para sanar contratempos de rotina e desvios da história, aventura alucinante e principalmente o humor (que aprendeu principalmente de Danny DeVito em *Irmãos Gêmeos*).

BIDÊ — E *O Vingador do Futuro* faz jus ao humor do grandalhão. Ele sonhando já é cômico. O espectador tem diante de si uma coisa de 1m88 de altura, 108 kg, 1m45 de tórax, 56 cm de bíceps e queixo de bidê acordando, tentando emprestar ao semblante um quê de esbaforido e perturbado. O monumental Quaid está acordando de um sonho. É hilário, embora involuntário. Passadas as nuvens do pesadelo, ele se lança faceiro ao colo da esposa, que o agrada como a um filhote de rinoceronte. Até o projecionista gargalha.

A verdade é que nem Schwarze-

À esquerda, uau!, a esposa Lori (Sharon Stone, justíssima coelhinha)

Acima, os terráqueos que habitam Marte, sempre às voltas com a escassez de oxigênio

A latina Melina (Rachel Ticotin), a namorada morena de Quaid que, além da moça, se envolve com mutantes

OS 10 MAIS DO VERÃO AMERICANO

		**	***	****
1.º	Do Outro Lado da Vida	2.880.467,7	69.131.226	24
2.º	Presumed Innocent*	2.838.862,4	28.388.624	10
3.º	Duro de Matar II	2.812.519,5	95.625.666	34
4.º	Young Guns II*	2.364.497	11.822.485	5
5.º	Problem Child*	2.213.961	22.139.610	10
6.º	Dick Tracy	1.944.567	101.117.485	52
7.º	Dias de Trovão	1.844.209,9	73.768.399	40
8.º	Arachnophobia*	1.799.183,7	34.184.492	19
9.º	O Vingador do Futuro	1.707.719	112.709.460	66
10.º	The Jungle Book*	1.323.655,1	31.767.724	24

* Ainda sem título no Brasil. ** Média diária de arrecadação em dólares no mercado da América do Norte. *** Bilheteria total até dia 5 de agosto. **** Número de dias de exibição
(Fonte: *Variety*)

negger, com seu sorriso que lembra a barragem de Itaipu, parece levar-se muito a sério. Sem autoironia, *O Vingador do Futuro* não teria vez. Muito desse humor é sanguinolento, de uma gaiatice perversa, o que deve ser creditado ao toque *extraplus* do diretor holandês Paul Verhoeven. Especialista em ultraviolência e humor negro, Verhoeven é farto em seus filmes anteriores. *Conquista Sangrenta* (1985) trazia dois amantes que se compraziam em namorar sob uma árvore adornada de enforcados em adiantada putrefação. Em *Robocop* (1987), o tira Murphy (Peter Weller), futuro homem-máquina, vira uma peneira patética debaixo das balas dos bandidos. Mais gozadas ainda são as opiniões de Verhoeven, que, a despeito de encobrir a canastrice de Schwarzenegger com porradas mil em todas as direções, afirma despudoradamente: "Schwarzenegger é o Charlton Heston dos anos 80". Ao menos os anos 80 acabaram.

Sob o comando de Verhoeven, *O Vingador do Futuro* é faiscante. Certas seqüências beiram as raias dos filmes B, enquanto outras, de tão carnívoras, provocam risadas nervosas. Quando um golpe de parafuso faz esguichar sangue de uma jugular, a dupla Schwarzenegger-Verhoeven encontra sua melhor simbiose. Quanto mais avança o filme para o interior de Marte, mais exacerbada é a pancadaria. Numa perseguição, Quaid se vale de um moribundo como escudo. O infeliz é transformado num quibe cru em questão de segundos pelas balas dos perseguidores. Até mesmo as duas mulheres de Quaid (a loira e a morena) engalfinham-se feito ninjas, sem se puxarem os cabelos.

Fotos Columbia TriStar

TRASH DE LUXO — Mas Verhoeven não se pode queixar do roteiro que lhe caiu nas mãos. Era rico o suficiente para a imaginação afortunada do cineasta. Não foi por acaso, aliás, que o empreendedor Schwarzenegger segurou a história consigo por dez anos, até conseguir realizá-la. Tudo é baseado no conto *We Can Remember It for You Wholesale* (1966), do mesmo Philip K. Dick que escreveu a história original de *Blade Runner*. É nas profecias cavernosas de Dick que Verhoeven encontra seu filão. O escritor celebrizou-se por desenhar um futuro em que, paralelamente ao avanço tecnológico, registra-se uma involução da civilização. Invenções e máquinas não contribuem para a felicidade humana. Ocorre o oposto. É verdade que a primariedade da organização política das inúmeras ficções científicas pode ser atribuída a uma limitação intelectual do gênero, mas em Philip K. Dick o atraso vem a calhar. Os homens, que levam um computador no meio da testa ou que pilotam uma espaçonave, comportam-se como primatas.

Os efeitos especiais fazem a hipérbole da festa. Às vezes operam no terreno *trash* e são fascinantes. Paisagens marcianas e mutantes têm antes um toque de inteligência apocalíptica do que de pirotecnia gratuita. E humor. Para entrar em Marte, Quaid se disfarça de andróide. Do sexo feminino. O festival de imaginação é particularmente mordaz quando retrata os taxistas do futuro. Um dos tipos é mecânico e trafega pela Terra, na forma de um robô de cara pândega cujo nome é Johnnycab. São todos educados, os taxistas Johnnycab de amanhã. Quanto a Marte, na condição de colônia explorada, o serviço de táxi é feito por escroques, com uma esperteza muito semelhante à dos choferes de nossos dias. Benny (Mel Johnson, Jr.) é um taxista negro herdeiro de toda a malemolência nova-iorquina que ciceroneia Quaid na sua estada em Marte.

Depois de *O Vingador do Futuro*, fica difícil imaginar algum outro espetáculo mais hipertrofiado ainda, sem o risco de uma overdose letal. Parece impossível unir, daqui para a frente, ficção científica, ultramixagem de efeitos especiais, violência, realismo e ainda manter, no conjunto reverberante em que invenções se confundem com repetições, algum sabor de novidade assimilável. *O Vingador do Futuro*, com seu humor e efeitos incômodos, inaugura o gênero "trash de luxo". Um futuro podre, gozado, cafajeste, violento e tenso ao máximo. O brucutu se superou: Schwarzenegger total.

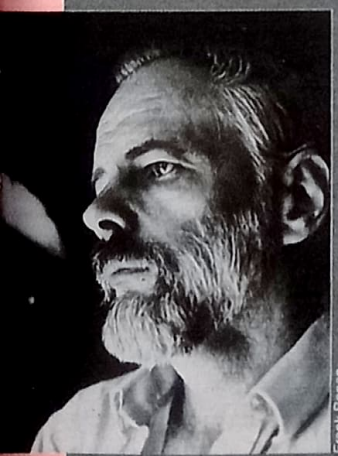
Lori (acima), acalenta o gigante assustado com seus pesadelos (ao lado), nos quais se aventura por paisagens esquisitas

Ao lado, o taxista terráqueo Johnnycab, amável. Abaixo, uma mutante estimulante e Verhoeven: resultados excelentes

ESCRITOR SEM FUTURO

Philip K. Dick é um nome controverso na comunidade da ficção científica (FC). Sua morte em 1982, aos 54 anos, desencadeou uma especulação sem precedentes sobre sua vida, e trouxe como rastro um grande interesse por sua obra. Para explicar o pessimismo apavorante de Philip K. Dick, um de seus biógrafos, Gregg Rickman, afirma que tudo se deve ao fato de que Dick foi violentado aos 4 anos. Além disso, a mãe sempre o teria culpado pela morte da irmã gêmea, de apenas 6 semanas de vida.

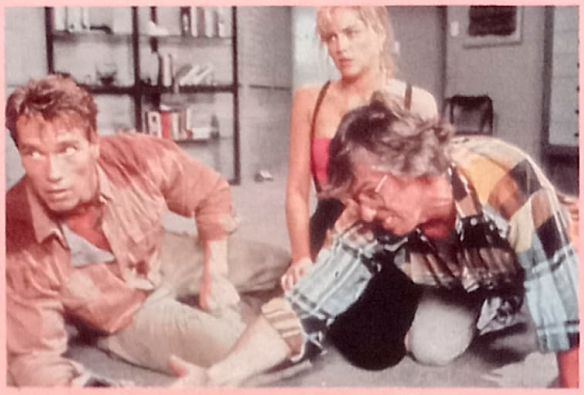
Para um escritor de ficção científica, Philip K. Dick pouco se preocupava com o futuro em si ou mesmo com a ciência, pois suas ficções contêm abordagens muito mais metafísicas do que físicas. Os problemas religiosos e sociais são freqüentes em seus temas preferidos, como a questão da realidade, o destino do homem no cosmos e poderes parapsicológicos. É assim que o desenvolvimento tecnológico, em Caçador de Andróides *e* We Can Remember It for You Wholesale *(história escrita em 1966 e que deu origem a* O Vingador do Futuro*), é desalentador e não proporciona o bem-estar humano. Nas obras de Dick, ao contrário de outros autores da FC, o futuro é sempre sombrio e devastador, com poucas perspectivas para o homem comum, que sempre se torna marionete de uma força maligna num mundo decadente.*



Frank Ronan

Philip K. Dick transpôs para seus romances suas experiências alucinatórias, como em VALIS *e* The Divine Invasion*, recorrentes a incidentes da infância e uso de drogas. Alguns de seus problemas infantis foram agorafobia, taquicardia e claustrofobia. Casou-se cinco vezes, tentou o suicídio e sofria de um estado denominado como* temporal lobe epilepsy*, cujos sintomas são hiper-religiosidade, compulsão para escrever e alucinações poderosas. Com um currículo tão peculiar, é impossível não se discutir, como acontece até hoje, sua insanidade ou sanidade, loucura ou apenas genialidade.*

Livros de Philip K. Dick traduzidos no Brasil: *Identidade Perdida* — Ed. Brasiliense; *O Homem do Castelo Alto* — Ed. Brasiliense; *Caçador de Andróides* — Ed. Francisco Alves; *O Clã da Lua Alfa* — Ed. Francisco Alves; *Labirinto da Morte* — Ed. Melhoramentos; *Os Três Enigmas de Palmer Eldritch* — Ed. José Olympio.



Total Recall, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Paul Verhoeven ■ Com Arnold Schwarzenegger, Rachel Ticotin, Sharon Stone, Ronny Cox, Mel Johnson, Jr., Robert Picardo ■ ROTEIRO: Ronald Shusett, Dan O'Bannon e Gary Goldman, baseado no conto *We Can Remember It for You Wholesale*, de Philip K. Dick ■ FOTOGRAFIA: Jost Vacano ■ MÚSICA: Jerry Goldsmith ■ EFEITOS ESPECIAIS: Thomas L. Fisher para a Dream Quest ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: William Sandell ■ MONTAGEM: Frank J. Urioste ■ PRODUÇÃO: Buzz Feitshans e Ronald Shusett ■ DURAÇÃO: 109 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

SCHWARZENEG

Arnold Schwarzenegger revela nesta entrevista o quanto é dono do próprio nariz

Quando o ex-Mr. Universo Arnold Schwarzenegger resolveu trocar os pesos pelo celulóide, ninguém dava trela ao "carvalho austríaco", um homenzarrão dócil, simpático, mas de um talento extramuscular potencial aparentemente reduzido. Teimoso, Arnold ficava na saída das cabines que exibiam seus filmes para a imprensa e se oferecia com um sorriso de orelha a orelha: "Oi, meu nome é Arnold Schwarzenegger. Você quer me entrevistar?" Uma década mais tarde, os papéis se inverteram. Hoje, todo mundo quer falar com Arnold. Inteligente, ele permanece acessível. Sempre sorrindo. De orelha a orelha.

SET — *Por que você se interessou tanto por* O Vingador do Futuro (Total Recall), *a ponto de ter perseverado por longos anos até que o projeto se realizasse? O que havia de tão atraente neste filme?*

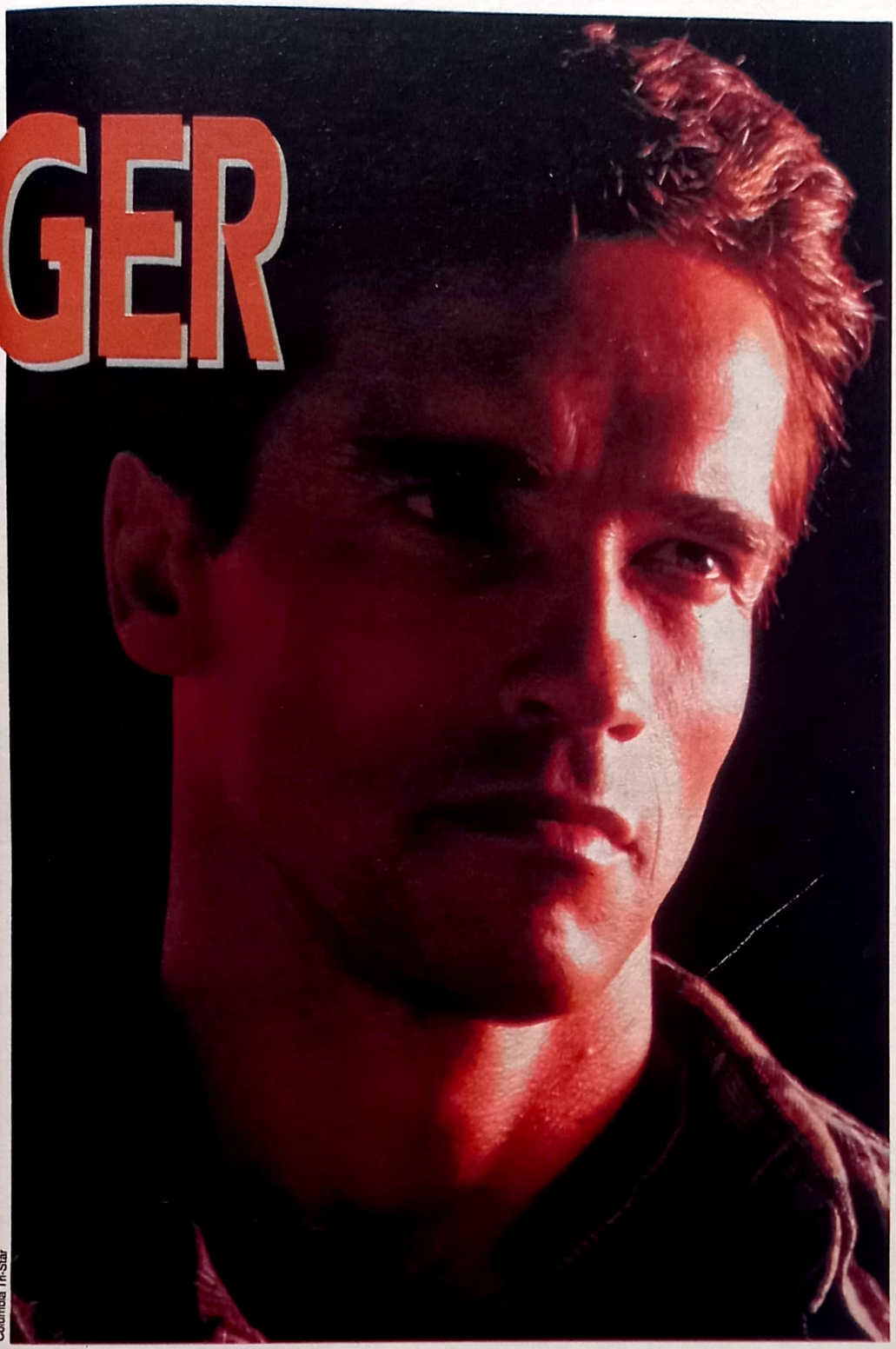
ARNOLD SCHWARZENEGGER — A história. Eu lia (o roteiro original) e ficava tentando visualizar a história, pensando: "Se alguém conseguir transferir tudo isso para a tela, este filme será assombroso". Esse era o tipo de script que eu busco normalmente: tem que ter alguma coisa ali que eu ainda não tenha feito antes. *O Vingador do Futuro* tinha aventura, mas, especificamente, tinha um suspense e um sentimento de desorientação na história que geralmente não existem nos filmes de ação, nos quais todo mundo já sabe o que vai acontecer com 10 minutos de filme. Mas não foi fácil, porque o script era do Dino de Laurentiis. E, logicamente, ele queria que eu fizesse *Raw Deal* para ele, antes de qualquer outra coisa. Então fizemos um acordo: eu faria *Raw Deal* e, depois, *O Vingador do Futuro*. E eu aprovaria a escolha de um diretor. Acontece que (Dino) contratou um determinado diretor para fazer três filmes seguidos. Aquilo me pareceu um erro — não a escolha do diretor, mas querer que uma mesma pessoa fizesse uma história de amor, um filme pré-histórico e uma ficção científica. Era um erro — e o pior ainda era incluir num pacote um filme tão singular quanto *O Vingador do Futuro*. Era o mesmo erro que Dino havia cometido com a série *Conan*. Ele não compreendia que é preciso chamar determinadas pessoas para determinados trabalhos. Por isso saí da jogada, deixando o terreno livre para ele fazer o que bem entendesse. Mas eu não faria mais *O Vingador do Futuro* com ele. Quatro anos se passaram sem que nada acontecesse, até que Dino abriu falência. Pulei no barco de novo. Telefonei para a Carolco e disse: "Comprem (os direitos do filme) imediatamente. Hoje à noite, quando eu telefonar novamente para vocês, os direitos têm de ser seus". No dia seguinte já estava me reunindo com Paul Verhoeven.

SET — *Por que Verhoeven?*

SCHWARZENEGGER — Paul tem fama de resistente: o entusiasmo dele no primeiro dia de filmagem será o mesmo, no mesmo grau — senão maior —, no último dia. E isso é raro. E um projeto como esse requer muita resistência e muita energia mental. Essa era a razão número um. Em segundo lugar, ele é um dos poucos (diretores) capazes de lidar com um filme técnico, porque ele é esperto, bem lido; é o tipo de cara que faz a pesquisa adequada para que tudo no filme pareça realidade. Por último, quando você vê a variedade de diferentes filmes que ele fez — *Conquista Sangrenta, Louca Paixão*, e, logicamente, *Robocop* — fica evidente também um senso de humor.

SET — O Vingador do Futuro *talvez jamais tivesse sido feito, caso você não telefonasse para a Carolco e se envolvesse novamente com o projeto. E isso é uma notável demonstração de poder e domínio em Hollywood.*

SCHWARZENEGGER — Domínio não seria a palavra que eu usaria, embora assim o pareça. Mas é mais um poder de influência do que qualquer outra coisa. E acho que tenho todos aqueles privilégios contratuais que me permitem aceitar ou recusar isso ou aquilo, porque todos sabem que não abusarei destes direitos. Não sou estúpido. Não vou prejudicar um projeto só para fazer prevalecer a minha vontade. É uma relação que se constrói aos poucos junto aos estúdios, a ponto de todos nos sentirmos à vontade. Você sabia que eu, até hoje, não assinei o contrato para fazer *O Vingador do Futuro*? E sabe por quê? Porque eu tenho certeza de que a Carolco não tem a menor intenção de me ferrar, nem eu quero ferrar a Carolco. Porque nós dois queremos continuar fazendo filmes juntos. Os acordos que não estão no papel são os melhores, porque é nessas horas que o seu verdadeiro eu vem à tona. Não vou falar com um advogado. É com você que eu quero falar — você é uma pessoa honrada? Você tem uma conduta moral clara? Essa, sim, é a essência da coisa toda. Por exemplo, eu disse para Ivan Reitman (diretor de *Irmãos Gêmeos*): "Não vamos pedir cachê para fazer *Irmãos Gêmeos*.



Columbia Tri-Star

"O Vingador do Futuro *tinha aventura, mas, especificamente, tinha um suspense e um sentimento de desorientação na história que geralmente não existem nos filmes de ação, nos quais todo mundo já sabe o que vai acontecer*"

Zero dólares será o nosso cachê. Vamos deixar o estúdio piradinho com essa. Porque aí eles não vão poder recusar nada que a gente pedir: já abrimos mão de tudo, agora é a vez do estúdio ceder".

SET — *Você e Reitman estão trabalhando juntos, novamente, em* Kindergarten Cop.

SCHWARZENEGGER — É uma comédia, como *Irmãos Gêmeos*: um tira durão precisa trabalhar incógnito num jardim-de-infância. E lá — ao contrário do que acontece nas ruas da cidade — ele não manda nada. As crianças é que são as donas da bola. Danny De Vito não participa, mas fiz questão de que ele fosse ao set de filmagem, freqüentemente, para dar a impressão de que ele está no filme *(risos)*. Cheguei a pensar no Danny para fazer uma das crianças *(risos)*, mas eu precisava de uma criança com 10 anos e De Vito aparenta ter uns 12 *(risos)*.

SET — *Quais são suas melhores qualidades como ator?*

SCHWARZENEGGER — Isso você deveria perguntar a Paul Verhoeven *(rindo)*. Não sei, porque não analiso as coisas dessa maneira. Nunca paro para pensar qual é o meu forte, por que sou tão popular. Cada pessoa terá uma explicação diferente. Tem gente que diz que é o senso de humor, tem gente que acha que é o meu corpo, uns dizem que é a capacidade que eu tenho de vender bem um filme. Talvez seja uma combinação de tudo isso.

SET — *Você acabou de estrear como diretor, fazendo um episódio da série de horror para a TV americana* Tales from The Crypt. *Quais são suas qualidades e deficiências como diretor?*

SCHWARZENEGGER — Eu não saberia dizer. A única coisa que se destaca foi como consegui trabalhar bem dirigindo atores. Foi como uma nova invenção, para mim. Depois de quinze anos sendo dirigido, com um diretor moldando todo o personagem para mim, essa foi a maior das alegrias: é realmente incrível quando você diz a alguém para fazer alguma coisa e a pessoa acredita em tudo que você diz. O difícil é a coordenação. Reuniões de produção com doze pessoas diferentes, todas fazendo milhões de perguntas ao

mesmo tempo: "É uma história de época ou contemporânea? Os carros devem parecer feitos nos anos 60? As roupas são dos anos 40? Você quer o cabelo da atriz louro ou castanho? Liso ou encaracolado?" E isso dura horas e horas. Quando termina uma reunião dessas você está tão exausto que vai para casa e grita "socorro".

SET — *Voltando a* O Vingador do Futuro*: como vários outros filmes que você fez, está recheado de violência. Hoje, nos Estados Unidos, discute-se muito o grau de violência dos filmes em geral e a forma como eles podem afetar a garotada que os vê. Como seu público inclui, também, muitas crianças, como você se posiciona em relação a essa questão?*

SCHWARZENEGGER — Não fico preocupado, não. Os filmes são classificados antes do lançamento e existe uma certa supervisão (dos pais). A MPAA (Motion Picture Association of America, entidade que classifica os filmes nos Estados Unidos) pediu que fossem feitos oito cortes em *O Vingador do Futuro* antes de o filme ir para os cinemas, e nós fizemos o que foi pedido. Você não pode parar de fazer determinado tipo de filme por causa das crianças, porque, eventualmente, elas acabam vendo tudo quando sai em videocassete.

SET — *Debate-se, ainda, a tendência de o lado técnico de um filme acabar sendo o fator preponderante de uma produção: quem fosse ao cinema seria bombardeado por um monte de efeitos especiais, simplesmente.*

SCHWARZENEGGER — Existem estúdios, produtores e diretores que perdem a história totalmente de vista. Eles ficam tão empolgados com a ação e os efeitos especiais, a aventura, a posição das câmeras, que se esquecem da história — e esses são os filmes que fracassam, porque o mais importante, sempre, é a história. O aspecto visual de *O Vingador do Futuro* era tão marcante que precisávamos nos lembrar, em todas as reuniões, da história. Fazíamos sempre um mesmo exercício criativo para avaliar a condução da história: "Vamos fazer de conta que essa história se passa nos dias de hoje, em Venice, na Califórnia. Vamos fazer de conta que em vez de ir para Marte o personagem principal viaja para o Canadá. Com isso só a história se sustenta?" Nessas horas é que Paul dizia que o visual futurista do filme não atrapalharia a condução da história, porque a história era suficientemente forte. Por outro lado, não podíamos mostrar simplesmente a história, deixando de fora os efeitos especiais. Sem eles estaríamos perdendo uma dimensão adicional, deixaríamos de surpreender o público com algo muito incomum. O lado ruim é que transferir a história para outro planeta faz o filme custar 20 milhões de dólares a mais.

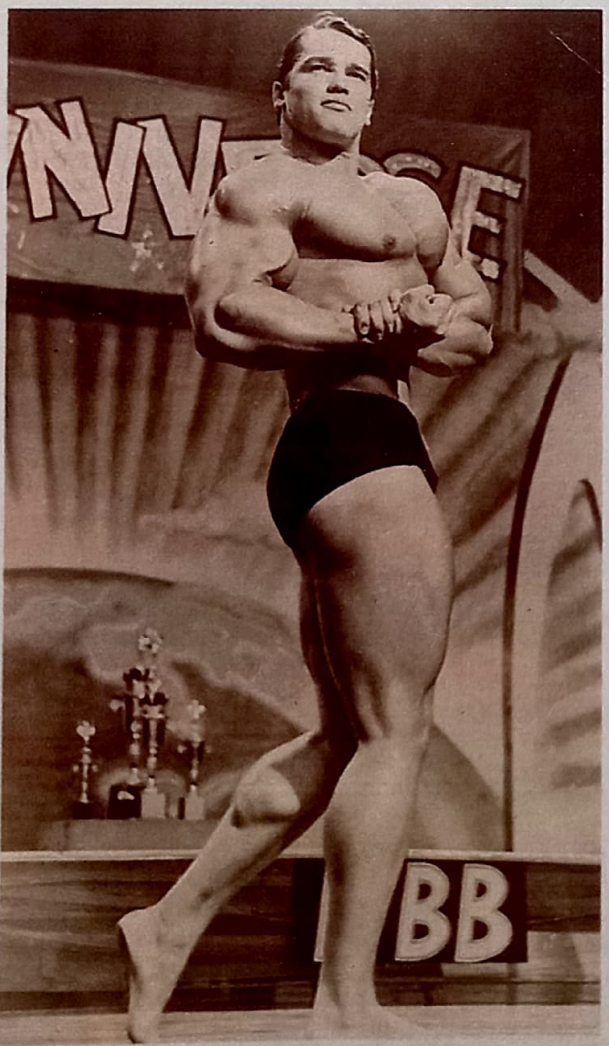
SET — *Pode-se dizer que você está rindo por último: Hollywood riu de você quando sua carreira começou e agora você é — ao lado de Tom Cruise — um dos astros mais famosos do cinema. Está sendo melhor rir por último?*

SCHWARZENEGGER — Em primeiro lugar, não sei como esses caras fazem essas listas de "os melhores e mais bem pagos do cinema". Quem dera eu ganhasse o que eles dizem que eu ganho *(risos)*. Não, não olho para trás, nunca. Olho sempre para a frente, para o futuro. Não estou tentando provar que os antigos detratores estavam errados. O que me importa é que aos 15 anos eu tinha o objetivo de ser campeão mundial de halterofilismo. E eu alcancei esse objetivo. Então resolvi aplicar os mesmos princípios — pensamento positivo, dedicação, disciplina — ao meu trabalho como ator. E deu certo. Na minha adolescência, quando o quente na Áustria era fazer *ski* ou jogar futebol, eu resolvi que iria fazer halterofilismo. E é lógico que todo mundo riu de mim, inclusive meus pais. O mesmo aconteceu quando resolvi virar ator. Todo mundo riu e disse que seria impossível. O que foi ótimo: ninguém esperava nada de mim, e tudo que eu consegui a partir dali foi mais surpreendente ainda.

SET — *Sua filosofia de vida é a da fome permanente. Mas você já alcançou todos os seus objetivos. O que resta agora?*

SCHWARZENEGGER — Porque você atingiu seus objetivos não significa que a vida acabou. Permanecer faminto, para mim, significa buscar coisas desafiadoras e novas, que não sejam sacais, que tornem a vida mais picante, mais interessante. Então, é uma coisa que não tem nada a ver com dinheiro, ou felicidade ou o número de filhos que uma pessoa tem. Este lado precisa estar bem satisfeito, sempre. O que você precisa fazer é procurar desafios. Uma das coisas de que fugi quando saí da Áustria foi a segurança absoluta, porque a Áustria é um país social-democrata que diz a todos os seus cidadãos: "Não se preocupem, há uma aposentadoria reservada para vocês". O mesmo ocorre na França e na Inglaterra e em muitos lugares. É o tipo de coisa que eu odeio — não quero saber o que me espera no futuro — ou, melhor, gostaria de saber que não existe coisa alguma, que tudo o que eu quiser dependerá somente de mim.

por Ana Maria Bahiana e José Emilio Rondeau, de Los Angeles SET



Spa Press

A juventude de Hércules: em 1969, Arnold candidato a Mr. Universo, na flor dos músculos

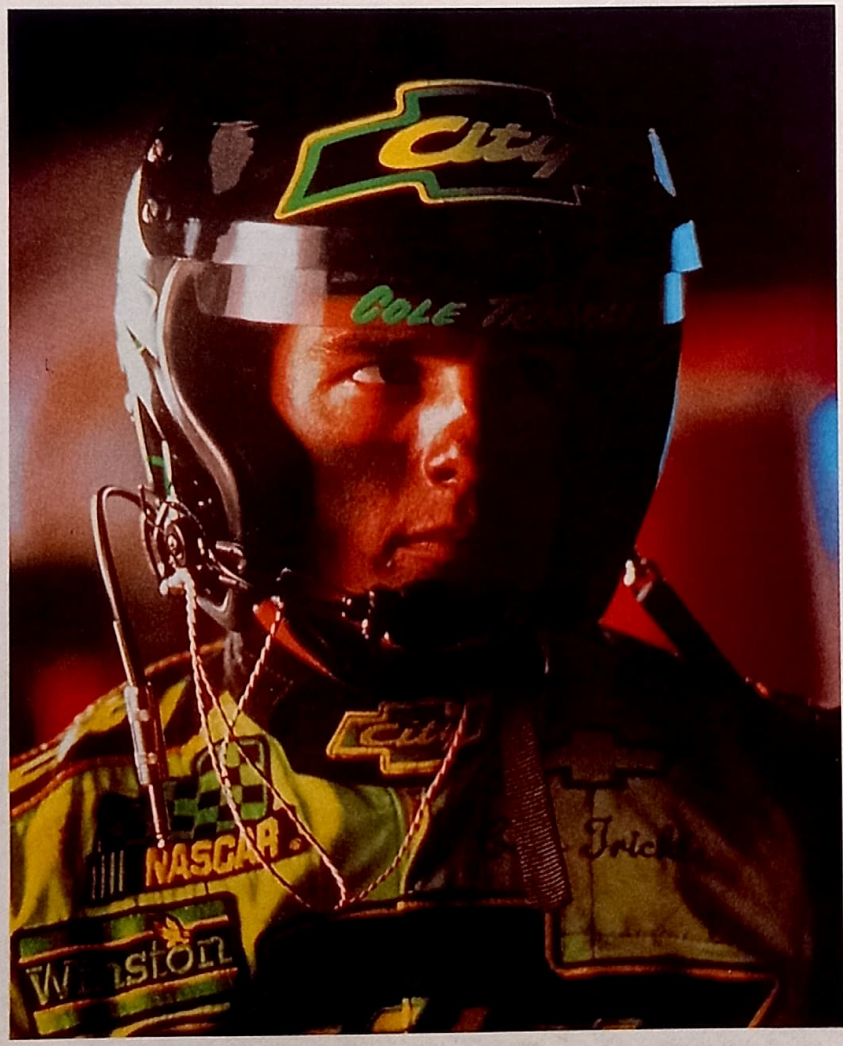
Existem mil maneiras de preparar Neston.

Invente uma.

TOM CRUISE

Ele continua querendo provar, agora com seu último filme, *Dias de Trovão*, que é mais do que irresistivelmente bonito

Num impecável e seriíssimo terno azul-marinho, Tom Cruise salta da limusine e caminha a passos largos — tão largos quanto lhe permitem suas pernas curtas — em direção à sala de espera de um hotel de luxo, em estilo europeu, no coração do bairro de Westwood, em Los Angeles. Atrás de si ele deixa uma trilha muito visível de suspiros, olhares, gritinhos e acenos — mesmo os habitantes de Los Angeles mais *blasés* não conseguem resistir ao apelo *sexy*/ingênuo deste que é, sem a menor sombra de dúvida, o mais perfeito objeto de desejo que Hollywood conseguiu engendrar para a nova década. É certo que, em filmes como *Rain Man* e, mais ainda, *Nascido em 4 de Julho*, Cruise tentou provar que era mais que uma carinha bonita — e chegou pertinho do Oscar. É certo também que, ao ouvi-lo falar sobre as aparentemente invisíveis texturas psicológicas de seu personagem em *Dias de Trovão*, o interlocutor quase se convence de que ali está um ator atormentado pelos demônios interiores da arte dramática.



Fotos UIP

O ator em *Dias de Trovão*, com o macacão fosforescente (ao lado), e à paisana, na página oposta

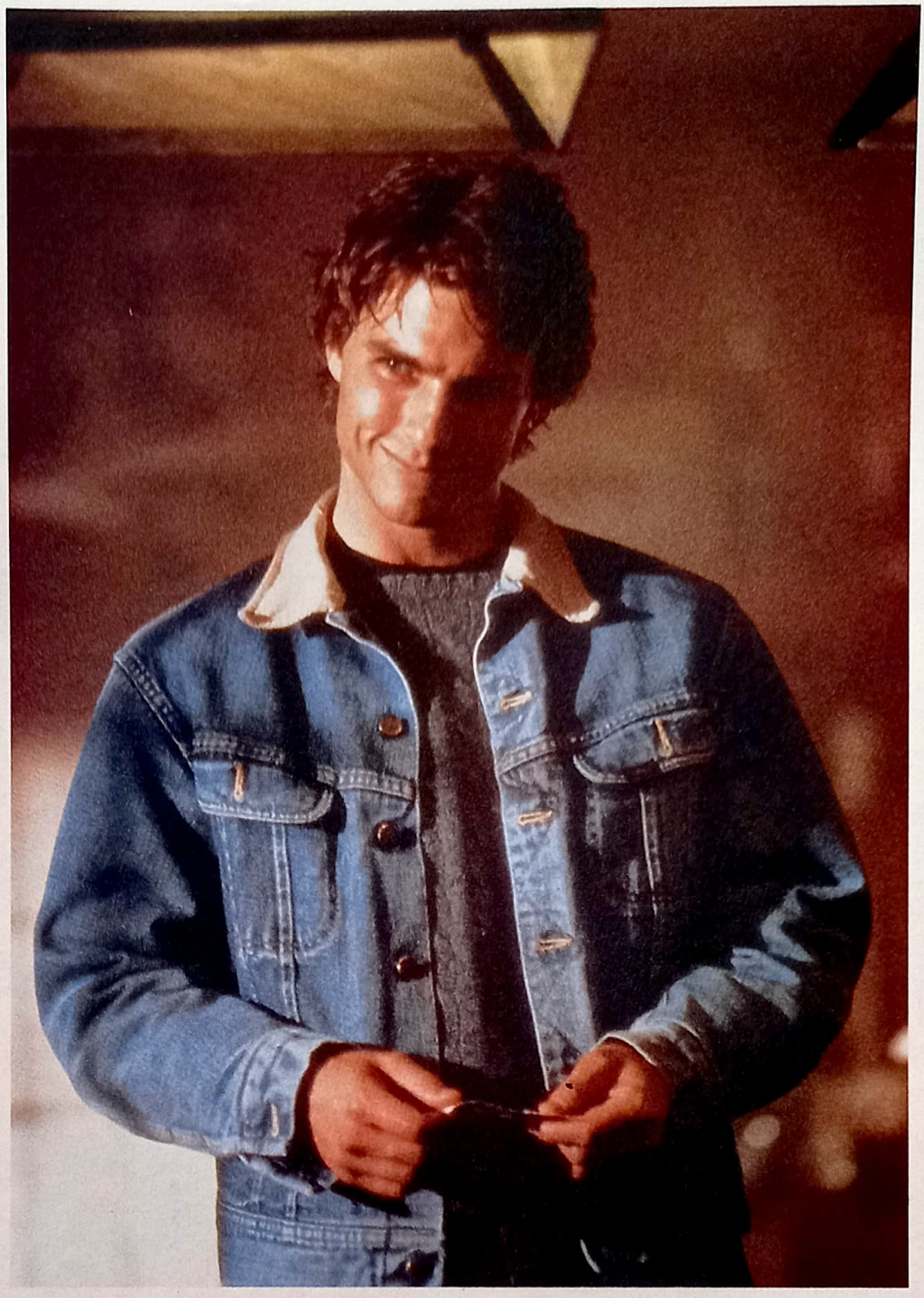
Mas a trilha de gemidos o desmente, e o brilho das telas, mais ainda. Metido em macacões fosforescentes — porque o departamento de marketing da Paramount descobriu que essas seriam as cores populares do verão —, Tom Cruise tem pouco mais a fazer, em *Dias de Trovão*, que ser o que é: irresistivelmente bonitinho. Embora todos, do diretor Tony Scott ao próprio Cruise, insistam que o filme "não é *Top Gun* com carros de corrida", a comparação é fatal: Cruise, o renegado *sexy*, Cruise, o rebelde romântico, Cruise, o símbolo sexual, suas potentes máquinas-metáforas e sua namorada na e fora da tela, a ruivinha australiana Nicole Kidman ("Percebi que ela era uma grande atriz assim que a vi no filme *Terror a Bordo*", Cruise diz, evitando maiores detalhes. "Que presença!").

Fora das telas, Cruise é um jo-

vem mestre em administrar seu charme — dificilmente nega um autógrafo e, nesta tarde ensolarada de verão, até pára e se permite fotografar com fãs.

É um jovem mestre em administrar, ponto final: Cruise tem um escritório próprio de produção, e não se envolve em nenhum projeto que, em suas palavras, não "desenvolva todo o (seu) potencial" (seu próximo filme deve ser o thriller *Rush*, em que ele fará um policial que se deixa viciar nas drogas que deveria combater). "Talvez eu consiga mais coisas que outras pessoas", ele diz, com seu sorriso Cruise. "Mas isso não quer dizer que eu exigi que isso acontecesse. Apenas... aconteceu. Acho que sou um sujeito de sorte."

SET — *Qual é, para você, o atrativo de carros de corrida?*
TOM CRUISE — É toda a experiência. Não se trata apenas de entrar num carro, dirigir um carro. Existem tantos detalhes... Os carros em si são obras de arte, são obras-primas de *design* e construção. Existem os construtores de motor, que trabalham nas oficinas durante 18, 20 horas sem parar, apenas para preparar um carro. Quando o piloto chega ao carro ele vai apenas somar seu trabalho a centenas e centenas de horas que outras pessoas já puseram naquela máquina. Aí, cabe a ele fazer o melhor possível com todo esse incrível volume de dedicação. É todo um esforço em equipe, um trabalho de time. Essas pessoas vivem para isso, comem, bebem, respiram carros e corridas. É isso que é tão fascinante para mim.
SET — *O quanto de pilotagem você mesmo fez neste filme?*
CRUISE — Bastante. Na verdade era difícil porque, com quatro câmeras penduradas, o peso do carro ficava alterado, modificava a suspensão. Mas eu dirigi bastante, tanto quanto me deixaram dirigir.
SET — *Alguma ligação entre você e Cole Trickle, seu personagem?*
CRUISE — Bom, eu detesto fazer comparações com frutas e vegetais, mas este personagem é como uma cebola, ele tem tantas camadas em sua personalidade... E desde o início ele era assim, mesmo há quatro anos, quando eu escrevi o argumento e Bob (*Towne, autor do roteiro*) desenvolveu o primeiro script. Acho que a relação que existe comigo é que eu também vejo a vida como uma aventura, como uma oportunidade para mudança e crescimento. É nesse sentido que estou sempre tentando me conduzir: no sentido de aprender sempre mais.
SET — *Existem alguns filmes clássicos de corrida, como* Le Mans, *estrelado por seu amigo, Paul New-*



"Eu detesto fazer comparações com frutas e vegetais, mas este personagem é como uma cebola, ele tem tantas camadas em sua personalidade..."

man. Você e Towne estudaram estes filmes como preparação para Dias de Trovão?

CRUISE — Para começar, nós não queríamos que o filme fosse apenas um filme de corrida. Bob não sabe nada sobre corridas, Don e Jerry (*os produtores, Don Simpson e Jerry Brukheimer*), não sabem nada sobre corridas e... Bem, de um modo geral filmes sobre corridas não têm sido sucesso de bilheteria. Nós realmente estudamos todos estes filmes. E chegamos à conclusão de que queríamos, em primeiro lugar, fazer um filme, ponto final. E não um filme de corridas. As corridas, o drama e a excitação das corridas seriam a pontuação do filme, mas o filme seria basicamente sobre pessoas. Queríamos fazer com *Dias de Trovão* o que foi feito com *Butch Cassidy e Sundance Kid* — redefinir um estilo. *Butch Cassidy* é um western, decerto, mas como é diferente da definição do gênero estabelecida por John Ford ou Sergio Leone!

SET — *Você vem de um desempenho intensamente dramático e, presumo, difícil e desafiador como o de Ron Kovic em* Nascido em 4 de Julho. *Você escolheu* Dias de Trovão *porque era, de certa forma, um personagem menos exigente e com óbvias chances de ser incrivelmente bem-sucedido na bilheteria?*

CRUISE — Não. Porque, para começar, ninguém sabe o que vai ou não fazer sucesso. Não tenho nenhuma influência sobre isso. E Cole Trickle também foi um desafio para mim, um desafio diferente. Ron Kovic era um personagem muito mais transparente, e as mudanças em sua vida eram mais claramente definidas. Já Cole Trickle... Ele é mais sutil, e eu me perguntava sempre, até onde ir, o que mostrar, o que esconder? Especialmente o terceiro ato — como você reinventa esse personagem e mostra diferentes transições e diferentes níveis emocionais?

SET — *Se, como você disse, ninguém pode prever se um filme será ou não bem-sucedido, qual é, para você, a motivação de embarcar num projeto?*

CRUISE — Certamente não é dinheiro. Para mim, a motivação é simplesmente fazer o melhor filme possível.

SET — *O fato de você ser, hoje, uma celebridade, que tem cada passo vigiado pela mídia — como você se comporta com relação a isso?*

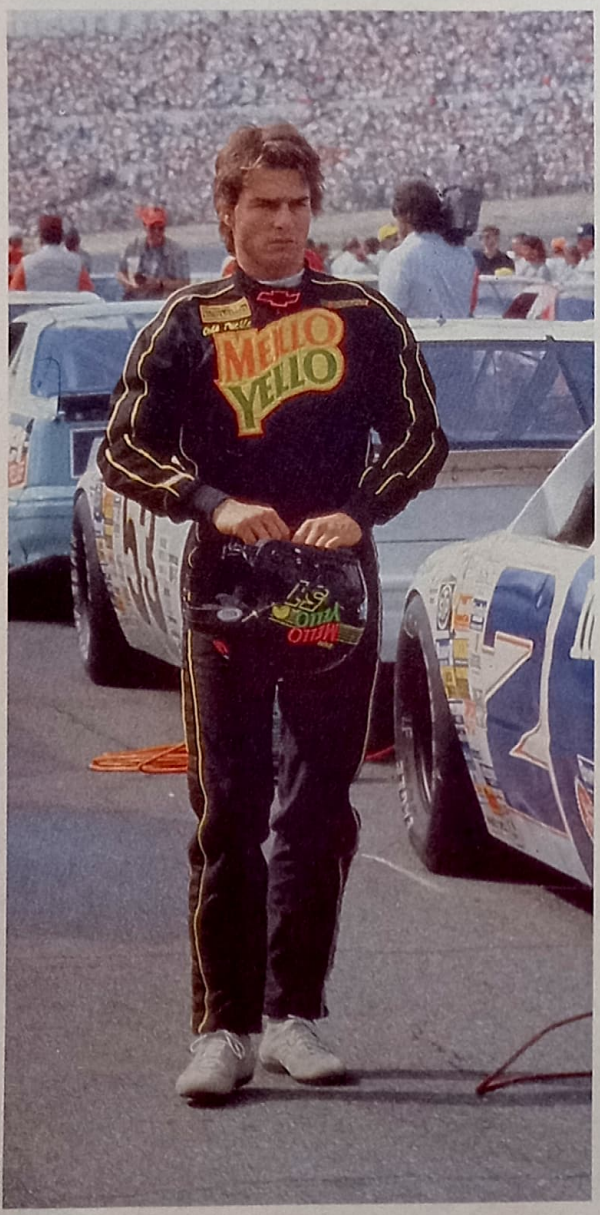
CRUISE — Paul Newman me disse uma coisa com relação a isso que eu nunca esqueci — que é preciso saber com que se preocupar e com que não se preocupar. Acho essas palavras incrivelmente sábias, e vivo de acordo com elas. Eu faço o que quero fazer e não penso sobre se isso vai ser um caso público, ou o que a mídia vai dizer. Não posso deixar esse tipo de preocupação se colocar como obstáculo aos meus objetivos de vida. Todo mundo encontra oposição na vida. Quanto maior o jogo, maior a oposição. Isso é até interessante para mim. Eu observo essas coisas com atenção. Eu não sou o único a encarar este problema. Mas não me importo. Não tenho nada a esconder mesmo.

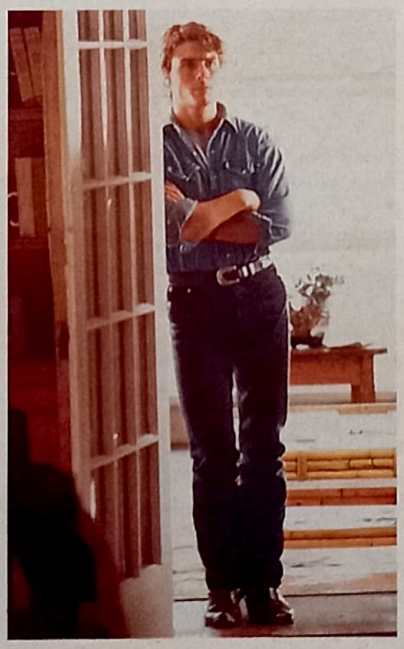
SET — *Você compreende, contudo, que tem uma enorme responsabilidade como exemplo para milhares de pessoas, principalmente jovens, pelo mundo afora?*

CRUISE — Eu assumo essa responsabilidade. Por isso é que estou envolvido com movimentos ecológicos, porque acredito que só os jovens podem realmente ter algum impacto sobre o mundo que, eventualmente, será de meus filhos. E eu me sinto, de verdade, um cidadão deste planeta. O que eu posso contribuir nesse sentido é inspirar as pessoas e tentar fazer as informações chegarem até elas. Porque não adianta ficar só jogando os problemas sobre as pessoas — esse é o problema de militantes fanáticos, furiosos. É importante educar e apontar soluções possíveis. Não sou contra as empresas, não sou contra coisa nenhuma, sou a favor de mobilizar o público para que ele faça pressão sobre o governo e as empresas. E se meu sucesso pode ajudar nisso, então sou grato por ter sucesso.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles SET

Cruise em *Dias de Trovão*, como Cole Trickle (abaixo)

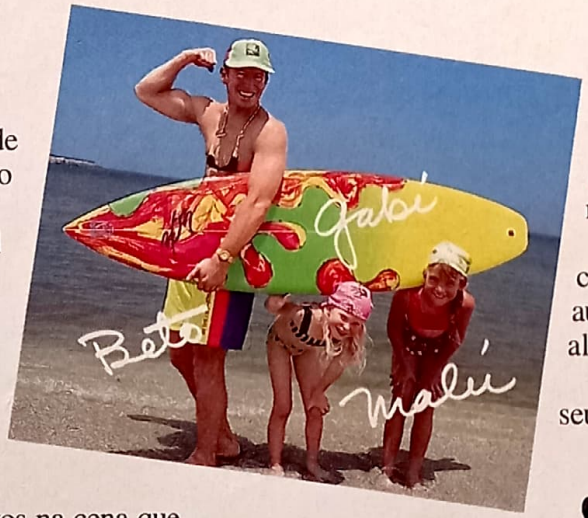




Fotos UIP

VOCÊ GRAVOU AQUELE DIA PARA SEMPRE. E OS NOMES?

NV-M400PX



MEMÓRIA DE TÍTULOS DIGITAL.

A mais famosa família de câmeras de vídeo VHS do mundo – a Panasonic –, acaba de lançar uma incrível novidade.

Na gravação de seus vídeos você pode incluir nomes, legendas e até desenhos.

Uma vez gravados, eles são armazenados numa memória e depois sobrepostos na cena que você quiser.

Exatamente como uma gravação profissional.

GRAVAÇÃO DE QUALIDADE DE MANEIRA SIMPLES.

O sistema high-speed (1/500, 1/1000) e o exclusivo Piezo Auto Focus lhe asseguram sempre gravações nítidas.

A M-400 também possui um resistente chassi de alumínio, novo balanço de branco automático e perfeito contraste com o AGC - alto brilho.

Panasonic M-400. Guarde para sempre seus momentos em família.

NV-M810PX NV-M33PX

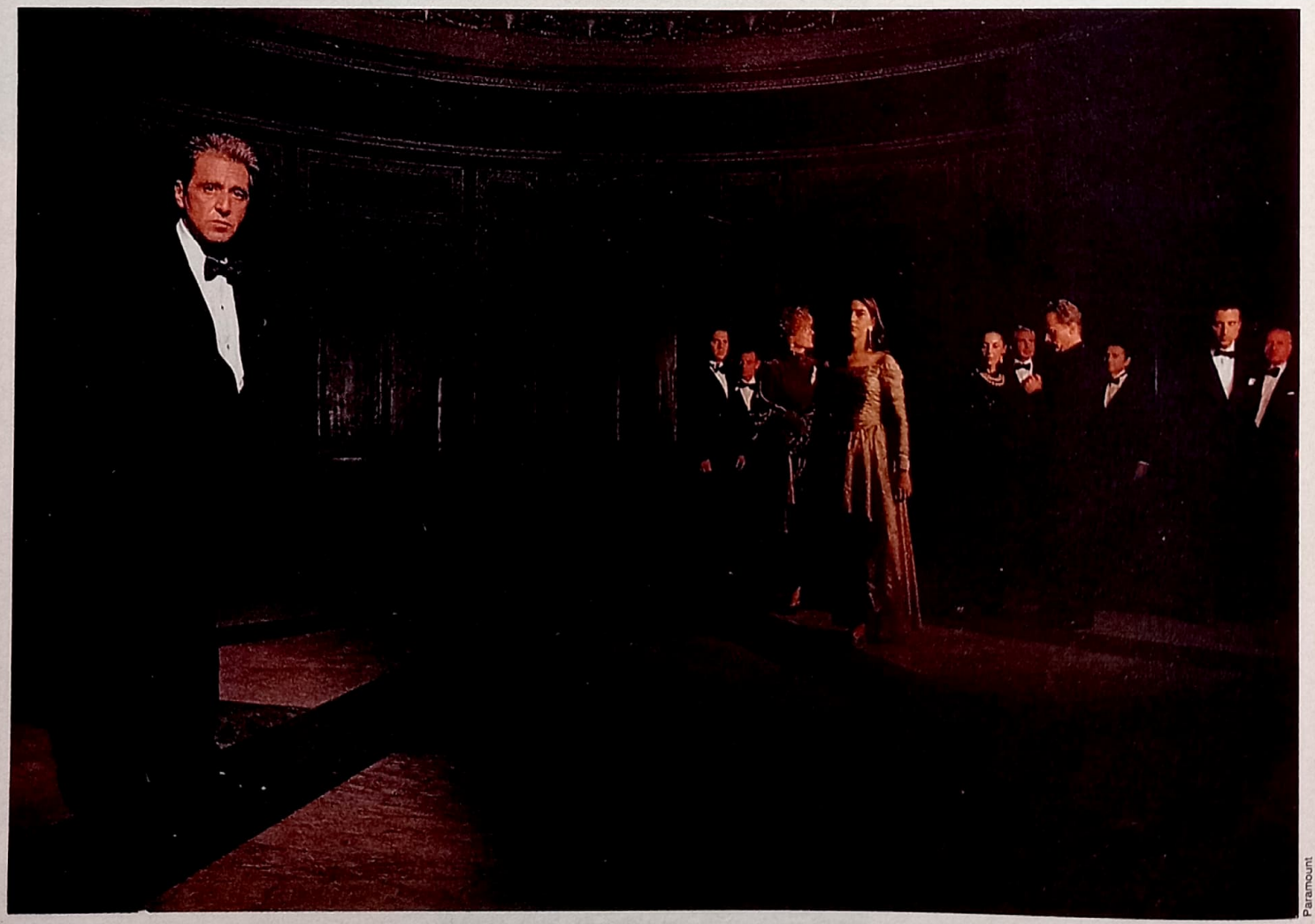
Panasonic

À venda na Zona Franca de Manaus.

UM NOVO PADR

The Godfather (O Poderoso Chefão) chega à terceira parte, ainda com Francis Coppola na direção e um punhado de problemas

Com um orçamento oficial de 51 milhões de dólares (e um extra-oficial, de 65 milhões) e uma longa história de atrasos, crises e problemas, *The Godfather 3*, a conclusão da saga escrita por Mário Puzo e Francis Ford Coppola, e dirigida pelo último, está, enfim, com data de lançamento marcada nos Estados Unidos: 21 de novembro. Nos mercados internacionais, *The Godfather 3* estréia entre fevereiro e abril de 1991 — um tipo de data de lançamento típica de filmes nos quais o estúdio deposita esperanças de Oscar. "Temos as maiores expectativas para este filme", disse Diana Widom, chefe de divulgação internacional da Paramount. "É um filme deslumbrante, com um visual opulento, cuidado, suntuoso, uma obra-prima." Os outros dois *Godfathers*, em 1972 e 1974, ganharam um total de 21 indicações e nove estatuetas, incluindo, por duas vezes, a de "melhor filme" — e arrecadando, em todo o mundo, mais de 700 milhões de dólares em ingressos. "A Paramount pas-



Paramount

RINHO

sou muito tempo oferecendo esse projeto a Francis", diz Fred Roos, que além de produtor executivo de *Godfather* 3, é amigo pessoal de Coppola há várias décadas. "Mas Francis sempre me pareceu relutante. Sei que a Paramount fez várias tentativas de tocar o projeto sem Francis, mas todas abortaram. Finalmente, Fred Mancuso (presidente do estúdio) conseguiu convencer Francis."

Para captar a atenção da mídia e, presumivelmente, mudar seu ponto de vista do catastrófico para o otimista, Roos e a Paramount passaram a última semana de julho exibindo para os jornalistas, em Los Angeles, pequenos trechos e slides do filme. O visual, de fato, é suntuoso, todo em dourados e escarlates — as seqüências na Ópera de Palermo (filmadas *in loco* no Teatro Massimo), no apartamento de Michael Corleone e nos aposentos do Papa (reconstruídos nos Estúdios Cinecittà) são particularmente espetaculares. Envelhecido (sob a supervisão da *designer* Milena Canonero) para aparentar os mais de sessenta anos de seu personagem, Al Pacino retorna como Michael Corleone, o novo Chefão, atormentado agora pela necessidade de achar um sucessor (seu sobrinho Vincent Mancini, vivido por Andy Garcia, é o candidato) e o impulso de resgatar os pecados do passado, limpando o nome da família.

OPOSIÇÃO — É claro que suas nobres intenções terminam em violência e tragédia, envolvendo sua ex-esposa (Diane Keaton), sua filha Mary (Sofia Coppola, filha do diretor) e até a Igreja. "O filme é respeitoso para com a Igreja", diz Fred Roos. "E, afinal, trata-se de ficção, embora mencionando fatos e circunstâncias históricas. Não buscamos a aprovação da Igreja, mas também não ouvimos nenhuma reclamação até agora."

Liason Gamma-Sigla

Entre as crises amealhadas por este *Godfather* fora das telas estão os súbitos desaparecimentos de Robert de Niro e Robert Duvall, nos papéis que ficaram com Andy Garcia e George Hamilton (o conselheiro dos Corleone). "Ambos estiveram, em certo ponto, envolvidos com o projeto, mas acho que Francis optou por mudar o perfil dos personagens", diz Roos. "No caso de De Niro, Francis preferiu um personagem mais jovem, para dar outra textura à relação com Al. E quando Duvall disse que não queria retornar como o *consigliero*, Francis criou um novo personagem, um advogado de Wall Street, típico da era em que o filme se passa, o período de 79/80."

A outra crise veio de outro papel em aberto — o de Mary, filha de Michael Corleone, para o qual até Madonna esteve cotada ("aí o papel seria muito diferente", diz Roos). Winona Ryder foi a escolha de Coppola, mas a jovem atriz chegou ao set, em Cinecittà, "exausta por causa das filmagens de *Mermaids*", diz Roos. Recrutada às pressas da casa de parentes, Sofia Coppola assumiu o papel de Mary, diante da franca oposição do resto do elenco e da equipe — uma crise que paralisou a filmagem por mais de uma semana. Roos é diplomático quando fala do assunto: "Sim, houve tensão. Mas foi resolvida. Afinal, todos são atores profissionais". Todos, menos Sofia — e essa, exatamente, foi a causa do impasse.

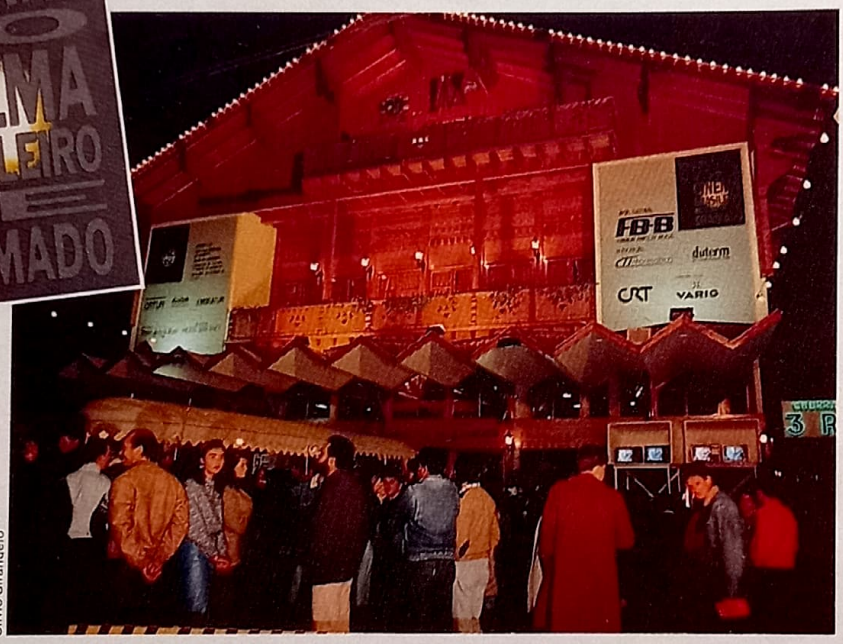
Joe Mantegna (como um rival dos Corleone), Bridget Fonda (como uma fotógrafa que tem um caso com Vincent/Andy Garcia), Talia Shire e Eli Wallach completam o elenco principal de *Godfather* 3, que, mais uma vez, tem o pai de Francis, Carmine Coppola, e Nino Rota como autores da trilha sonora, Milena Canonero na direção de arte e Gordon Willis na direção de fotografia.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Na página oposta, Al Pacino à frente do elenco (Diane Keaton, Sofia Coppola e Andy Garcia aparecem ao fundo); acima, Coppola (de barba) comanda as filmagens no bairro nova-iorquino de Little Italy

GUINADA PARA O ALTO

No 18.º Festival de Gramado, de 30 de julho a 4 de agosto, o cinema brasileiro mostra filmes fracos, críticas ao governo e confiança no futuro



O Palácio dos Festivais, no centro da cidadezinha

Silvio Siráncelo

Foi um ótimo festival. Bons vinhos, saborosos *fondues*, hotéis charmosos, a paisagem da serra, chocolate ao rum, gente interessante e filmes fraquíssimos. Sem nenhuma ironia: a parte cinematográfica do festival, medíocre, acabou sendo também a menos importante. Gramado, que sempre frustrou os presentes pela ausência de debates e discussões produtivas, este ano surpreendeu a todos. Além dos eventos oficiais, um debate sobre cinema e televisão, com Cacá Diegues e Paulo José, na manhã de 2 de agosto, e um sobre co-produções internacionais, com Arnaldo Jabor e Ana de Skalon, do Channel Four inglês, que veio ao Brasil anunciar financiamentos ingleses para curtas nacionais, houve muitos encontros espontâneos, tomadas de posição e apostas no mercado (ver box). Definitivamente, o cineasta brasileiro não depende mais da velha Embrafilme nem de verbas públicas para viver e criar.

Melhor assim. Que a independência venha fazer bem ao cinema brasileiro, que vai muito mal. Apenas cinco longas-metragens foram selecionados para a competição do 18º Festival de Cinema de Gramado (de 30 de julho a 4 de agosto): *Real Desejo*, de Augusto Sevá, *Stelinha*, de Miguel Faria Jr., *O Escorpião Escarlate — Uma Aventura do Anjo*, de Ivan Cardoso, *Barrela*, de Marco Antônio Cury e *Beijo 2348/72*, de Walter Rogério.

Os cinco foram selecionados de um conjunto de catorze inscritos. O que deixam entrever é a inacreditável porcaria que devem ser os nove que ficaram de fora. *Real Desejo* foi merecidamente ignorado pela premiação. O primeiro a ser exibido, logo na noite de abertura, 30 de julho, para o Palácio dos Festivais, esvaziado e murcho, *Real Desejo* foi apelidado de "real bocejo" pelo crítico Amir Labaki. De fato, é enfadonho o dia sem pé nem cabeça de Gilda (Ana Maria Magalhães), que usa o filme todo para falar (em *off* a maior parte do tempo) e para andar pela cidade, sem rumo. Como Gilda, *Real Desejo* não tem direção.

Stelinha, de Miguel Faria Jr., disparou na frente e manteve a liderança até o final. Levou onze dos dezessete Kikitos. Foi justo. Ganhador do júri popular, abocanhou também mais 1 milhão de cruzeiros dados pela Federação Nacional dos Exibidores, o que sinaliza uma nova (e talvez duradoura) aliança entre os donos de cinema e os diretores brasileiros. Ester Góes, em seu melhor papel no cinema, interpreta Stelinha, uma cantora de sambas, à antiga, nacionalista e já decadente. Não grava mais, nem faz shows, bebe

tanto que não lhe resta um centavo para pagar o aluguel. Sua vida recebe um sopro de esperança quando ela se encontra com um roqueiro em ascensão (Marcos Palmeira). Um sopro, somente. Ester levou o Kikito de melhor atriz e Palmeira de melhor ator, mas não por *Stelinha* e sim por *Barrela*, do estreante Marco Antônio Cury.

Adaptado da peça ultra censurada de Plínio Marcos, *Dois Perdidos numa Noite Suja*, *Barrela* é mais uma decepção. A história de seis presidiários que violentam um filhinho de papai, que pernoita ali por acidente, não emociona. Escrita em 1958 e proibida por vinte anos, a peça perdeu um pouco do impacto. Qualquer reportagem de TV sobre os presídios atuais, amontoados e superlotados, é mais chocante. Os seis presidiários de *Barrela*, ao contrário, têm para si uma imensidão. Esticada, comprida demais, a obra de estréia de Cury foi baratíssima (25 mil dólares). E frustrante.

Ao lado, Jonas Bloch, em atuação magistral no curta *Arabesco*, de Eliana Caffé, o grande vencedor do júri

O Escorpião Escarlate — As Aventuras do Anjo, de Ivan Cardoso (que já fez *As Sete Vampiras* e *O Segredo da Múmia*), divertiu a platéia. Inspirado no Anjo, herói criado por Álvaro Aguiar que brilhou em quadrinhos e em novela da Rádio Nacional dos anos 50, o filme recria com eficiência o clima *kitsch*, berrante e cafonão do imaginário dos quadrinhos tanto nas falas como nas imagens. Foi merecida a premiação de melhor cenografia e melhor direção de arte para Oscar Ramos. Mas não há nada mais. O filme já é trash, será descartável, e é biodegradável.

O professor Jean-Claude Bernardet e Andréa Reis no curta *Espectador*, de Tadeu Knudsen, o premiado da crítica

Mas a maior decepção de todas foi a que causou *Beijo 2348/72*, de Walter Rogério. O filme ia bem, com ótimas gags, empolgando a assistência com o caso trabalhista (mais ou menos inspirado na realidade) de 1972, quando dois operários, um homem e uma mulher, são demitidos por se beijarem no recinto de trabalho. De repente, inexplicavelmente, videoclipes caídos do céu e delírios de um surrealismo empobrecido irrompem na tela para quebrar o clima cômico. A platéia gelou. E não

ARTICULAÇÕES NA SERRA GAÚCHA

O 18º Festival de Cinema de Gramado não saiu barato. Foram 22 milhões de cruzeiros, 10 dos quais saídos diretamente do caixa do governo federal, através da Fundação Banco do Brasil. A Secretaria da Cultura da Presidência da República também arcou com setenta passagens aéreas. O festival, no entanto, foi marcado pelas críticas pesadas de cineastas, atores e técnicos contra a política da Secretaria de Cultura da Presidência da República. Os petardos antigovernistas culminaram com uma Carta Aberta ao Presidente da República, lida por Tônia Carreiro na noite de 4 de agosto, no encerramento do festival. O documento, assinado por nomes como Nelson Pereira dos Santos, Arnaldo Jabor, Neville de Almeida e mais uma centena de profissionais do cinema, denunciava o não cumprimento de contratos acordados pela Embrafilme antes de seu abrupto fechamento — doze dos quais referentes a co-produções internacionais, que se encontram paralisadas —, a retenção de 3 000 cópias de filmes, o desemprego de trabalhadores da área e o "descaso" com que o govêrno vem tratando os cineastas. A Associação Brasileira de Documentaristas aprovou uma carta ao secretário de Cultura, Ipojuca Pontes, na qual requer a regulamentação para o setor de curtas-metragens, "essencial para a diversidade e a renovação do cinema no Brasil".

O principal legado de Gramado 90 foi político. E inconcluso. Da parte dos cineastas, ainda não havia uma proposta para a nova regulamentação do mercado. Da parte do governo, àquela altura, a única atuação era no sentido de desmanchar o que existia. Ao fim da Embrafilme, iriam se seguir o fim de reservas de mercado, da copiagem obrigatória em território nacional e uma série de outras garantias do setor. Se é verdade que os cineastas brasileiros saíram otimistas de Gramado — vendo nas co-produções internacionais, no mercado de televisão e de homevideo *boas frentes para a carreira de seus filmes —, também é verdade que o futuro do mercado para o cinema brasileiro anda enigmático. Será necessária uma nova regulamentação que, antes de tudo, depende de soluções federais.* E.B.

À direita, Marcos Palmeira e Ester Góes em *Stelinha*. Abaixo, Suzana Mattos e Herson Capri em *Escorpião Escarlate*

reagiu mais. O filme levou um Kikito de melhor fotografia e um incompreensível Kikito de melhor montagem. Impressionante: com uma nova montagem, e vinte minutos menos, *Beijo* poderia melhorar bastante.

Uma vez mais, os curtas em 35 mm salvaram Gramado. Eram doze concorrentes, que, na média, traziam mais vigor cinematográfico do que os cinco longas. A grande revelação foi o diretor Tadeu Knudsen, de São Paulo, ganhador do merecido prêmio da crítica. Seu curta *Espectador*, uma complexa colagem de um ator de comercial que se torna espectador de seu próprio filme, foi uma das mais inteligentes realizações do festival. O ator do comercial é interpretado por Cassiano Ricardo. Ele grava seu papel, no filme dentro do filme, e só depois, vendo o resultado na televisão, é que conhece a mulher que contracena com ele — ali colocada por um magnífico artifício de montagem. Vendo-a na TV, ele se apaixona por ela. O desfecho não poderia ser melhor.

Topázio Filmes

Outro grande momento foi dado por *Arabesco*, um excelente filme que, com sua história próxima ao teatro do absurdo, ensina muito de cinema e interpretação. Dois ladrões, Jonas Bloch e Alfredo Damiano (brilhantes), entram numa casa que não tem saída e na qual um deles será tragado pela loucura. A direção de Eliana Caffé, primorosa, foi preterida pelo júri em favor de Alberto Salvá, que fez *O Vendedor*.

Certamente, nada seria mais engraçado que o vendedor. Roberto Bomtempo (Kikito de melhor ator) é um comerciante ambulante de objetos eróticos popularizados pela alcunha de "consolo de viúva". As situações hilárias são fáceis, mas funcionam exemplarmente. Leonor Glotlieb, uma das infelizes compradoras dos tais utensílios, levou um merecido Kikito de melhor atriz.

Filmes do Sol

O festival do ano que vem já está previsto para entre 10 e 15 de junho. Promete ser movimentado. A questão que fica pendente é saber como ficará o mercado e como serão produzidos os filmes que devem concorrer em 1991. Tudo pode acontecer. E nada pode acontecer. Depende um pouco dos cineastas — e um pouco das decisões que o governo vier a tomar.

Eugênio Bucci

RESULTADOS

LONGA-METRAGEM

Melhor Filme — *Stelinha*, de Miguel Faria Jr. ■ **Melhor Diretor** — Miguel Faria Jr., de *Stelinha* ■ **Melhor Roteiro** — *Rubem Fonseca*, por *Stelinha* ■ **Melhor Ator** — Marcos Palmeira, por *Barrela* ■ **Melhor Atriz** — Ester Góes, por *Stelinha* ■ **Melhor Ator Coadjuvante** — Emiliano Queiroz, por *Stelinha* ■ **Melhor Atriz Coadjuvante** — Stela Freitas, por *Stelinha* ■ **Melhor Fotografia** — Adrian Cooper, por *Beijo* ■ **Melhor Música Original** — Edgard Duvivier, por *Stelinha* ■ **Melhor Música Adaptada** — Júlio Medaglia e Gilberto Santeiro, por *Escorpião Escarlate* ■ **Melhor Cenografia** — Oscar Ramos, por *Escorpião Escarlate* ■ **Melhor Figurino** — Carlos Prieto, por *Stelinha* ■ **Melhor Direção de Arte** — Oscar Ramos, por *Escorpião Escarlate* ■ **Melhor Montagem** — Danilo Tadeu, por *Beijo* ■ **Melhor Som** — Bruno Fernandes, por *Stelinha* ■ **Melhor Edição de Som** — Valéria Mauro, por *Stelinha* ■ **Prêmio Especial da Crítica** — *Stelinha* ■ **Júri Popular** — Melhor Filme — *Stelinha*

CURTA-METRAGEM

Melhor Filme — *Arabesco*, de Eliana Caffé ■ **Melhor Diretor** — Alberto Salvá, de *O Vendedor* ■ **Prêmio Especial da Crítica** — *Espectador*, de Tadeu Knudsen ■ **Melhor Roteiro** — Jorge Furtado e Roberto Henkin, por *Memória* ■ **Melhor Ator** — Roberto Bomtempo, por *O Vendedor* ■ **Melhor Atriz** — Leonor Glotlieb, por *O Vendedor* ■ **Melhor Música Original** — Dioni Moreno, de *Adeus* ■ **Melhor Fotografia** — Hugo Kovenski, por *Arabesco* ■ **Melhor Montagem** — Augusto Fragelli, por *Espectador* ■ **Melhor Som** — Eliza Pailey e Miriam Bidermann, por *Arabesco* ■ **Júri Popular** — Melhor Filme — *Arabesco*

SOCIEDADE GRAMADENSE

As dez figuras mais-mais-de Gramado não moram no Rio Grande do Sul. Na 18ª versão do festival de cinema, choveram personalidades na cidadezinha de 18 mil habitantes. Duas centenas de atores, atrizes, cineastas, técnicos, jornalistas e burocratas perambulavam pelas poucas ruas do bucólico lugarejo, tomando chocolate ao rum, comprando blusões de couro, luvas e malhas de lã. Ninguém brilhou como Roberta Close, logo apelidada de "namoradinha de Gramado". Close, do elenco de O Escorpião Escarlate, *em que faz um striptease numa boate, atraía hordas de crianças caçadoras de autógrafos. Famílias reunidas queriam tirar foto com ela. Incansável, mudava de roupa 37 vezes por dia e ainda esbanjava eletricidade, para desafinar no arremedo de karaokê que se improvisava nas madrugadas do Hotel Serra Azul.*

Abafou todas as outras — de Monique Evans a Ester Góes, de Adele Fátima a Ana Maria Magalhães. Mas não abafou inteligências como as de Neville de Almeida, Arnaldo Jabor, Cacá Diegues e Nelson Pereira dos Santos. Nem pôde arrefecer a disposição política do produtor Tarcísio Vidigal, o principal articulador, pelos bastidores, da "carta ao Presidente da República", que acabou levando mais de 120 assinaturas.

Grande Otelo foi o grande homenageado, ao receber das mãos da atriz Margot Louro, na noite de encerramento, o recém-instituído troféu Oscarito. Margot, viúva de Oscarito, lembrou que naquela noite, 4 de agosto, comemoravam-se precisamente vinte anos da morte do maior ator das chanchadas. Não poderia haver mais emoção reservada para o final. Com o cinema brasileiro cheio de indefinições, Gramado estava em festa.

E.B.

WARNER HOME VIDEO - CANAL 3 .

A PROGRAMAÇÃO SOB CONTROLE.

Na guerra das audiências, a TV manda sempre as mesmas bombas. E isso acaba explodindo a sua paciência. Mas você pode se refugiar no Canal 3. Onde você vê o filme que quiser, na hora e do jeito que preferir. Sem intervalos comerciais, e nada que possa interromper sua emoção. Sintonize a Warner Home Video - Canal 3. E assista a melhor programação da TV: a que você mesmo faz.

WARNER HOME VIDEO

Vídeo, seu melhor programa.

STEVE MCQUEEN

O ator viveu sob o signo da velocidade e conseguiu injetar toda a verve que seus inúmeros filmes de aventura exigiam

Os críticos já caracterizaram Steve McQueen como uma simbiose entre a imagem de homem duro e implacável de Humphrey Bogart e a presença hipnótica e indomável de James Dean. Com seu estilo nervoso de interpretação, McQueen criou na tela a sua versão de rebelde com causa, sempre perseguido por uma idéia fixa. *Outsider* nato, nunca aceitou dublês, mesmo nas cenas mais perigosas, sendo um dos últimos atores capazes de personificar o heroísmo.

Terence Steven McQueen nasceu em Beech Grove, Indiana, em 24 de março de 1930. Perdeu o pai aos 2 anos e foi morar com a tia, enquanto a mãe lhe providenciava um padrasto. Mais tarde, como ela não conseguisse uma situação estável para sustentá-lo, mandou-o para um colégio na Califórnia. Com o intuito de impedir que o menino continuasse metido em "más companhias", sua mãe o matriculou em várias instituições, que terminaram por obrigá-lo a fugir devido aos maus-tratos.

CBS Films

McQueen passou a peregrinar pelos Estados Unidos fazendo de tudo um pouco. Foi motorista de táxi, frentista, chegando a ser até lenhador no Canadá. Resolveu então largar essa vida itinerante e ingressar no Corpo de Fuzileiros, onde adquiriu profundos conhecimentos sobre mecânica e eletrônica. Após ser detido por 41 dias por sair do quartel sem permissão, decidiu mudar de ramo.

Obteve trabalho como técnico de TV no Greenwich Village e em uma ocasião McQueen conheceu uma atriz que o apresentou ao diretor de teatro Sanford Meisner. Assim, o ex-técnico pôde estrear como ator na peça *Yiddish*, ganhando 40 dólares por semana. Motivado pela nova atividade, entrou para o Neighborhood Playhouse e, dois anos depois, para a Uta Hagen Dramatic School. Foi um dos cinco escolhidos de uma relação que reunia dois mil inscritos para ingressar no Actor's Studio.

Depois de algumas temporadas em montagens alternativas, Steve McQueen já estava pronto para a Broadway e ali estreou em *The Gep*. Substituiu Ben Gazzara na peça *Hatful of Rain* e conheceu a atriz-cantora-dançarina Neile Adams, com quem se casou em 1956. McQueen adorava correr e já tivera sua carteira de motorista cassada três vezes por excesso de velocidade. A cerimônia de casamento realizou-se numa delegacia de polícia, pois, para não fugir ao hábito, o ator passara dos limites a caminho do altar.

McQueen estreou no cinema em grande estilo, apesar do pequeno papel, em *Marcado pela Sarjeta*, mas logo cairia em filmes de gosto duvidoso, como a primeira versão de *A Bolha Assassina*. Trabalhou no seriado *Trackdown*, mas só faria sucesso na TV com *Wanted: Dead or Alive*. Ao lado de Yul Brynner, estrelou *Sete Homens e Um Destino*, uma adaptação para o *western* do clássico *Os Sete Samurais*, de Akira Kurosawa. A partir daí passou a alternar com certa regularidade o exercício de suas duas paixões: interpretação e provas de corrida.

McQueen participou de várias provas, concorrendo com pilotos consagrados e quase sempre entre os primeiros. Foi indicado para o Oscar por seu trabalho em *O Canhoneiro do Yang-Tsé* e no mesmo ano (1966) participou da corrida de Sebring (Flórida), concorrendo com ases como Stirling Moss. Um ano depois, sofreu sério acidente e resolveu optar pela carreira artística.

O ator montou sua própria produtora, a Solar Production, e lançou *Bullit*, um dos maiores sucessos de sua carreira. *Bullit* conquistou o Oscar de melhor montagem e Steve McQueen, o Prêmio de Ator Mais Popular do Mundo, outorgado pela agência de notícias Reuter. Na pele de um policial disposto a tudo para botar os malfeitores atrás das

grades, McQueen consolidou sua popularidade e ficou milionário.

Em *24 Horas de Le Mans* ele pôde aliar suas duas paixões ao volante de um Porsche, quando participou da famigerada corrida em 1970, flagrado por dezoito câmeras espalhadas pelo árduo percurso da prova.

Um ano depois, quando rodava *Os Implacáveis*, conheceu a atriz Ali McGraw. Seu casamento com Neile acabou ali, e McGraw (de *Love Story*) também não fez por menos e despachou o marido, o produtor Bob Evans.

Em *Papillon*, ao lado de Dustin Hoffman, McQueen teve um de seus desempenhos mais marcantes, no papel de um detento que desce aos mais baixos degraus da dignidade humana em um presídio de segurança máxima.

Arredio, dado a poucos amigos, o astro detestava festivais de cinema, preferindo uma vida isolada com a família. Adepto de esportes como tênis, boxe, pólo e futebol, também soube montar ecléticas coleções de armas, carros e motos. Ao longo de sua vida apoiou várias causas: dos índios navajos aos menores abandonados das grandes cidades americanas.

Marcado basicamente como ator de filmes de aventura, Steve McQueen resolveu dar uma virada em sua carreira. Investiu dois anos produzindo *O Inimigo do Povo* (inédito no Brasil), baseado numa peça escrita em 1882 por Henrik Ibsen. O ator interpretava Thomas Stockmann, um professor engajado na luta contra a poluição do meio ambiente. McQueen recusou, na ocasião, papéis em sucessos de bilheteria como *Apocalypse Now* e *Uma Ponte Longe Demais*, deixou crescer a barba, o cabelo e foi eloqüente como nunca, tendo uma de suas mais ousadas atuações no cinema.

Seu último filme foi *O Caçador Implacável*, thriller policial no qual McQueen fazia uma espécie de releitura de *Bullit*. Pouco antes, o ator havia sido desenganado pelos especialistas do Hospital Cedars do Sião, em Los Angeles. Era portador de um tipo de câncer incurável no pulmão, o mesotelioma. Os médicos tentaram a aplicação de cobalto radioativo. Aconselhado por outros atores, experimentou tratamentos alternativos, mas em nenhuma das tentativas logrou resultado positivo, vindo a falecer no dia 7 de novembro de 1980, em um hospital da cidade de Juarez, no estado mexicano de Chihuahua. Sua morte ocorreu em conseqüência de uma parada cardíaca, após operação para retirada do câncer. Os funerais quase secretos foram realizados em seu rancho localizado em Santa Paula, Califórnia. Seu último desejo foi respeitado. Uma frota de aviões em formação cerrada lançou suas cinzas sobre o Pacífico, dando um toque especial ao fim da vida de um astro que sempre viveu a mil, buscando implacavelmente injetar verve em seus filmes de ação.

Moisés Liporage

Paramount

Sipa-Press

Na página oposta, McQueen em *Wanted: Dead or Alive*, o seriado de TV que o tornou famoso; acima, um sucesso, já nos idos de 1965

Paramount

Ao lado como Nevada Smith, no filme homônimo, em 1965

Warner

O ator como Papillon, o prisioneiro francês que conseguiu fugir da Ilha do Diabo, no filme homônimo, de 1973 (acima); como chefe dos bombeiros no filme-catástrofe *Inferno na Torre* (1975), ao lado

VIDEO
VINHETAS
ABERTURAS
TREINAMENTOS
INSTITUCIONAIS
FOTOGRAFIA
AUDIO VISUAL
STILL LIFE
MODELOS

Rádio Táxi ao vivo
Show Matriz
Na integra com 90 min. de Rock
Cr$ 3.000,00
Recorte este anúncio e ganhe
30% desconto

Av. Cursino, 2218 - Cj. 1 - Cep 04132
Fone (011) 579-1094 - São Paulo

MAIS SOM PARA
O SEU VÍDEO
AUDIO MIX - MISTURADOR DE ÁUDIO

PARA VOCÊ SONORIZAR SUAS GRAVAÇÕES

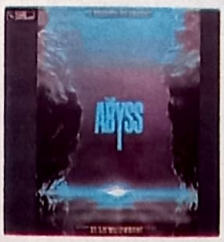
Possue duas entradas de áudio onde você pode colocar a sua música favorita junto com o som original da fita, e ainda uma entrada de microfone, permitindo a narração. Ajustes de volumes individuais permitindo que se misture os sons nas proporções desejadas.

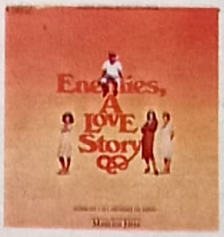
Temos ainda completa linha de equipamentos para vídeo:

- **V.R. REGENERATOR:** aumenta a definição do vídeo, melhorando o contraste nas cópias.
- **V. SWITCHER:** comuta 4 sinais de vídeo para uma única saída.
- **V. DISTRIBUTOR:** divide um sinal de vídeo em até três saídas.
- **V. MODULATOR:** modula o sinal de vídeo para uma saída em canal 3 ou 4.
- **Efeitos** - V. POSTERIZATION
  - V. SOLARIZATION
  - V. INVERTER

LINEVIDEO EQUIPAMENTOS DE VÍDEO
R. Dr. Elisio de Castro, 671
São Paulo - SP - CEP 04277
TELEFONE: (011) 273 2328

DOU-LHE UM, DOU-LHE DOIS, DOU-LHE TRÊS...





Quantos discos um único filme pode colocar no mercado fonográfico? Mais opções musicais ou outro mero caça-níqueis?

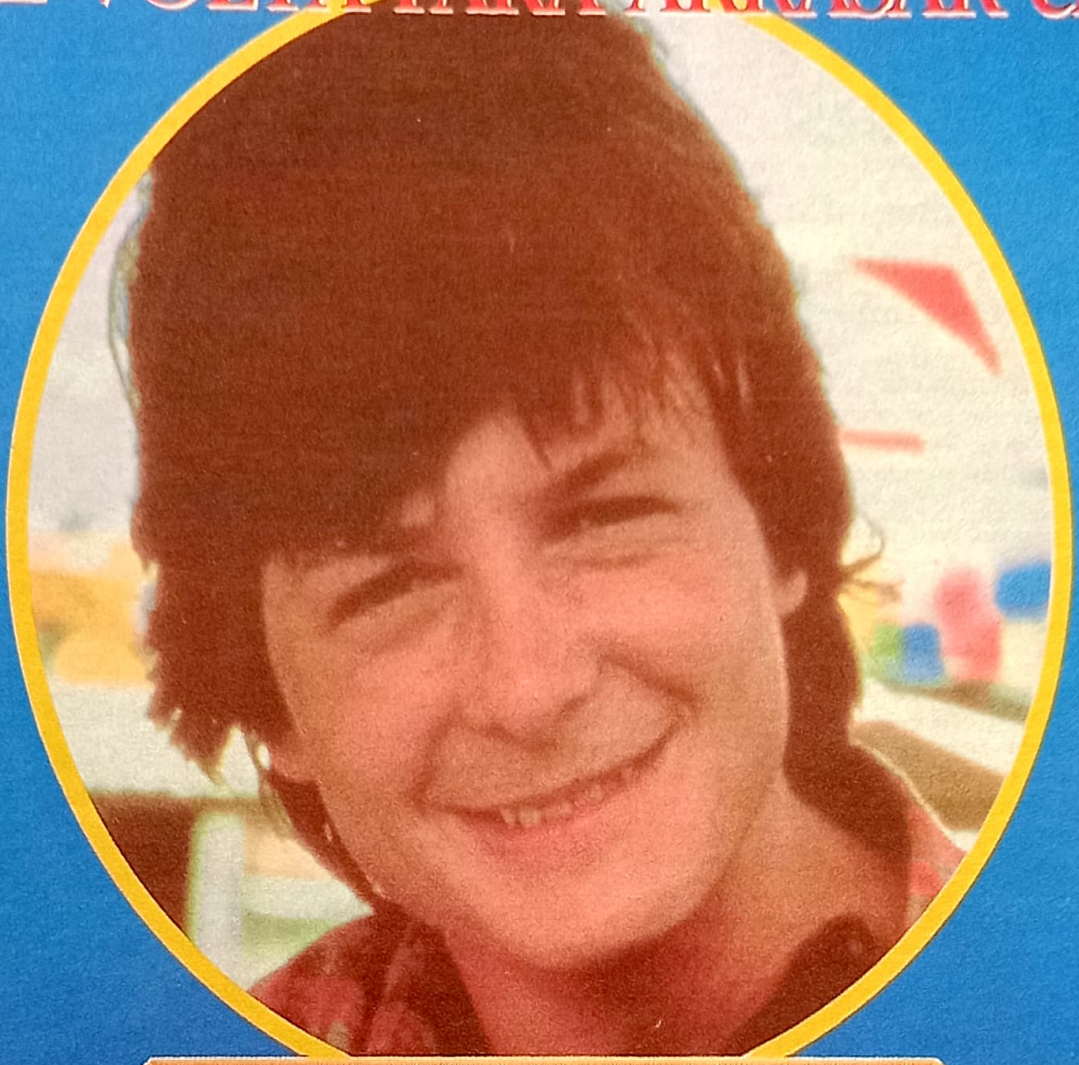
◆ Parece menos uma opção musical do que um bem armado estratagema de marketing. Afinal, se *Batman* rendeu dois álbuns de "trilha sonora", por que *Dick Tracy* não poderia fazer surgir três? Pois foi exatamente o que aconteceu. Depois de *I'm Breathless*, de Madonna, chegam ao mercado brasileiro, por meio da Sire/WEA, os LPs *Dick Tracy: Original Score* e *Dick Tracy: Selections from the Film*. Porém, contrariando as expectativas, os discos acabam formando uma trinca bem interessante, conseguindo transcender o próprio oportunismo da jogada mercadológica. Ao discreto charme do LP de Madonna vieram se somar a trilha original de Danny Elfman — muito mais arejada e diversificada que os soturnos temas que ele compôs para *Batman* — e *Selections from the Film*, um caso à parte. Nele, figuras tão díspares no universo pop quanto Jerry Lee Lewis e o duo *techno pop* Erasure, Darlene Love e o *rapper* Ice-T, interpretam as canções feitas pelo produtor Andy Paley, com arranjos que recendem a própria instrumentação usada na década de 30. Um disco muito curioso e, com certeza, o mais indicado desta tríade.

◆ Mais quatro discos do selo americano Varèse Sarabande chegam ao Brasil por meio da gravadora Eldorado. O mais curioso é o que traz a trilha de *My Left Foot*, juntamente com a de *Da*, ambas gravadas em 1988 pelo veterano Elmer Bernstein. Em ambas, o compositor comprova sua perícia ao mesclar delicadamente os solos de Ondes Martenot (um dos primeiros instrumentos elétricos existentes) executados por Cynthia Millar com sutis intervenções acústicas, em temas inspirados pelo folclore irlandês. Em linha similar, mas trabalhando só com instrumentos acústicos e combinando música clássica com melodias tradicionais húngaras, o francês Philippe Sarde também obteve um bom resultado na trilha sonora de *Music Box*. Já o calejado trilheiro Maurice Jarre limita-se em *Enemies, A Love Story* a retratar musicalmente a ambiência em que o filme se desenrola (Nova York, início dos anos 50). Pode funcionar bem nas telas, mas no vinil seu jazz com sotaque ídiche fica meio enrolado. Completa o pacote a trilha de *The Abyss*, composta por Alan Silvestri e que em momento algum consegue fugir do óbvio no gênero.

Celso Pucci

MICHAEL J. FOX

DE VOLTA PARA ARRASAR em



HIGH SCHOOL USA

LUTANDO PELO FUTURO

ESTRELANDO

MICHAEL J. FOX • NANCY McKEON • TODD BRIDGES
ANTHONY EDWARDS • ANGELA CARTWRIGHT
BOB DENVER • DWAYNE HICKMAN

MAIS UM LANÇAMENTO

AB Video

AB INTERNACIONAL VIDEO LTDA.
Rua Dr. Manuel Maria Tourinho, 43
01236 - São Paulo - SP
Telefone: (011) 65-5554 - Telex 111014 ABVI-BR

R&M 262-4046

BRANDO, BEM BRANDO

Malcuidada, a biografia do ator Marlon Brando se limita a relatos amorosos e decepciona editorialmente

"Suas roupas foram criadas para realçar-lhe a musculatura... A calça jeans é muito justa, delineando seus órgãos genitais." Com essa ótica físico-viril da figura polêmica de Marlon Brando (66 anos), o biógrafo de personalidades Charles Higham inicia a biografia não-autorizada do ator. *Brando — Uma Biografia Não-Autorizada* nada acrescenta de novo sobre a ilustre pessoa, já que desde 1947 — quando estreou na peça de Tennessee Williams *Um Bonde Chamado Desejo* — Brando ocupa as páginas da imprensa da aldeia global com escândalos e declarações bombásticas.

Higham, que já publicou várias biografias (Audrey Hepburn, Bette Davis), deixa claro que, além da falta de talento para escritor, não aprendeu a fazer biografias no mínimo saborosas. Na edição da Civilização Brasileira, Higham contou com a colaboração de um tradutor com pouca criatividade e intimidade com a língua portuguesa e editores que não se preocuparam com a revisão tipográfica — uma fase importante na confecção de livros — tornando a obra um pastiche quase ilegível. Trocando em miúdos, a edição malcuidada tem poucos atrativos — falta, por exemplo, a filmografia detalhada do ator.

Subtraindo-se os relatos dos famosos casos amorosos que o endeusado Brando manteve com praticamente todas as mulheres (ou homens) que conheceu e as histórias de praxe sobre a infância do biografado, com depoimentos de vizinhos e amigos de colégio, sobram os dados de bastidores e sets, as relações de Brando com os diretores com os quais trabalhou e seu envolvimento com causas político-sociais de minorias. Na obra, o único aperitivo degustável e de interesse cinematográfico das 328 páginas biográficas.

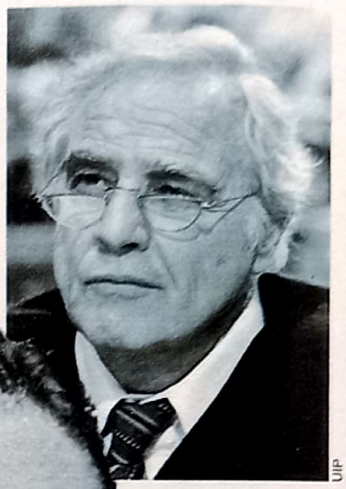
Marlon Brando é reconhecidamente um dos melhores, senão o melhor, ator que o cinema conheceu desde a década de 50. Declaradamente, odeia jornalistas e não se considera um mito. Por esses motivos, merece uma biografia à altura.

Deborah Peleias SET

Brando — Uma biografia não-autorizada — Charles Higham — trad. Aulyde Soares Rodrigues — Ed. Civilização Brasileira, 328 págs., Cr$ 1 920,00.

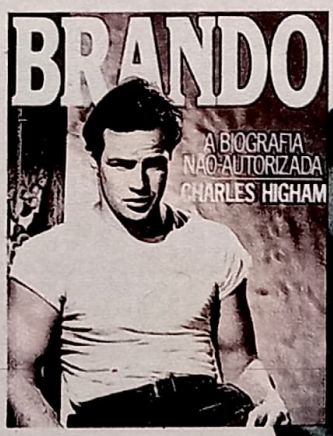
Fotos Civilização Brasileira

Busto do ator feito pelo escultor Constantine, também não-autorizado pelo homenageado



UIP

Ao lado, a beleza que levou as mulheres à loucura no final da década de 40. Acima, Brando aos 66 anos



A CANDIDATA MAIS SIMPÁTICA DO BRASIL

IZI

SUAS SINCERAS PROPOSTAS:

- ENTREGA GARANTIDA PARA TODO O BRASIL VIA SEDEX
- ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO
- O MAIS VARIADO ESTOQUE DE FILMES NACIONAIS E CATÁLOGOS
- ATENDIMENTO PERSONALIZADO

OS MENORES PREÇOS DO MERCADO, CONFIRA!

• ABERTO AOS SÁBADOS •

TELEMARKETING

	93-9100
São Paulo	93-2526
(011)	93-5342
	948-5939
	291-5483

REPRESENTANTES

Curitiba/PR	- (041) 247-3995 - Waldir
Campinas/SP	- (0192) 31-0330 - Raul
Belo Horizonte/MG	- (031) 222-5837 - Walter
Itajaí/SC	- (0473) 44-1881 - Gelson
Porto Alegrè/RS	- (0512) 28-0827 - Luis

FILIAL - NORTE/NORDESTE
Av. Cons. Aguiar, 1175 - Conj. 301
Boa Viagem - Recife/PE
FONE (081) 326-4489
Estoque permanente - Pronta Entrega

PRODUTORAS

• AB • Abril • Alvorada • América • Argovídeo • CIC • Century • Colúmbia • DIF • DIV • Disney • Elite • Everest. F.J. Lucas • Fox Home • Globo •Herbert Richers • Jaguar • Look • Machine Vídeo • MGM • Mundial • Mega • Nacional • National Geographic • Office • Omni • PBV • Poletel• Polivídeo • Reserva Especial • Royalty • Royalty • Sagres • Taipan • Tec Home • Top Tape • Transvídeo • Universo • Univídeo • Vic • Vídeo Ban • Vídeo Lips • Vídeo Plus • VTI • VMW • Warner • Wera's • Zircon

MATRIZ **VÍDEO MIX DISTRIBUIDORA** - RUA HERVAL, 336 - BELÉM - SÃO PAULO - SP - CEP 03062

...COM UMA EXPLOSÃO DE LANÇAMENTOS

OPÇÃO
PRODUÇÕES
Cinema & Vídeo

O.P.A. OPÇÃO - PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA.
Av. N. S. de Copacabana, 978 - Sub-solo 103 - Rio de Janeiro - RJ - BR Tel.: (021) 521-9091 - 521-9741 - 521-5298 - Fax.: (021) 521-5146 - CEP 22060
São Paulo Tel.: (011) 287-2696 • 284-5374 • S.P.

por Mustafa Yazbek

LAWRENCE DA ARÁBIA

(Lawrence of Arabia, 1962)

O ritual, momento marcante na passagem para a adolescência, repetiu-se com pontualidade durante alguns anos. Domingo era o dia sagrado, o aguardado dia das sessões vespertinas do cine Monumento, no Ipiranga, bem ao lado daquele Dom Pedro I, condenado a comemorar nossa independência por toda a eternidade do alto do seu cavalo.

Divertidas aventuras de Charles Chaplin, musicais turbulentos de Elvis Presley, façanhas do imperturbável caubói Hopalong Cassidy. E, de repente, numa dessas tardes, um filme mais longo e mais curto do que os outros costumavam ser: imagens nebulosas retiradas dos arquivos da memória e impressas em minhas retinas para sempre, com intensa nitidez. Na tela, os horizontes escaldantes da Arábia de Lawrence, a Arábia do militar, arqueólogo e diplomata britânico Thomas Edward Lawrence, vivido por Peter O'Toole.

E a descoberta: o cinema podia, também, falar de coisas que *existiam* ao redor, dos acontecimentos "verdadeiros". No caso, um universo captado vagamente por mim na infância, filtrado das conversas e histórias dos emigrantes árabes mais velhos. Então o cinema podia também ser *isso?* Podia ser algo tão próximo da *vida real* sem chegar a ser um documentário? Podia, sim, e nesse sentido ver *Lawrence da Arábia* foi uma experiência equivalente a uma iluminação: a História entrando pela janela mágica da tela.

Se ainda era cedo para compreender as tais razões superiores da História, o olhar curioso e atento buscava descobrir um pouco mais a respeito das dimensões do mundo. O tempo se encarregaria de proporcionar informações que faltavam. Àquela altura, pouco nos importava se o conflito retratado opunha imperialistas a colonizados, ingleses a turcos, árabes a todo mundo. A Primeira Guerra Mundial, com suas causas e conseqüências, ainda não era parte do programa.

Somente anos depois é que ficaria mais nítida — embora nunca ao todo desvendada — a figura controvertida daquele Lawrence de personalidade multifacetada. Simples espião, aventureiro oportunista, puro idealista, desesperado personagem em busca de si mesmo —, dependendo do foco do observador de sua participação no conflito colonial do Oriente Médio.

Na verdade, estávamos mais preocupados com os combates entre nossa turma e o pessoal da rua de baixo; com os choques constantes entre os garotos do colégio dos padres e os do colégio estadual. Ou, ainda, com a rivalidade sempre presente em dias de jogo entre Santos e Corinthians.

Mas foi impossível resistir ao clima de sonho e de aventura com que aquele filme plasticamente deslumbrante nos envolveu na viagem projetada através de horizontes arenosos. Clima que podia ser vivenciado por qualquer sonhador e aventureiro. Era só querer. Quem seria o primeiro?

O deserto, no fim das contas, cedo ou tarde precisaria ser enfrentado, ao vivo. Ele continuava do lado de fora, para além das portas do cine Monumento. Estendia-se diante de nós pelas ruas do bairro do Ipiranga, pelas margens não tão plácidas do riacho, pelo país adentro, naqueles incandescentes e brasileiros anos sessenta.

Mustafa Yazbek é historiador, jornalista e escritor. Escreveu, entre outros livros, *Triste Bahia* (FTD), *Morte na Selva* (Atual) e *A Espanha Muçulmana* (Ática).

Omar Shariff, Peter O'Toole e Anthony Quinn: sonho de guerra no deserto escaldante

Columbia

Você vai ganhar os tubos com o tv gigante da TVM.

Ninguém resiste ao fantástico visual do televisor de 1 ou 3 tubos da TVM.

Escolha um modelo de 50 a 200 polegadas, e prepare-se para deixar a melhor imagem de sua empresa nos congressos, treinamentos e auditórios.

Para o lazer nos hotéis, videobares ou em casa, o TVM é também uma excelente atração. Tem tela plana ou parabólica, imagem perfeita, som stereo, controle remoto, separação de áudio e entrada para dois videocassetes, para discolaser, tv a cabo, caixas acústicas e microcomputador. TVM de 50 a 200 polegadas.

Escolha o seu e ganhe vantagens tão grandes quanto este televisor.

TVM

O maior televisor do país.

Av. Babita Camargos, 1330 - Tel: (031) 331-1455 - Telex. 392696 - CEP 32200 - Contagem - MG
Show Room - São Paulo - SP - Av. Bandeirantes, 5201 - Tel: (011) 275-3103
Show Room - Belo Horizonte - Av. Bias Fontes, 541-A - Tel: (031) 335-1465

vídeo& EQUIPAMENTOS

Nas Locadoras:
Pacto Sinistro,
Cotton Club
e mais
48 Lançamentos
Pág. 68

Computação Gráfica

Arte Digital no Vídeo e no Cinema

Pág. 64

Video Market 90

Turismo e Negócios na Serra Gaúcha

Pág. 62

Thompson Digital Image

1ª Feira Nacional de Vídeo, Disco e Som

VIDEO DISC' 90

Um grande mercado precisa ver e ouvir sua empresa

Patrocínio:
UBV - União Brasileira de Vídeo
ABPD - Associação Brasileira de Produtores de Disco
Febravídeo - Federação Brasileira de Vídeo Locadoras
APVL - Associação Pernambucana de Vídeo Locadoras
ABINEE - Associação Brasileira da Ind. Elétro Eletrônica

Agência de Turismo Oficial:

ALCANTARA MACHADO TURISMO AMT

Fone: (011) 256-1900 Tx: 11 32422
Fax: (011) 258-1079
Fone: (081) 241-5022 Tx: (081) 2188
Fax: (081) 241-6486

Promoção e Realização:

EDUARDO ALCANTARA MACHADO AMM MONTAGEM E EVENTOS

Fone: (011) 258-9227 - Fax: (011) 258-1079
Fone: (081) 241-5022

10 a 14 de Outubro de 1990
Centro de Convenções de Pernambuco-Recife

UBV Festeja Vitória Antipirataria

Desde que foi declarada a guerra antipirataria pelas distribuidoras de vídeo aos laboratórios de copiagem e legendagem de fitas não-seladas, em meados de 1988, a UBV (União Brasileira de Vídeo) não tinha tantos motivos para festejar seu sucesso nessa empreitada. Nos cinco primeiros meses deste ano, 75 buscas e apreensões de fitas foram efetivadas e 14 153 fitas piratas foram recolhidas. A maioria dessas operações foi concluída depois da checagem de denúncias encaminhadas à entidade, sendo que, na mais espetacular delas, ocorrida em junho passado, a 4.ª Delegacia de Investigações Especiais (DIG/DEIC), de São Paulo, apreendeu 13 aparelhos de videocassete usados em pirataria e 58 fitas não-seladas, em um laboratório clandestino no bairro da Mooca, na capital. Até julho, 263 denúncias foram registradas em todo o Brasil — a maior incidência de pirataria tem sido verificada no estado de São Paulo, de onde provieram 57 denúncias. Segundo Rejane Correa, diretora de Operações Antipirataria para o Brasil da Motion Pictures Export Association of America (MPEAA), que representa os direitos das grandes empresas americanas de cinema e vídeo no país, o Brasil "tem o maior número de apreensões ilegais do mundo, realizadas entre 1988 e 1989", conforme relatórios da MPEAA, que possui escritórios espalhados pelo globo.

Paulo D'Alessandro

As máquinas e fitas apreendidas em São Paulo

Basf e Abril Vídeo Lançam VideoPac F-1

Basf

Especializada em fitas de áudio e vídeo virgens a Basf estréia num novo campo do mercado de vídeo — o das fitas pré-gravadas. Em agosto, depois de obter os resultados de uma pesquisa realizada pela Research International indicando que, entre as pessoas que costumam gravar programas de TV, 73% têm como primeira opção filmes de longa-metragem, 54% programas esportivos e 41% shows musicais, a empresa decidiu lançar o *VideoPac Fórmula 1*, que vem ao encontro dos interesses dos amantes de automobilismo. O pacote inclui uma fita da Abril Vídeo com os melhores momentos da F-1 de 1989 e mais duas fitas virgens para gravação dos próximos grandes prêmios de 1990. E tudo pelo preço de uma fita gravada (entre Cr$ 3 e 4 mil). A tiragem inicial é de 25 mil pacotes.

Seminário Avalia Mercado Nacional

O mercado de vídeo brasileiro espera movimentar 400 milhões de dólares este ano (em faturamento de locadoras), 200 milhões de dólares em vendas (pelas distribuidoras), resultantes, respectivamente, de um movimento de 20 milhões de locações previstas para os doze meses de 1990, e da compra de 5 milhões de cópias pelos comerciantes da área. Essa é a estimativa anunciada por Omar Jundi, diretor-geral da Alvorada Vídeo, durante o 1.º Seminário de Marketing para videolocadoras e gerentes, realizado no Hotel Ca'd'Oro (São Paulo) entre 20 e 22 de julho passado. Realizado por iniciativa da Alvorada, CIC, Warner e Basf, o evento marcou alguns tentos, ao colocar, por exemplo, opções para a maximização dos lucros de locadoras, orientar seus proprietários quanto à formação do preço, a rotatividade produtiva de acervos e a formação e preparação de funcionários. Das 200 vagas oferecidas a locadores e gerentes, 195 foram preenchidas. Na opinião de Jundi, as metas do evento "foram todas alcançadas. Os pontos positivos superaram de longe os negativos"

Paris

Hellraiser e Hellbound Ficam com Transvídeo

Hellraiser — Renascido do Inferno e *Hellbound — Renascido do Inferno II*, com mil demônios, acharam finalmente o seu dono no Brasil. Disputados a unha entre a Paris, que já tinha lançado os dois no cinema, e a Transvídeo, as criaturas malignas viviam um verdadeiro inferno. Só encontraram sossego quando, no dia 24 de julho, o juiz da 22.ª Vara Cível da capital paulista deu a sentença: *Hellraiser* e sua demoníaca continuação *Hellbound* são da Transvídeo. Esta, agora, quer reaver o dinheiro correspondente às 16 mil fitas que a Paris já colocou no mercado. O consumidor não vai levar a pior. Só o dinheiro está em disputa pelas distribuidoras. As fitas, que já se encontram nas locadoras, vão ficar por lá mesmo. Podem ser alugadas.

Turistas a Negóci

Feiras de vídeo também podem acontecer em hotéis de luxo, com tempo para trabalho e diversão — foi o que mostrou a Video Market 90, realizada em Canela

A mais recente feira de vídeo do mercado brasileiro, a Video Market 90, realizada em Canela (RS) entre 2 e 5 de agosto, teve pelo menos dois motivos para se destacar de eventos similares antecedentes. Um deles foi o sumiço de pernas bem torneadas das modelos, que sempre aparecem como atrações à parte, em feiras do gênero — as temperaturas próximas de 0°C na Serra Gaúcha na temporada de inverno fizeram com que os *leggings*, *collants* e minissaias normalmente usadas pelas garotas fossem substituídos por espessos agasalhos esportivos. A outra diferença é que em poucas ocasiões o casamento das palavras útil e agradável — neste caso mais adequadamente traduzíveis por lucro e lazer — serviu tão bem aos fins mercadológicos da área de vídeo.

Segundo o organizador Jairo Chotgues, de 30 anos, diretor da Leão Vídeo Comunicação e Marketing (que realizou junto com a Feninvest o evento), a feira atraiu cerca de oito mil pessoas, durante quatro dias, para o hotel cinco estrelas Laje de Pedra. Ali, os proprietários de seiscentas locadoras espalhadas pelo Rio Grande do Sul, além de comerciantes do ramo de todo o Brasil, encontraram tudo o que poderiam esperar de um encontro do gênero: 25 distribuidoras oferecendo lançamentos para a renovação de seus acervos, fabricantes de acessórios (de estantes para fitas a antenas parabólicas), empresas especializadas em informatização de locadoras, e representantes da imprensa especializada. E não era só — os visitantes podiam usufruir ainda do potencial turístico da região, que inclui belíssimas paisagens serranas, um comércio afamado, pela produção tradicional de chocolates caseiros e roupas de lã artesanais, sem contar a possibilidade de dar um pulo no Festival de Gramado (veja reportagem nesta edição), realizado simultaneamente na cidade vizinha, a apenas oito quilômetros de Canela. Montada dentro do hotel, a feira ocupou um salão de convenções aberto ao público e toda uma ala de quartos em que foi instalada a maioria dos estandes de distribuidoras, onde os curiosos ou o público não credenciado não puderam entrar. Assim, o expositor que não quisesse sair do hotel podia aproveitar suas manhãs livres para passear pelo bosque de coníferas que o circunda, tomar banho em piscina aquecida, à tarde se dirigir ao trabalho sem problemas de trânsito e locomoção, e, à noite, usufruir de sauna, shows folclóricos gaúchos e entrada gratuita na única boate da região de Canela e Gramado, no próprio hotel. Com capacidade para quatrocentas pessoas, a boate foi, segundo Antonio Barea, gerente do hotel, o item de lazer "de maior sucesso" do Laje de Pedra durante a feira. No sábado ela aglutinou o dobro — oitocentas pessoas — e outras seiscentas foram barradas à porta por falta de espaço.

Na escala de atrações que deram ibope alto aos estandes da feira, entre distribuição de chocolate com menta, trailers de filmes de ação e até brindes de calcinhas descartáveis para a promoção de vídeos eróticos, destacaram-se, sem dúvida, as modelos da Warner — quatro belas garotas com 1,80 m em média, que não precisavam de muito esforço para atrair visitantes ao estande da empresa. Do ponto de vista

A Guerra dos Números

O organizador da Video Market 90, Jairo Chotgues, resumiu o sucesso da união entre negócios e divertimento no evento de Canela em números que surpreendem até profissionais do meio — sua avaliação é de que entre 3 e 4 milhões de dólares foram negociados. Nada mal para um evento que custou 400 mil dólares em preparação. Mas um exagero para especialistas reunidos na feira, segundo os quais o volume de vendas atingiu, numa estimativa otimista, a marca de 40 mil fitas. Considerando que o preço mais baixo da cópia variava em torno de Cr$ 2 400,00 (Mundial Filmes) e o mais alto Cr$ 4 500,00 (Warner), o valor das vendas alcança, na melhor das hipóteses, Cr$ 180 millhões, ou 2,5 milhões de dólares, no câmbio oficial. A inclusão do faturamento de empresas de serviços e equipamentos nos cálculos não eleva significativamente o volume de negócios fechados na Video Market. Um exemplo é a empresa Canfried Sell, de antenas parabólicas, que faturou Cr$ 11,5 milhões, pouco mais de 160 mil dólares.

Na disputa pelo troféu de distribuidora mais bem-sucedida, as declarações se tornam ainda mais admiráveis. Ricardo Moronho, por exemplo, diretor da Warner Home Video, jura que vendeu entre 9 e 10 mil fitas: "O Rio Grande do Sul é o segundo mercado do Brasil", diz. "Tem o potencial do Norte e do Nordeste juntos." A Warner é seguida de perto pela F.J. Lucas no ranking das vendas anunciadas (de 6 a 8 mil fitas) e pela Tec Home (3 500).

Nem todos os empresários, no entanto, divulgam seus números, pois admitem que nesse mercado todos costumam chutar faturamentos para as estrelas a fim de não perder terreno para concorrentes. "Prefiro não divulgar meus números a mentir", diz Omar Jundi, diretor da Alvorada. "Todo mundo mente", reclama Luiz Procópio, da Mundial. "Por isso prefiro me omitir." Já Roberto Mendes, da Sagres, não teme revelar valores bem mais baixos que os dos "campeões" de vendas: "Foram mil fitas, um número excelente para uma feira regional", pondera. O mesmo vale para a pequena Vídeo Plus, há oito meses no mercado: "Não esperávamos vender mais que trezentas fitas e passamos de mil", garante Armando Comin, gerente-geral da empresa.

M. N.

Fotos Mario Nery/ Azul

As modelos da Warner (à esquerda) foram atrações à parte na feira, assim como os bosques de coníferas e as belas paisagens serranas da região de Canela (acima) para onde a Video Market atraiu oito mil visitantes

Omar Jundi, da Alvorada (ao lado), Jairo Chotgues, organizador, e Ricardo Moronho, da Warner (abaixo)

dos negócios, o sucesso não foi menor (ver boxe). Na opinião de Enrico Rastelli, diretor-gerente da Abril Vídeo, "a fórmula desta feira deve ser repetida". O único aspecto contestado por alguns expositores foi a segregação do público entre locadores, expositores, imprensa e os demais (estes impedidos de visitar a maioria dos estandes de vendas). "Quem tem de se organizar para não haver confusão entre curiosos e compradores é o expositor", diz Ricardo Moronho, diretor-geral da Warner. "Abrir ao público em parte e não atender suas expectativas é frustrante", diz Omar Jundi, diretor da Alvorada.

Para tranqüilidade dos descontentes, o organizador Jairo Chotgues garante que no ano que vem esses problemas serão contornados, e que a Video Market será "duas ou três vezes melhor". Ele promete reunir representantes do Chile, Argentina e Uruguai, e realizar ainda o primeiro encontro mundial de videolocadoras.

Mario Nery, de Canela

Os Principais Lançamentos

AFOGANDO EM NÚMEROS *(Drowning by Numbers,* Inglaterra, 1987). Dir.: Peter Greenaway. Perverso "conto de fadas de humor negro para adultos" segundo o autor. Transvídeo.

O IMPÉRIO DA PAIXÃO *(Empire of Passion,* Japão, 1978). Dir.: Nagisa Oshima. Seqüência não tão brilhante, mas ainda original de *O Império dos Sentidos.* Sagres.

UMA DUPLA QUASE PERFEITA *(Turner & Hooch,* EUA, 1989). Dir.: Roger Spottiswoode. Tom Hanks faz par com um cão bagunceiro que é testemunha de um assassinato. Abril.

ARMADILHA MORTAL *(Deathtrap,* EUA, 1982). Dir.: Sidney Lumet. Saboroso thriller sobre um escritor que quer matar um colega para roubar-lhe o crédito. Warner.

PASSAGEM PARA A ÍNDIA *(A Passage to India,* Inglaterra, 1984). Dir.: David Lean. Exuberante adaptação da novela de E. M. Forster sobre o confronto cultural Ocidente/ Oriente. Tec Home.

NOVA IORQUE, UMA CIDADE EM DELÍRIO *(Bright Lights, Big City,* EUA, 1988). Dir.: James Bridges. Michael J. Fox vive um pesadelo ao tentar ser um yuppie em Nova York. Warner.

Animação por Computador, uma Arte Digital

Alimentada por uma técnica que empresta verossimilhança ao imaterial, a computação gráfica conquista o cinema e a publicidade

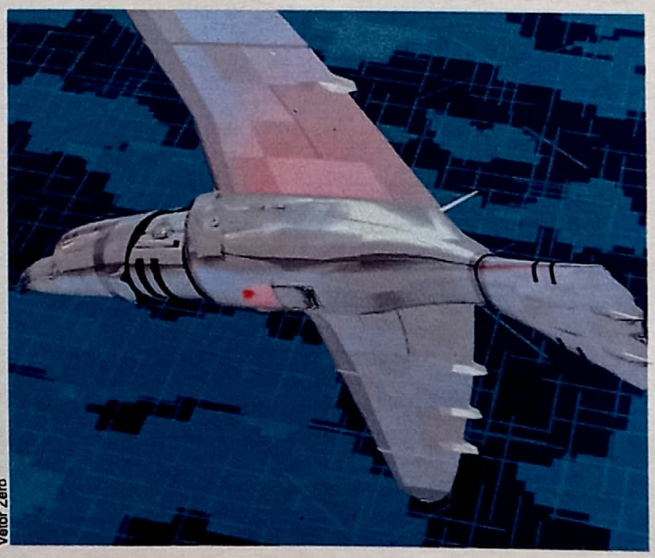
Águias metálicas atravessando feixes de raios, logotipos que ganham volume e são visualmente percorridos como se tivessem realmente uma topografia, tomates que se comprimem por conta própria em uma embalagem de extrato. São exemplos de imagens vistas na TV brasileira que foram produzidas por meio da computação gráfica. Alimentada por uma técnica que empresta verossimilhança ao imaterial, essa arte digital amplia com rapidez sua participação na publicidade e no cinema.

Com sua aparente capacidade ilimitada de tornar fantasias reais, a computação gráfica e os profissionais que a exercem permanecem ainda mitificados ante o público leigo no assunto. Na verdade, esse campo tem mais aplicações do que mistérios e reúne pessoas que comumente não se caracterizam por uma formação em ciências exatas. Nos EUA, seu país de origem, a computação gráfica tem festivos congressos anuais, é tema de outros congressos na Europa, e em breve terá mostras exclusivas também no Brasil.

As principais atrações de congressos como o organizado anualmente pelo Siggraph (Special Interest Group on Graphics), sediado anualmente em uma diferente cidade norte-americana, são as obras de animação que se utilizam da computação gráfica, trabalhos voltados para o mercado publicitário, institucional ou cinematográfico.

Casos exemplares são as produções da Pixar, empresa subsidiária da Lucasfilm (do cineasta George Lucas, diretor de *Guerra nas Estrelas*), que tem investido em recriar o desenho animado clássico no mundo da terceira dimensão simulada. Seu curta *Tin Toy* se tornou a primeira obra de computação gráfica a ganhar um Oscar, em 1988. É uma pequena obra-

The 2nd Animation Celebration



Vetor Zero

Águia metálica realizada pela Vetor Zero para a empresa Elebra (à esquerda) e cena de *Tin Toy*, da Pixar, vencedor do Oscar de 1988 (acima)

Thompson Digital Image

Thompson Digital Image

Paris, 1789 **(à esquerda) e vinheta Fantome para TV (acima)**

prima na linha Warner de humor negro, quase em clima de terror. Nele, um soldadinho de lata passa por apuros ao ser perseguido por um bebê de hábitos destrutivos e aparência ameaçadora.

Desenvolvendo seu próprio software, a Pixar tem entre suas obras mais conhecidas o "cavaleiro-vitral" do filme *O Enigma da Pirâmide*. Dois dos talentos da empresa são o designer William T. Reeves e o roteirista John Lasseter, vindo do cinema de animação. Eles assinam, além de *Tin Toy*, outros curtas de ambientação muito realista, *Red's Dream* e *Luxo Jr.*

Tron, realizado pelos estúdios Disney em 1983, foi o primeiro cruzamento em grande escala entre o cinema e a computação gráfica. Somou os esforços de quatro companhias especializadas — Robert Abel & Associates; Information International, Inc.; Mathematical Applications Group, Inc., e Digital Effects. Foi seguido um ano depois por *O Último Guerreiro das Estrelas (The Last Starfighter*, de Nick Castle), que apresenta cerca de vinte minutos de cenas espaciais inteiramente geradas em computador.

No recente *O Segredo do Abismo (The Abyss*, de James Cameron), um "tentáculo de água" alienígena foi trazido à vida com a associação de recursos de sistemas diferentes. O serviço foi da Industrial Light & Magic, outra subsidiária da Lucasfilm, mais conhecida por desenvolver efeitos especiais convencionais.

Peças muito elaboradas como as mencionadas acima exigem às vezes meses de trabalho para poucos segundos de resultado final. Mas os custos e a repercussão por vezes são plenamente compensadores. Constituem outros motivos pelos quais o ritmo rápido exigido pela propaganda favoreceu a introdução do computador gráfico nessa mídia. Empresas especializadas em publicidade, como a citada Robert Abel & Associates, Pacific Data (EUA), Toyo Links (Japão), Ex Machina e Fantome (França), conceberam algumas das obras mais impressionantes do gênero. Ficou célebre no meio televisivo a série de comerciais que Kenny Mirman, da Robert Abel, realizou para os cigarros Benson & Hedges. Randy Roberts, da mesma empresa, assina a abertura da série *Histórias Extraordinárias (Amazing Stories*, 1986), produzida por Steven Spielberg.

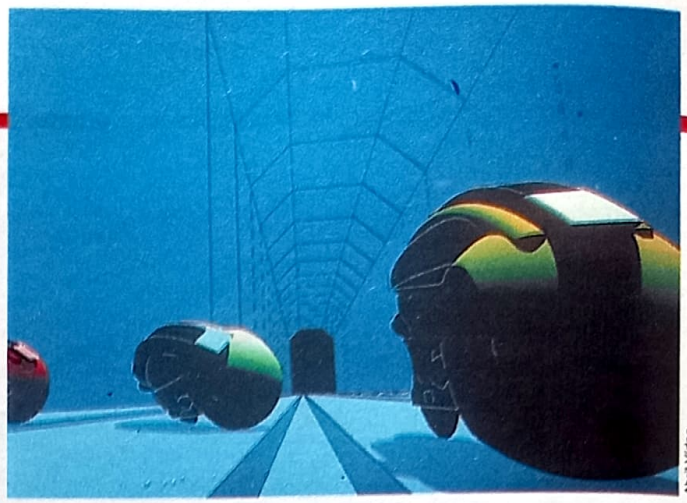
A produtora francesa Ex Machina apresentou no ano passado uma combinação do uso de computadores com o desenho animado comum. *Paris, 1789*, especial para a TV comemorativo do bicentenário da Revolução Francesa, recupera a paisagem daquela cidade no final do século 18.

Outros artistas permanecem associados a universidades ou mesmo a fabricantes. Gavin Miller, por exemplo, fez demonstrações das habilidades dos programas da Alias Research, Inc. com animações como *Eric, the Dynamic Worm*, de 1988, mostrando com detalhismo os movimentos anelares de uma minhoca.

Contando com uma ínfima parte do apoio de pesquisa fornecido à computação gráfica do Primeiro Mundo, a arte digital cresce sua participação no Brasil rebocada pela publicidade. Sua introdução definitiva se deu pela televisão, com o sistema que a Rede Globo passou a operar no início da última década.

A computação gráfica tornou-se um padrão no design televisivo de todo o mundo (nos EUA, está presente desde 1971). No Brasil, a tendência se acentua, apesar da dependência de equipamento importado (principalmente dos EUA) e muito caro (ver box sobre a história da computação gráfica). No momento, além da Globo e do SBT, empresas de publicidade se equipam, caso da Frame e da Diana; se estabelecem produtoras especializadas, como a Globotec, a Vetor Zero e a CGA; as novas emissoras de TV em UHF tratam de ter seus próprios computadores, como a TV Abril e a TV Jovem Pan.

COMPUTAÇÃO GRÁFICA



Abril Vídeo

O casamento da computação gráfica com o cinema em *Tron* (à direita) e *O Segredo do Abismo* (abaixo)

Fox

Ainda são poucos os cursos no Brasil que formam profissionais em computação gráfica. Em verdade, quem trabalha nessa área ainda não tem uma designação específica — são chamados desde *videodesigners* até *metadesigners*. O que há de sólido por trás da nomenclatura difícil é que um currículo prévio em arte e design pode ser o mais útil para quem se inicia na área.

Como estética, a computação gráfica já conseguiu estabelecer seus vícios. Os chamados "logotipos voadores" e a "síndrome de montanha-russa" (pela qual a câmera sempre tem de fazer movimentos impossíveis) são causas do fascínio pelas possibilidades da máquina que, aos poucos, acabaram determinando o gosto de seus consumidores, impondo um padrão visual. Por mais milagrosa que pareça ser, a computação gráfica ainda apresenta algumas limitações incompreendidas pelos que encomendam seus serviços — o que torna, às vezes, uma resposta "tradicional" mais viável para um problema. É um desafio para os designers propor soluções diferentes em tais questões criativas.

Ao mesmo tempo, os sistemas evoluem no sentido de fornecer imagens mais realistas. O tipo de design clean, gráfico, tende a conviver e se combinar com um novo tipo de surrealismo — cujo potencial de espetáculo é muito favorável comercialmente. Trata-se de uma arte de combinações, com uma quantidade de possibilidades que deve continuar a crescer.

Um computador gráfico pode trabalhar tanto com imagens em duas dimensões (ou "2D", planas, como uma foto ou um quadro) quanto "construir" objetos tridimensionais ("3D"), inseri-los em determinado ambiente e animá-los num processo análogo à filmagem — com a vantagem de se ter uma "câmera" abstrata, sem volume, e praticamente total controle sobre os objetos. Por "câmera" pode ser entendido o ponto de vista registrado na tela e comandado pelo próprio videodesigner. Assim, como não tem dimensões, cabe em qualquer espaço e penetra em qualquer objeto imaginário.

Há sistemas especializados tanto em 3D quanto em 2D (a tridimensionalização combina os dois processos). Máquinas 2D são usadas, por exemplo, para retocar fotografias antes da publicação em revistas. Também podem movimentar imagens quadro-a-quadro, como na animação tradicional.

Nos sistemas tridimensionais, um objeto é construído virtualmente pela máquina (existindo somente como uma interpretação numérica), com o auxílio de ferramentas interativas fornecidas ao operador, como uma caneta que aciona os comandos na tela. O computador simula um ou mais corpos com altura, largura e profundidade, opcionalmente "embrulhados" em texturas bidimensionais. O designer pode determinar as luzes que iluminam cada objeto, mudar suas formas, indicar seu movimento e o do ponto de vista (a "câmera").

Os sistemas caminham para a interatividade total, no que é chamado de realidade virtual, ou seja, a criação de ambientes artificiais nos quais o operador possa "entrar" com todo o corpo. Isso, por enquanto, é experimental. Um computador gráfico atual tem como problema principal o tempo de geração de uma imagem, que demanda muita memória e é muito exigida em uma animação. Depois que o operador concebe os objetivos e define sua iluminação e movimentos, a máquina se encarrega de gerar cada quadro da animação, segundo o que está determinado no programa. Trinta segundos de movimento significam horas de trabalho solitário da máquina. Chegar à geração em tempo real, simultânea à criação, é o benefício mais esperado pelos designers da área.

Marcos Smirkoff SET

CG Surgiu com Pesquisa Militar

A história da computação gráfica começa em 1946, com um imenso e lento computador a válvula, o ENIAC. Nada restou de suas dimensões mastodônticas nos sistemas mais usados atualmente. São micros ou minicomputadores distribuídos por uma muito ampla gama de preços. Equipamentos de uso pessoal podem se colocar na faixa de 1,5 mil dólares, enquanto sistemas complexos de padrão "televisivo" oscilam acima dos 100 mil dólares.

O desenvolvimento da computação gráfica teve como seu principal impulsionador a pesquisa militar nos Estados Unidos. Simuladores de vôo e de combate, destinados a economizar o dinheiro gasto e arriscado com testes reais, resultaram no aprimoramento de recursos sofisticados que, ao longo da última década, vêm sendo adaptados em sistemas de dimensões mais práticas e utilização cada vez mais diversificada. Tais máquinas servem hoje tanto à publicidade e ao cinema quanto à arquitetura, à engenharia, à medicina, à física, à química, à astronomia, à meteorologia, entre outros campos. A visualização de moléculas, a tomografia tridimensional ou a projeção topográfica de um astro têm agora métodos comuns. M.S.

MAGNO LASER
VÍDEO & GAMES

HOJE COM 4 ANOS DE EXPERIÊNCIA E LOJAS NOS MELHORES BAIRROS DE S.P., CONQUISTAMOS O KNOW-HOW QUE VOCÊ PRECISA.

TENHA SUA LOJA MONTADA EM 30 DIAS.

CONTACTE-NOS AINDA HOJE
PELO FONE: 66•1608 COM DONA GINA
OU VIA FAX: (011) 543•9008

O PESO DE UM PASSADO

DRAMA

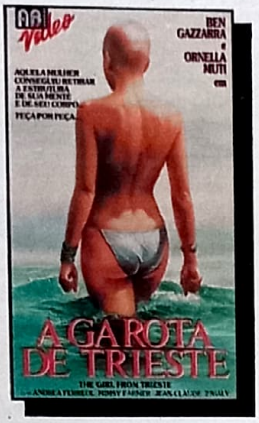
A CONDESSA DESCALÇA ●●●●
(The Barefoot Contessa, EUA, 1954)
Direção: Joseph L. Mankiewicz. Com Ava Gardner, Humphrey Bogart, Edmond O'Brien, Rossano Brazzi, Warren Stevens, Marius Goring. Warner.
Ácida releitura do mito de Cinderela ambientada no corrupto mundo do cinema. Maria Vargas (Ava Gardner) é uma dançarina de flamenco descoberta em Madri pelo produtor Kirk Edwards (Stevens), que a leva para Hollywood e a transforma numa estrela. Apesar do sucesso, Maria só se sente feliz com os pés descalços no chão sujo — uma metáfora para sua queda por romances ilícitos com homens do povo. Só quem conhece seu lado oculto é o desiludido e alcoólatra diretor de cinema Harry Dowes (Bogart). Esse irresistível "clássico camp" (na definição da crítica Pauline Kael) começa com o enterro da atriz e é narrado, em sucessivos flashbacks, do ponto de vista de três personagens diferentes. *J.G.C.*

O PESO DE UM PASSADO ●●●
(Running on Empty, EUA, 1988)
Direção: Sidney Lumet. Com River Phoenix, Christine Lahti, Judd Hirsch, Martha Plimpton e Jonas Arby. Warner.
Com sensibilidade, o mestre do policial americano Sidney Lumet (*Um Dia de Cão, Serpico*) aborda em *O Peso de um Passado* as seqüelas, nos anos 80, dos movimentos terroristas antiimperialistas nos Estados Unidos da década anterior. A originalidade de Lumet está em mostrar o que aconteceu a esses terroristas sob o ponto de vista do adolescente Danny (Phoenix), filho mais velho de Arthur e Annie (Hirsch e Lahti), militantes do Exército da Libertação que, em 1971, bombardearam um laboratório experimental de fabricação de napalm. Desde então, procurados pelo FBI, são obrigados a viver na clandestinidade, de cidade em cidade, mudando nomes e aparências. Danny, um virtuoso pianista, carrega como um pesado fardo o segredo dos pais, pois não pode fixar-se nem aprofundar seus estudos em música, uma vez que a itinerância da família não lhe oferece oportunidade. Phoenix encarna esplendidamente o cativante e introspectivo Danny e foi indicado pelo papel para o Oscar de melhor ator coadjuvante em 1989. O filme, que permanece inexplicavelmente inédito nos cinemas brasileiros, é uma grata surpresa da Warner para os aficionados do vídeo. *Deborah Peleias*

JEZEBEL ●●●●
(EUA, 1938)
Direção: William Wyler. Com Bette Davis, Henry Fonda, George Brent, Fay Bainter. Warner.
Bette Davis é Julie, uma impetuosa beldade sulina noiva de Preston (Henry Fonda), jovem com idéias progressistas e não muito afeito a domar com rédeas curtas os caprichos de sua cortejada garota. Esse drama ambientado em 1852, na cidade de Nova Or-

leans à beira da Guerra Civil, levou dois Oscars: o de atriz coadjuvante para Fay Bainter (tia Belle) e o de melhor atriz para Bette; e foi a resposta de Bette, estrela da Warner, à Metro, por não tê-la escolhido para o papel de Scarlett O'Hara em *...E o Vento Levou* (Victor Fleming, 1939). O roteiro exemplar, que contou com a participação de John Huston, e a direção vigorosa de Wyler conferem identidade a *Jezebel*, afastando possíveis comparações com o clássico de Fleming. *W.A.S.*

Warner



TELEFONEMA NA MADRUGADA ●●●
(La Donna delle Meraviglie Itália, 1985)
Direção: Alberto Bevilacqua. Com Ben Gazzara, Claudia Cardinale, Lina Sastri. F.J. Lucas.
Dirigido pelo romancista Alberto Bevilacqua *(A Rebelde*, 1970; *Tango Blu*, 1987), o filme tem a estrutura fragmentária e intrincada da literatura moderna. Nem sempre o embaralhamento temporal e os monólogos interiores funcionam bem nas imagens, mas o produto final é pessoal e intrigante, um jogo sutil. Alberto (Ben Gazzara) é um poeta e roteirista solitário, divorciado de Maura (Cardinale) e Luisa (Lina Sastri), envolvido com os telefonemas de uma delicada voz feminina: a misteriosa "mulher das maravilhas" que ele tenta identificar enquanto busca também se encontrar. A narrativa é refinada e recorre a oníricos *flashbacks*. *A.Q.N.*

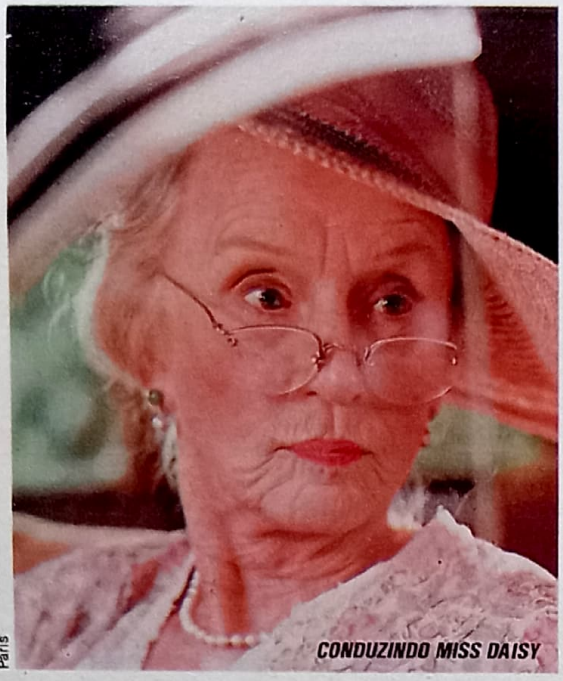
A GAROTA DE TRIESTE ●●
(The Girl from Trieste, Itália)
Direção: Pasquale Festa Campanille. Com Ben Gazzara, Ornella Muti. AB Vídeo.
A dupla é a mesma de *Crônica de Um Amor Louco* (de Marco Ferreri), mas é aí que pára todo o oportunismo e interesse do filme. Gazzara faz um ultrabem-sucedido desenhista de quadrinhos (!) que se envolve com a maníaco-depressiva e exibicionista Nicole (Muti). Daí para a frente, as idas e vindas do casal e as obsessões da garota cabem na gaveta dos filmes sobre meninas bonitas em colapso, como, por exemplo, *Betty Blue*. Paisagens bonitas parecem querer suavizar o drama, enquanto Gazzara e Muti exibem uma compreensível facilidade em coordenar as ações de seus personagens. Mas o grande brinde do filme é mesmo a generosa mostra dos talentos físicos da atriz, em forma impecável. *M.S.*

Alvorada

ABSOLVIÇÃO ●●
(Absolution, Inglaterra, 1978)
Direção: Anthony Page. Com Richard Burton, Dominic Guard, Dai Bradley, Billy Connolly. Alvorada.
Num colégio católico inglês, um dos principais professores, padre Goddard (Burton), entra em crise quando ouve em confissão os pecados hediondos cometidos por seu aluno favorito, Benjie Stanfield (Guard). Bem conduzido e brilhantemente interpretado, esse drama de consciência cujo tema tem pontos de contato com *A Tortura do Silêncio* (Hitchcock, 1952) é seriamente comprometido pelo final acrobático e inconvincente. O roteirista Anthony Shaffer, adaptando sua própria peça teatral, cometeu o pecado mortal de abusar da boa fé do público. Mesmo assim, vale conferir. *J.G.C.*

REDE DE INTRIGAS ●●●●
(Network, EUA, 1976)

Direção: Sidney Lumet. Com William Holden, Faye Dunaway, Peter Finch, Robert Duvall, Ned Beatty, Beatrice Straight. Warner.
Onze anos antes de *Nos Bastidores da Notícia* (1987), o cinema americano acertava um golpe muito mais duro contra a televisão, desferido curiosamente por um cineasta egresso da própria. Howard Beale (Finch) é uma espécie de Flávio Cavalcanti enlouquecido, que vocifera em seu programa na rede UBS contra as mazelas que atingem os americanos. Contrariando a linha conservadora da rede, ele começa a falar palavrões e incitar os espectadores à revolta. Enquanto sua audiência está alta, a emissora mantém o programa no ar, pois sua única ética é a do lucro. Essa tendência inescrupulosa da TV é encarnada pela diretora de programação Diana Christensen (Faye Dunaway), que até quando está na cama com um homem só pensa nos números do Ibope. Seu infeliz amante é o diretor de jornalismo Max Schumacher (Holden), defensor de um noticiário honesto e objetivo. Os dois são personagens caricatos e unidimensionais, ao contrário do problemático Beale. O conjunto é cimentado por uma excelente direção de atores. Três deles ganharam o Oscar: Finch, Faye e a coadjuvante Beatrice Straight. *José Geraldo Couto*



Paris

JOE — DAS DROGAS À MORTE ●●●
(Joe, EUA, 1970). Direção: John G. Avildsen. Com Peter Boyle, Dennis Patrick, Susan Sarandon, Audrey Caire. América.
Proibido no Brasil por duas décadas, este é um filme que merece ser visto por no mínimo três motivos. Primeiro: ao contar a história de um operário racista e reacionário (Boyle, o Joe do título) que se junta a um burguês emperdenido (Patrick) numa cruzada contra os hippies, mostra-se um documento precioso sobre o ocaso do *flower power*. Segundo: mostra que, antes de vender sua alma, o diretor Avildsen podia fazer mais do que melodramas caçaníqueis, como *Rocky* e *Karatê Kid*. Terceiro: é a estréia de Susan Sarandon, no papel de uma bela, frágil e desorientada *junkie*. Motivo extra: a atuação soberba de Boyle. *J.G.C.*

KRAMER VS. KRAMER ●●●
(idem, EUA, 1979) Direção: Robert Benton. Com Dustin Hoffman, Meryl Streep, Jane Alexander. LK-Tel/Columbia.
Na linha de dramas que investem no dilaceramento familiar, o filme do roteirista e diretor Benton (*Na Calada da Noite*, 1982; *Um Lugar no Coração*, 1984) é um dos mais corretos e abocanhou cinco Oscars (filme, ator, roteiro, direção e atriz coadjuvante). O publicitário Ted (Hoffman) é abandonado pela mulher, Joanna (Streep), e se desdobra sozinho para alimentar e cuidar do filho, Billy, de seis anos. Quando a mãe retorna, trava-se uma dura guerra pela posse do filho. Hoffman tem um dos grandes papéis de sua carreira, perfeito nas nuanças psicológicas e na simpatia de Ted, que contrabalança o excesso de lágrimas de Streep. Para Academia nenhuma botar defeito. *A.Q.N.*

CROMWELL ●●●
(Cromwell, Inglaterra, 1970) Direção: Ken Hughes, com Richard Harris, Alec Guinness, Robert Morley. LK-Tel/Columbia.
Richard Harris brilha eloqüentemente como o heróico parlamentar britânico Oliver Cromwell enfrentando o rei Charles I (Guiness), que passa por cima da autonomia do Parlamento e se une aos católicos, desprezando a Reforma. Cromwell, senhor rural, passa das palavras às armas para afirmar o protestantismo e a representatividade popular no século 17. Provoca uma guerra civil que define para sempre os rumos da Inglaterra. Apesar das belas e fortes seqüências de batalhas, o filme de Hughes é pomposo e rotineiro, salvando-se o desempenho da dupla central, que encarna o confronto absolutismo *versus* democracia, de atualidade óbvia. *A.Q.N.*

MOMENTO DO DESTINO ●●
(A Time of Destiny, EUA, 1988) Direção: Gregory Nava. Com William Hurt, Timothy Hutton, Melissa Leo, Francisco Rabal. Mundial.
Em 1943, em San Diego, Califórnia, a jovem Josie (Melissa), filha de um basco durão (Rabal), foge de casa para se casar com o soldado Jack Mackenna (Hutton) às vésperas da partida deste para a guerra. O incidente acaba causando a morte do velho. Seu outro filho, o cabo Martin (Hurt), decide vingá-lo, partindo para o *front* italiano atrás de Mackenna. O diretor basco-mexicano Nava (elogiadíssimo por seu filme anterior, *El Norte*) conduz este melodrama sob o signo da redundância, atulhando-o de clichês, *flashbacks* inócuos e música grandiloqüente (de Ennio Morricone). Ótimo elenco desperdiçado. *J.G.C.*

CONDUZINDO MISS DAISY ●●●●
(Driving Miss Daisy, EUA, 1989) Direção: Bruce Beresford. Com Jessica Tandy, Morgan Freeman, Dan Aykroyd. Paris.
Essa produção relativamente modesta sobre uma velha judia (Jessica) e sua longa amizade com seu motorista negro (Freeman) arrebatou quatro Oscar e rendeu 100 milhões de dólares na bilheteria. Para o cineasta Spike Lee (de *Faça a Coisa Certa*), esse sucesso se deve à saudade que os brancos americanos têm do tempo em que os negros do Sul eram dóceis e servis aos seus patrões. Outros críticos apontaram como razão do êxito o convencionalismo da narrativa, linear e sem grandes ousadias. Tudo isso tem um pouco de verdade, mas é preciso muita má vontade para não reconhecer os inúmeros méritos do filme. Em primeiro lugar, o roteiro bem-amarrado de Alfred Uhry (baseado em sua própria peça, prêmio Pulitzer e sucesso *off*-Broadway), com personagens matizados e diálogos saborosos como há muito não se ouve no cinema americano. Em segundo, a delicadeza da direção, hábil sobretudo no ritmo e na denotação da passagem do tempo. *Last but not least*, atores tarimbados em atuações excepcionais. É pouco? *José Geraldo Couto*

DA — EXORCIZANDO O PASSADO ●●●
(Da, EUA/Irlanda, 1988) Direção: Matt Clark. Com Barnard Hughes, Martin Sheen, William Hickey. Paris.
Interessante drama familiar baseado em peça teatral do irlandês Hugh Leonard. Charlie Tynan (Sheen) volta dos EUA a sua cidade natal, na Irlanda, para o enterro de seu velho pai (Barnard Hughes), que, de acordo com o costume irlandês, ele chama de Da (abreviatura de *daddy*, papai). O fantasma do velho aparece-lhe então nas ocasiões mais inesperadas, até tornar-se uma figura "real", com a qual Charlie dialoga e discute, passando em revista a relação pai-filho desde seus primórdios. A infância de Charlie é evocada então em *flashbacks* em que o personagem é interpretado pelo jovem e bom ator Karl Hayden. *J.G.C.*

GRANDES ESPERANÇAS ●
(Great Expectations: The Untold History, Austrália, 1987) Direção: Tim Burstall. Com John Stanton, Robert Coleby, Todd Boyce, Ron Haddrick, Sigrid Thorton. Transvídeo.
Baseado no romance homônimo do escritor realista inglês Charles Dickens

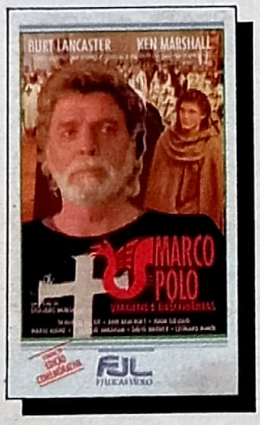
(1812-1870), Burstall *(Kangaroo)* reconta a história de dois presidiários ingleses (Stanton e Coleby) que são deportados para a Austrália. Lá, em 1788, a Inglaterra construiu uma colônia penal em Nova Gales do Sul. O filme acompanha, em seus 360 minutos, quinze anos das vidas desses homens. O roteiro se atém à obra de Dickens, mas o filme é enfadonho, e conta ainda com problemas de tradução — vários e longos diálogos não têm legenda. *D.P.*

Paris

AVENTURA

BOTANDO PRA QUEBRAR •
(Breaking Loose, Austrália, 1988)
Direção: Roy Hay. Com Peter Phelps, Vince Martin, Sharon Tamlyn. Look.
Não é exatamente o protagonista dessa história que bota pra quebrar, e sim o roteiro, que não decide se conta a aventura de um jovem perseguido por uma gangue de arruaceiros ou se explora seus conflitos familiares. *W.A.S.*

GOR E OS GUERREIROS SELVAGENS •
(Gor, EUA, 1988)
Direção: Fritz Kiersch. Com Urbano Barbarini, Rebecca Ferratti, Oliver Reed e Jack Palance. América.
Um professor de Antropologia (Barbarini) é magicamente transportado no tempo e no espaço para Gor, uma terra de bárbaros ao estilo de Conan. Vestido de terno e gravata, o professor é obrigado a ajudar a tribo Corobah a recuperar a pedra fundamental da tribo, a *homestone*, que é o único meio para ele retornar ao seu tempo. Aventura fraca que vale pela ótima presença de Oliver Reed como o vilão Sarm. Jack Palance aparece nos últimos minutos do filme, como amarração para a seqüência *Outlaw of Gor*, de John Cardos, de 1989. *D.P.*



MARCO POLO — VIAGENS E DESCOBERTAS ••
(Marco Polo, Itália, 1982)
Direção: Giuliano Montaldo. Com Ken Marshall, Burt Lancaster, Anne Bancroft. F.J. Lucas.
O canal de TV italiano Prima Rete fez uma pomposa minissérie (aqui condensada) sobre o audaz e temerário Marco Polo, (Ken Marshall), que, da Itália, aventurou-se pelos mares bravios até o Oriente no século 13. O elenco ilustre (com Burt Lancaster, John Gielgud, Leonard Nimoy), a reconstituição detalhista e a música irresistível de Ennio Morricone não tornam menos maçantes certos momentos da esticadíssima e irregular jornada, dirigida (de forma pouco ágil) pelo contestatário Montaldo de *Sacco e Vanzetti* e *Giordano Bruno*. Destaque para as tocantes seqüências da China, onde (como convidado) Polo conheceu a sabedoria e o amor. *A.Q.N.*

TREINADO PARA MATAR ••
(The Assassin, EUA, 1989)
Direção: Jon Hess. Com Steve Railsback, Nicholas Guest, Sam Melville. Mundial.
O canastrão Steve Railsback *(O Substituto)* não convence na pele de um agente de segurança alcoólatra que consegue desarmar um complô engendrado pela extrema direita americana, aqui empenhada em fomentar os conflitos na conturbada América Central. Diante da canastrice de Railsback e de boa parte do elenco, a trama soa até plausível. Na verdade, produtores e realizadores parecem ter descoberto nas infindáveis insurreições latino-americanas um tempero quase inesgotável para apimentar aventurazinhas rotineiras e medíocres. *P.C.*

Mundial

O ESCONDERIJO DOS DIAMANTES ••
(L'Abero Dei Diamanti, Itália)
Direção: Tommaso Dazzi. Com Philippe Leroy, Gianni Cavina. F.J. Lucas.
Produzida pela RAI (rádio e televisão estatal italiana), essa aventura tropical tem a Amazônia como cenário. É para lá que vão duas crianças em busca do pai, um etnólogo dado como desaparecido. Nessa empreitada, terão um bêbado como aliado e inescrupulosos caçadores de diamantes como inimigos. Em meio ao registro da paisagem amazônica e da caracterização de tipos locais, o filme aborda a exploração dos nativos por companhias mineradoras. *P.C.*

O GAVIÃO E A FLECHA •••
(The Flame and the Arrow, EUA, 1950)

Direção: Jacques Tourneur. Com Burt Lancaster, Virginia Mayo, Frank Allenby. Warner.
Espetáculo irretocável, o filme de Jacques Tourneur (1904-1977), protagonizado por um jovial Burt Lancaster, faz do Norte da Itália no século 12 cenário de uma mirabolante e ingênua aventura histórica. Lancaster é o bravo Dardo, dono de uma flecha certeira e língua idem, líder dos lombardos na luta contra os invasores do rei Frederico, que roubaram seu filho e oprimem seu povo. Um demônio de esperteza, espécie de Robin Hood peninsular e guerrilheiro galante, tenta conquistar a estonteante ruiva Ângela (Virginia Mayo), que captura dos dominadores e faz de refém. Hiperbem-humorada, a direção de Tourneur (que se destacou em terrores clássicos como *Sangue de Pantera* e *Farsa Trágica*), lida muito bem com seqüências de ação coletiva, produzindo um confeito saboroso (musicado pelo pomposo Max Steiner) de amor cortês, heroísmo singelo e acrobacias (aprendidas por Lancaster em sua carreira circense). *Antonio Querino Neto*

K-9000 ●●
(K-9000, EUA, 1989)
Direção: Kim Manners. Com Chris Mukey, Catherine Oxenberg. Vídeo Ban.
Mais alguns latidos se somam à recente onda de policiais caninos. Este, antes de mostrar seu astro de quatro patas, explora o que pode da série *Máquina Mortífera* — há uma dupla de policiais: um, negro e bom menino, outro, branco e maluquete. Há também uma heroína loira e bonitinha, com sotaque "estrangeiro" nos EUA. Eles se encontram na confusão criada por um grupo que executa uma operação de terror ecológico. É quando entra em cena um "superpastor alemão". A contribuição do filme para a história do cachorro no cinema está no fato de que este cão, além de biônico (como o da série *Cyborg*) também é capaz de conversar em bom inglês com seu dono — recurso que prende a atenção ao filme por uns cinco minutos. *M.S.*

DRAMÁTICA TRAVESSIA ●●●
(Night Crossing, EUA, 1981)
Direção: Delbert Mann. Com John Hurt, Jane Alexander, Beau Bridges. Abril Vídeo.
Filme de intenções anticomunistas produzido pelos Estúdios Disney. Trata-se da história verídica de duas famílias que fugiram da Alemanha Oriental em 1979 utilizando balões construídos às escondidas. Em tempos de reunificação das Alemanhas o que sobra do filme é a forma polida com que Delbert Mann conduz o excelente elenco liderado pelo inglês John Hurt. Cumprindo a tradição das aventuras Disney, o filme tem uma produção minuciosa — os cenários incluem automóveis usados na Alemanha Oriental. O clima de aventura — às vezes exagerado em dramaticidade pela música de Jerry Goldsmith — é valorizado por belas cenas aéreas. *M.S.*

SANDOKAN, O TIGRE DA MALÁSIA ●●
(Sandokan, Itália/Alemanha, 1976)
Direção: Sergio Sollima. Com Kabir Bedi, Carole André, Phillipe Leroy. Sagres.
Aventura juvenil à antiga, baseada em livro do italiano Emilio Salgari (1863-1911), autor de novelas históricas de sucesso. O filme sucedeu um seriado que ficou famoso em alguns países europeus. O muito canastrão Kabir Bedi interpreta Sandokan, líder de piratas que infernizam o poderio inglês no Extremo Oriente, em meados do século passado. Ferido depois de combate em que parecia invulnerável, o pirata também conquista o coração de uma nobre inglesinha. Se as gastas passagens do roteiro e a cômica interpretação de Bedi cansarem o espectador, há o consolo de uma produção mediana e algumas locações bem curiosas. *M.S.*

CONTRA O IMPÉRIO DO VÍCIO ●
(The Messenger, EUA, 1989)
Direção: Fred Williamson. Com Fred Williamson, Cameron Mitchell, Joe Spinelli. Sagres.
Aventurazinha sobre um ex-presidiário que declara guerra ao comércio de drogas, após ter a mulher que amava morta por traficantes. A trama não importa, pois é mero suporte para a encenação de seqüências de violência explícita. O desconhecido diretor e ator Williamson passa o filme inteiro distribuindo sopapos ou eliminando marginais. Isso quando não ofende a inteligência do espectador. Ao ser interpelado por uma mulher, que quer saber como poderia lhe agradecer o favor de ter matado seu marido, ele responde, sério: "Leve flores ao meu túmulo". *P.C.*

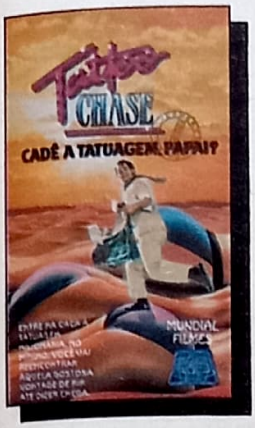
COMÉDIA

UMA ALUCINANTE VIAGEM ●●●
(The Couch Trip, EUA, 1987)
Direção: Michael Ritchie. Com Dan Aykroyd, Charles Grodin, Donna Dixon, Walter Matthau. Globo Vídeo.
Boa comédia que explora um tipo de picaretagem profissional — no caso, os psicanalistas que usam programas de rádio como consultório. O ótimo Charles Grodin é o especialista em questão, que resolve, por auto-análise, que precisa de férias. Mas quem vem substituí-lo é um foragido de manicômio, Aykroyd, que decide, como um freudiano radical, reduzir todos os problemas dos ouvintes à carência sexual. O único obstáculo ao sucesso imediato de Aykroyd é um vagabundo que conhece seu segredo, interpretado com a competência habitual por Walter Matthau. O diretor Ritchie soube dar ritmo à seqüência de *gags* centradas no cinismo do personagem de Aykroyd, e essa habilidade faz valer o filme. *M.S.*

A APOSTA FINAL ●
(Cheering Section, EUA, 1985)
Direção: Harry E. Kerwin. Com Rhonda Foxx, Tom Leindecker, Patrice Michelle. América.
Desajeitadíssima comédia estudantil com os clichês do gênero: sexo nas toaletes, sexo entre alunos e mestres e rivalidades esportivas entre rapazes que disputam suas garotas. Sem um pingo da anarquia abusada de um *Porky's*. A sensação de uma escola é uma loira paqueradíssima (Rhonda Foxx), que tem um pai que é uma fera. Picardias ineficientes e atores péssimos, que não nos salvam do mau humor. *A.Q.N.*

O IMPERADOR E A PADEIRA ●●
(Die Deutschmeister, Áustria, 1955)
Direção: Ernst Marischka. Com Romy Schneider, Magda Schneider, Sigfried Breuer Jr. F.J. Lucas.
Romy Schneider aos 17 anos, antes mesmo dos filmes da série *Sissi* — que faria com o mesmo diretor —, é o grande encanto desta comédia romântica um tanto frouxa e envelhecida. Ela é Stanzi, uma garota do interior que no início do século vai morar com a tia Therese (Magda Schneider) em Viena, então capital do império austro-húngaro. Sonhadora e inocente, ela conquista ao mesmo tempo um barão e um músico da banda militar. O enredo daria uma boa "comédia de erros" *à la* Lubitsch, mas, ao contrário do mestre, Marischka tem medo de se afastar da convenção e tem pressa em encontrar um final feliz. *J.G.C.*

A COMPADECIDA ●
(Brasil, 1974)
Direção: George Jonas. Com Regina Duarte, Armando Bogus, Antonio Fagundes, Ary Toledo. Reserva.
Baseado em *O Auto da Compadecida*, do dramaturgo paraibano Ariano Suassuna. Uma farsa circense (inadequada em linguagem cinematográfica) narra as trapaças de João Grilo (Bogus) e de seu amigo Chicó (Fagundes). Eles subornam o sacristão, o padre e o bispo, que aceitam realizar o enterro de um cachorro. Após um massacre empreendido pelo cangaceiro Severino, todos são levados ao julgamento divino. Folclore excessivo alinhavado com moral de literatura de cordel. O desempenho da "compadecida" Regina — assim como de quase todo o elenco — tem ritmo de teatro amador. *D.G.*



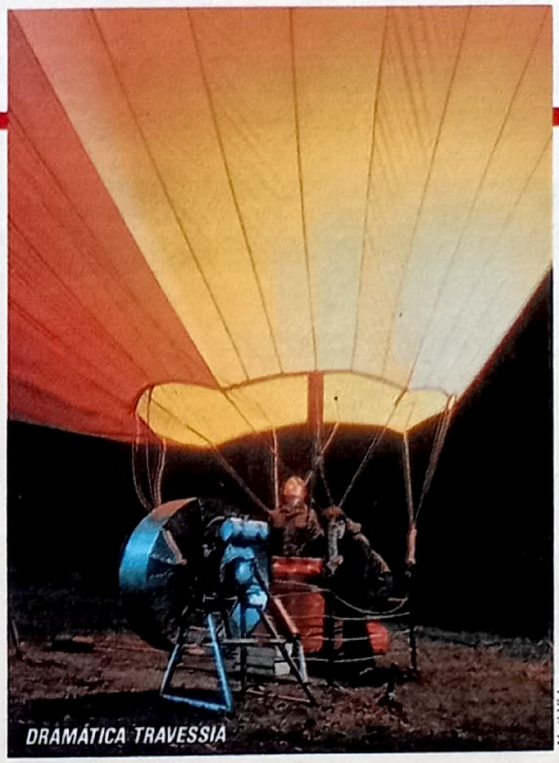
CADÊ A TATUAGEM, PAPAI? ●●
(The Tattoo Chase, EUA, 1988)
Direção: Jeff Gold. Com F. Richards Ford, Michael Gregory, Jonathan Pienaar. Mundial.
Para conseguir botar as mãos nos 80 milhões de dólares deixados pelo pai, um jovem herdeiro precisa antes saber o local onde a fortuna foi depositada. O problema é que a valiosa informação está tatuada nas nádegas de uma das muitas mulheres com as quais o velho se envolveu em vida em suas andanças pelo mundo. O enredo poderia render uma boa comédia de situações se tivesse sido mais bem explorado. No entanto, a não ser em alguns momentos isolados, o filme é narrado de forma irremediavelmente monótona. *P.C.*

O SEXO MORA AO LADO ●●
(Brasil, 1971)
Direção: Ody Fraga. Com John Herbert, Roberto Bolant, Jussara Freire, Georgia Gomide. DIF.
O idealizador da pornochanchada e filósofo da moral da Boca do Lixo, Ody Fraga, documenta o seu habitat natural. Carlos e Marcelo (Herbert e Bolant) são dois garanhões que dividem um apê num condomínio quase familiar. Organizam "festinhas" com ajuda das vizinhas — duas velhinhas transviadas. Carlos hospeda a sobrinha (a atual matriarca pantaneira Jussara Freire) e se descobre tarado por ela. Cenas de sexo (?) que, comparadas às produções explícitas de hoje, fazem lembrar as inocentes brincadeiras de "cabaninha" da infância. Anos 70 embalados em ingênua nostalgia. *D.G.*

O GOLPE DO GUARDA-CHUVA ●●
(Le Coup du Parapluie, França, 1980)
Direção: Gerard Oury. Com Pierre Richard, Valerie Mairesse, Gerard Jugnot, Christine Murillo. VTI.
Grégoire Lecomte (Richard) é um ator de filmes de produção "Z" que, por um absurdo equívoco, é confundido com um assassino profissional e contratado pela Máfia para realizar um "servicinho" na Riviera francesa. Acreditando que está apenas representando um papel num filme, Lecomte faz a confusão aumentar até atingir o mais completo pastelão. É só então (da metade em diante) que essa comédia do veterano especialista Oury engrena. Enquanto o humor depende quase exclusivamente das micagens e caretas de Richard, o espectador sente saudade de Jerry Lewis ou Peter Sellers — atores em cujo estilo o francês tenta em vão se inspirar. *J.G.C.*

LEMBRANÇAS AMARGAS ●●
(The Black Marble, EUA, 1980)
Direção: Harold Becker. Com Robert Foxworth, Paula Prentiss, Harry Dean Stanton. Globo Vídeo.
O sargento Andrei Valnikov é um policial alcoólatra e romântico, um estranho no ninho tentando adaptar-se à realidade brutal da vida que leva. Sua fragilidade aflora ao ser escalado para trabalhar ao lado de uma colega num caso que envolve o rapto de um cachorro pelo endividado dono de um canil (Harry Dean Stanton). O autor da novela que deu origem ao filme, Joseph Wambaugh, um ex-policial, construiu personagens bem sedimentados psicologicamente. Na transposição para a tela, porém, faltou ao filme um ritmo mais vibrante, capaz de injetar vitalidade no desenvolvimento da trama. *P.C.*

TANGO & CASH — OS VINGADORES ●●
(Tango and Cash, EUA, 1989)
Direção: Andrei Konchalovsky. Com Kurt Russell, Sylvester Stallone, Jack Palance. Warner.
Stallone, o "Sr. Rambo", esforça-se bastante para parecer um ator convincente na pele de Tango, um tira durão que (num ataque de autogozação) diz que "Rambo é bicha". Ele faz dobradinha com Cash (Russell), que se diverte torturando presos. Entre ambos há pouca afinidade, mas (como em 99,9% dos filmes do gênero) formam uma dupla perfeita, tentando provar a inocência diante da cilada armada pelo bandido Perret (Jack Palance, um vilão perfeito em sua canastrice). Roteiro infantil e inverossímil, salvo um pouco pelo humor, que contrabalança o sadismo e ironiza o primarismo metido a sério dos filmes do tipo. *A.Q.N.*


DRAMÁTICA TRAVESSIA
Abril Video

F.J. Lucas
O IMPERADOR E A PADEIRA

UMA ALUCINANTE VIAGEM
Globo Video

WESTERN

O HOMEM DO OESTE ●●●

(Man of the West, EUA, 1958)
Direção: Anthony Mann. Com Gary Cooper, Lee J. Cobb, Julie London. Warner.

Link Jones (Cooper), um estranho pistoleiro, chega a uma cidade. Dá vários nomes falsos e, quando perguntam sua origem, diz que veio de "uma vila a cinco dias a oeste". Parte num trem. Um curioso cavalheiro senta a seu lado, apresentando-lhe a bela sra. Ellis (Julie London), uma professora. Até que o trem é assaltado e os três ficam abandonados numa árida estrada. Link avista uma casa e lá encontra o velho Dock Tobin (Lee J. Cobb, que rouba o filme) liderando a quadrilha da qual participou e à qual se integra de novo. Não há escolha. Mas é claro que haverá encrenca, pois, para começar, todos querem a "sua" garota Ellis. Num western profundo emocionalmente, estilo no qual Anthony Mann (*Cimarron*, 1960; *El Cid*, 1961) sempre revelou ter boa mão, Gary Cooper veste com uma secura muito charmosa a pele desse "bom bandido", solitário e reservado, numa jornada que fará seu sangue explodir e seu dedo acionar o gatilho. *Antonio Querino Neto*

ROMANCE

SCHUBERT — A CASA DAS TRÊS MENINAS ●●

(Schubert — A Song of Love and Despair, Áustria, 1958)
Direção: Ernst Marischka. Com Karlheinz Bohm, Johanna Matz. F.J. Lucas.

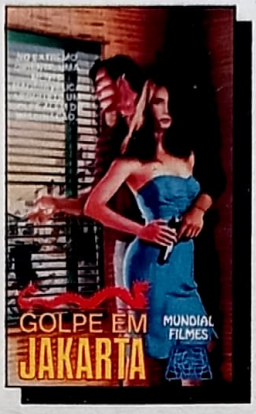
Versão romanceada da vida do compositor austríaco Franz Schubert, tido como o primeiro grande mestre do Lied (canção escrita sobre um poema). Em meio ao fausto e às belas paisagens da Viena Imperial, Schubert dedica-se à música, diverte-se com amigos e ainda tem tempo para cortejar a filha de um burguês. Tudo, é claro, entrecortado por trechos de canções e operetas da época, bem ao gosto do diretor Marischka, o criador da série Sissi e um especialista na arte de realizar filmes fotogênicos e insípidos como os cartões-postais. *P.C.*

DESEJO EM FAMÍLIA ●●

(The Fulfillment of Mary Gray, EUA, 1989)
Direção: Piers Haggard. Com Cherry Ladd, Ted Levine, Lewis Smith, Sheila Kelley. Herbert Richers.

Um fazendeiro estéril, obcecado com a idéia de ter um filho, empurra a mulher para os braços do irmão. Nem tudo, porém, sai conforme o esperado, e entre os dois, além do bebê, nasce uma paixão que coloca em crise a estabilidade familiar. É um tema delicado, tratado dentro de padrões convencionais, já que o filme foi realizado para a TV. Portanto, não é de surpreender que a súbita atração entre cunhado e cunhada soe inconvincente. Além disso, o filme opta pela solução mais fácil no final. *P.C.*

POLICIAL



GOLPE EM JACARTA ●●

(Jakarta, Austrália, 1986)
Direção: Charles Kaufman. Com Christopher Noth, Sue Francis Pai, Ronald Hunter. Mundial.

Esha (Sue Francis Pai) é uma mulher fatal, cuja sinuosa beleza oriental faz com que o jovem agente Falco (Christopher Noth) perca a cabeça. Justamente ele, que deveria proteger a jovem das garras de um poderoso traficante que domina o comércio de drogas na Indonésia. A trama é intrincada, alternando passado e presente, e a principal referência aqui, embora imperceptível, é o filme *noir*. De resto, algumas seqüências de ação bem realizadas salvam o filme da mediocridade. *P.C.*

CHAMAS DA TRAIÇÃO ●●

(Sinners, EUA, 1990)
Direção: Charles T. Kanganis. Com Joe Palese, Lou Calvelli, Robert Gallo. Omni Vídeo.

O centro da trama é um padre do Bronx (Joe Palese), que ouve confissões escabrosas dos *sinners* (pecadores) do bairro, enquanto tenta conciliar os problemas familiares e sentimentais dos primos Gino (Robert Gallo) e Nino (Lou Calvelli). Eles pretendem também atuar como justiceiros numa região entregue ao crime. Almejam defender a sociedade enquanto suas vidas desmoronam. O casto padre, por sua vez, acaba sentindo também o apelo irresistível do pecado sob a forma de mulher. Adultério, incesto, delicadas e cálidas imagens libidinosas (além de atuações razoáveis) completam o coquetel. *A.Q.N.*

TESTEMUNHA PERFEITA ●●

(Perfect Witness, EUA, 1989)
Direção: Robert Mandel. Com Brian Dennehy, Aidan Quinn, Laura Harrington. Warner.

Robert Mandel (*Independence Day*, 1983; *F/X, Assassinato Sem Morte*, 1986) tenta (sem sucesso) polemizar o confuso emaranhado das relações de um cidadão com o Estado. Ao ser "caçado" por um promotor (Dennehy, de *O Sonho do Arquiteto*) para depor sobre um assassinato, Paxton (Aidan Quinn, de *Jovem Sem Rumo*), dono de

PERIGO NA NOITE ●●●

(Someone to Watch Over Me, EUA, 1987)

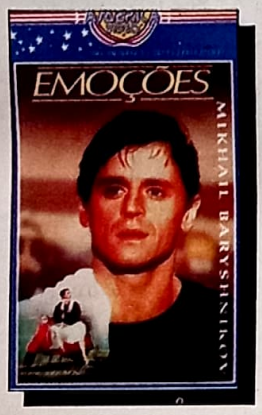
Direção: Ridley Scott. Com Tom Berenger, Mimi Rogers, Lorraine Bracco. LK-Tel/Columbia.

Ao armar a trama cheia de suspense sobre um policial bem casado (Tom Berenger, de *Atraiçoados*) que se envolve com a sedutora ricaça Claire (Mimi Rogers), que ele deve proteger, o esteta Ridley Scott (*Allien, Os Duelistas*) não poupa referências ao cult *Blad Runner*, que dirigiu. O tira Keegan (Berenger) oscila entre a boa esposa e Claire, que está fugindo de um facínora que praticou um assassinato por ela testemunhado. Numa Nova York esfumaçada, chique, caótica e perversa, corpos baleados quebram vidraças em *slow motion*, sob apavorantes sirenes. Melancólicos sons de sax acompanham o tira, que, sem muita convicção para defender a (des)ordem, circula impotente de *trenchcoat* bogartiano. Com muito estilo! Outra curiosidade: a trilha sonora inclui (além do tema de *Blade Runner*), o mesmo trecho da ópera *Lakme*, de Delibes, usado em *Fome de Viver*, remetendo àquela obra dirigida por Tony Scott, irmão de Ridley. *Antonio Querino Neto*

um restaurante, se recusa e é preso. O promotor quer "limpar a impunidade" do crime organizado. Paxton só não quer saber de encrenca para o seu lado. Ou seja: a impunidade se deve mais à falta de colaboração popular que à ineficiência policial-judiciária, que o filme nem menciona. *A.Q.N.*

UM POLICIAL ACIMA DA LEI ●●●
(Cop, EUA, 1988)
Direção: James B. Harris. Com James Woods, Lesley Ann Warren. Alvorada.
Participando ativamente na produção e concepção deste filme, o ator James Woods (de *Videodrome*) quase conseguiu realizar um clássico policial. Dois terços do filme são perfeitos, com Woods elaborando um complexo oficial, ambicioso e psicopata, à caça de um matador de mulheres. Hopkins, o detetive, interpreta seu apego pela violência como senso de realidade, e não poupa nem sua filhinha das histórias sangrentas de sua carreira. O problema é o final do filme, que cede à tentação de fazer justiça "rambônica" e acaba desviando tudo para o grotesco. A primeira hora de exibição vale, porém, para apreciadores de bons roteiros do gênero. *M.S.*

MUSICAL



EMOÇÕES ●●
(Dancers, EUA, 1987)
Direção: Herbert Ross. Com Mikhail Baryshnikov, Alessandra Ferri, Mariangela Melato. América.
Como no filme *Carmen*, de Carlos Saura, também aqui os componentes de uma companhia de dança repetem em suas vidas pessoais o drama que vivem no palco. Aqui, o espetáculo é o balé *Giselle*, com música de Adolphe Adam e libreto de Theophile Gautier. Mas o que *Carmen* tinha de energia e sensualidade este *Emoções* tem de pieguice e convencionalismo, embalados pela música redundante de Pino Donaggio. Salvam-se, é claro, os números de dança de Baryshnikov. Como ator, no papel do chefe da companhia, Anton Lermentov, ele continua o mesmo canastrão de sempre. O irregular Ross já teve dias melhores *(Sonhos de um Sedutor)*. *J.G.C.*

TERROR

DRÁCULA — PACTO DE SANGUE ●
(To Die For, EUA, 1989)
Direção: Deran Sarafian. Com Brendan Hughes, Sydney Walsh, Amanda Wyss, Micah Grant. Look.
Drácula concentra sua energia na busca de uma substituta para sua companheira, morta há séculos. A bela não tarda a aparecer e se constitui no alvo da rivalidade entre o conde e seu amigo, um vampiro sanguinário. A inesgotável adaptação do lendário Drácula aos tempos modernos já rendeu melhores diversões. *W.A.S.*

A HORA DO PESADELO 5 — O MAIOR HORROR DE FREDDY ●●●
(A Nightmare on Elm Street 5 — The Dream Child, EUA, 1989)
Direção: Stephen Hopkins. Com Lisa Wilcox, Danny Hassel, Robert Englund. Alvorada.
A série que celebrizou o assassino Krueger enveredou de vez pelo humor negro. A ação se concentra em como Freddy gasta sua imaginação fértil em novas formas de matar adolescentes. A edição de imagens rápida e econômica é a maior qualidade cinematográfica deste filme, ao lado da genial seqüência em que Freddy caça um garoto dentro de uma história em quadrinhos. Descontada a inexistência de qualquer interesse na trama, esse pesadelo é pura diversão. *M.S.*

Omni Video

LK-Tel/Columbia

THE COTTON CLUB ●●●●
(EUA, 1984)

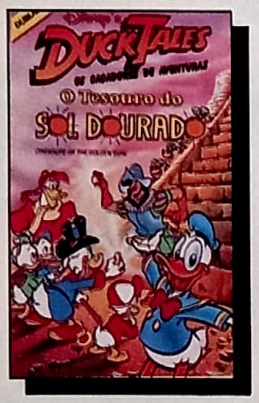
Direção: Francis Coppola. Com Richard Gere, Diane Lane, Nicolas Cage, James Remar, Gregory Hines. VTI.
Coppola reinventou com *O Poderoso Chefão* o filme de gângster e com *O Fundo do Coração* o musical romântico. Em *Cotton Club* ele não apenas misturou os dois gêneros como equilibrou com maestria o realismo viril do primeiro e a fantasia delirante do segundo, através da história do trompetista Dixie Dwyer (Gere), que no final dos anos 20 envolve-se por acaso numa guerra de gângsteres pelo domínio do jogo e do *show business* no Harlem. O centro da ação é o legendário Cotton Club, onde se apresentam músicos como Duke Ellington e cantores como Cab Calloway. A tensão e o equilíbrio admiráveis do filme devem-se não apenas ao jazz maravilhosso da trilha sonora e à montagem vibrante, mas sobretudo ao permanente jogo de oposições que põe em cena: dois romances proibidos, dois pares de irmãos, duas estrelas em ascensão, brancos e negros, judeus e católicos, representação e realidade. Essa bipolaridade culmina numa seqüência antológica, que contrapõe um show de sapateado ao assassinato de um gângster — violência e arte, numa síntese eletrizante. *José Geraldo Couto*

Alvorada

VIDEOLANÇAMENTOS

O TERROR NÃO TIRA FÉRIAS ●
(The Ogre, Itália, 1989)
Direção: Lamberto Bava. Com Virginia Bryant, David Flosey, Paolo Malco. Sagres.
Família americana em férias na Itália tem problemas com um ogre — o bicho-papão europeu. Maiores problemas tem o espectador em suportar, entre outras coisas, a indecisão da direção do filme, que não sabe se vai pelo terror erótico (e põe o bicho papando as belas mas inexpressivas atrizes) ou se fica só no suspense. Todas as situações são muito forçadas, a começar pelo isolamento do trio central num castelo imenso, que, como explica a história, foi alugado pela família. As cenas de nojo explícito chegam a ser ridículas de tão malfeitas. Mas o pior, o horror mesmo do filme, é o final, um clichê dos que mais desapontam o público. *M.S.*

ANIMAÇÃO



DUCK TALES — O TESOURO DO SOL DOURADO ●●●
(Duck Tales — The Treasure of the Golden Sun, EUA, 1988). Abril Vídeo.
A série Duck Tales tenta recuperar em desenhos animados para a TV o estilo de aventuras que caracterizou os quadrinhos de Carl Barks, até hoje o melhor desenhista/roteirista que os Estúdios Disney tiveram para seus personagens Tio Patinhas, Donald e sobrinhos. Também é uma etapa num tipo de sofisticação técnica que se realiza agora na nova série de aventuras de Tico e Teco. *O Tesouro do Sol Dourado*, que traz como vilões os Irmãos Metralha, em uma nova caracterização que acentua diferenças individuais, é um dos bons momentos da série, marcada pela influência de Indiana Jones — nele se inspira o novo personagem Capitão Boing. *M.S.*

SPEED RACER — O DEMÔNIO ACROBATA ●●●
(Speed Racer, Japão/EUA, 1967)
Direção: Tatsuo Koshida.

GIGI E A FONTE DA JUVENTUDE ●●●
(Gigi and the Fountain of Youth, Japão/EUA, 1987)
Direção: Hiroshi Watanabe. Zircon Films.
As aventuras automobilísticas de Speed Racer foram um dos primeiros sucessos da animação nipônica nos EUA, no final dos anos 60. A fita reúne os episódios da improvável mas movimentada corrida contra a equipe do carro acrobático. Atenção, antigos fãs: a nova dublagem mudou nomes de personagens. O contraste entre os acetatos manchados de *Speed* e o acabamento luxuoso de *Gigi* é uma das surpresas da fita. A outra é a maluquice do roteiro de *Gigi*, um humor inesperado para o tipo de desenho que aparenta ser. A história da garotinha espacial consegue juntar referências de Peter Pan, Madonna e *Dr. Fantástico*, o filme de Kubrick. *M.S.*

DOCUMENTÁRIO

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE DRÁCULA ●●●
(In Search of Dracula, Inglaterra, 1982)
Direção: Calvin Floyd. Narração: Christopher Lee. F.J. Lucas.
Uma atraente jornada tétrica ao lado de um dos melhores Dráculas de todos os tempos: o inglês Christopher Lee, o narrador. Abrangente e informativo, o documentário não apenas conta o surgimento da sedutora lenda na literatura e no cinema (com trechos de vários filmes, entre os quais os que Lee fez) mas penetra na belíssima Transilvânia, um planalto selvagem cercado pelos montes Cárpatos. Realidade e ficção se casam na Romênia, terra do príncipe Vlad, o Empalador (do século 15), que inspirou o temido sugador notívago. Um fino presente para vampirólogos e fãs do horror clássico. *A.Q.N.*

PARADA

Os mais alugados (julho)

1 **Querida, Encolhi as Crianças** (Abril Vídeo)
2 **Conduzindo Miss Daisy** (Paris)
3 **Inferno Vermelho** (LK-Tel/Columbia)
4 **De Volta para o Futuro II** (CIC)
5 **Matador de Aluguel** (Warner)
6 **sexo, mentiras e videotape** (Look)
7 **O Jovem Einstein** (Warner)
8 **Corra que a Polícia Vem Aí** (CIC)
9 **K9 — Um Policial Bom pra Cachorro** (CIC)
10 **Morto ao Chegar** (Abril Vídeo)

Fontes: OMNI, 2001, Rentacom, Real Vídeo, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ); Vídeo Service (DF), Scorpios Vídeo, Sygma Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR); Solução Vídeo, Companhia do Vídeo (MG).

Os mais vendidos (junho)

1 **Querida, Encolhi as Crianças** (Abril Vídeo)
2 **Conduzindo Miss Daisy** (Paris)
3 **O Jovem Einstein** (Warner)
4 **As Aventuras de Erik, o Viking** (Transvídeo)
5 **Dois Tiras em Ponto de Bala** (Abril Vídeo)
6 **Bagdad Café** (Paris)
7 **Ghor e os Guerreiros Selvagens** (Paris)
8 **Tico e Teco Defensores da Lei** (Abril Vídeo)
9 **Amores Eletrônicos** (Vídeo Arte)
10 **Inferno Vermelho** (LK-Tel/Columbia)

Fontes: Abril Vídeo, Alvorada, CIC, Herbert Richers, F.J. Lucas, Mundial, Paris, LK-Tel/Columbia, Transvídeo, Vídeo Arte, Warner.

SUSPENSE

PACTO SINISTRO ●●●●●
(Strangers on a Train, EUA, 1951)
Direção: Alfred Hitchcock. Com Farley Granger, Robert Walker, Ruth Roman, Leo G. Carroll. Warner.
O enredo — baseado em romance de Patricia Highsmith — é vigoroso. O jogador de tênis Guy Haines (Granger) é abordado numa viagem de trem por um admirador, Bruno Anthony (Walker), que lhe propõe um insólito pacto: ele, Bruno, mataria a mulher de Guy (que se recusa a conceder-lhe o divórcio) e este, em troca, eliminaria o pai odiado de Bruno. A aparente ausência de motivação desorientaria a polícia. Bruno (uma espécie de personificação dos desejos reprimidos de Guy) cumpre a primeira parte do jogo e passa a atormentar o outro para que cumpra a sua. O desenvolvimento altamente estilizado dessa trama deu pano para manga. Um famoso estudo de Claude Chabrol e Eric Rohmer pôs em relevo a relação entre retas (trem, cigarro, cabo de raquete, poste) e círculos (bola de tênis, balão, lente de óculos). O crítico Luiz Nazário analisou as implicações sexuais da mesma relação. Já o cineasta Danny DeVito resolveu fazer uma comédia-homenagem (*Joga a Mamãe do Trem*) a essa obra-síntese do suspense, manancial inesgotável para satisfação de corações e mentes. *José Geraldo Couto*

RUIM ●
REGULAR ●●
BOM ●●●
EXCELENTE ●●●●
OBRA-PRIMA ●●●●●

Agora você vai aprender VIOLÃO

COM OS MAIS MODERNOS RECURSOS DIDÁTICOS DO INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

VIDEOCASSETE

Com animação por Computação Gráfica

A Fita de Videocassete é um dos componentes didáticos mais interessantes do Curso.

Elaborada segundo os mais modernos recursos de gravação em vídeo, sonorização e com ilustrações animadas utilizando a técnica da computação gráfica, é apresentada com muito entusiasmo pelo nosso professor, constituindo-se num inédito trabalho didático-musical.

A visão das posições da mão esquerda na elaboração dos acordes, e as batidas da mão direita, é ilustrada passo-a-passo e representada por esquemas feitos por computação gráfica, no momento exato da execução, permitindo tocar e cantar os vários sucessos de ontem e hoje, que fazem o repertório do violão moderno.

APOSTILAS ILUSTRADAS E FITAS K7

A parte literária do Curso é apresentada em apostilas, escritas numa linguagem de fácil assimilação, com atraentes ilustrações técnicas e artísticas, que tornam o estudo interessante e agradável. A História do Violão, a teoria e a prática musical, os sucessos musicais com letras, músicas e acordes, um eficiente dicionário ilustrado musical, exercícios práticos de auto-avaliação e testes remissivos fazem parte das 36 apostilas que compõem o Curso.

As 3 Fitas K7 são responsáveis pela complementação sonora do curso. Gravadas em dois canais de áudio, reproduz um som estereofônico de ótima qualidade, permitindo ainda que você ouça em separado o canto, o acompanhamento ou detalhes rítmicos e sonoros especiais. Chamadas nas apostilas indicam o momento de ouvir a fita e estabelecer o elo de ligação entre o tema estudado e a sua representação sonora.

Mande o Pedido de Informações abaixo HOJE MESMO!

NOSSAS UNIDADES DE ATENDIMENTO

UNIDADES SÃO PAULO: Centro: *Av. Rio Branco, 781 (esq. c/Av. Duque de Caxias).* **Santo Amaro:** *Largo Treze de Maio, 520, 3º andar - conj. 31*
UNIDADE RIO DE JANEIRO: *Rua Riachuelo, 159 (próximo aos Arcos da Lapa)*
UNIDADE BELO HORIZONTE: *Av. Amazonas, 115, 2º and. - Centro - Ed. Caxias*
UNIDADE SALVADOR: *R. Marujos do Brasil, 5-B, Ed. André Luis, Bairro Tororó*

Instituto Universal Brasileiro

A maior e mais perfeita organização de ensino a distância do país!

1940–1990

50 anos de experiência dedicados ao ensino

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

Av. Rio Branco, 781 – Caixa Postal 5058 – São Paulo – CEP 01051

PEDIDO DE INFORMAÇÕES

Senhor Diretor, solicito enviar-me GRÁTIS o Folheto Ilustrado completo sobre o Curso de Violão.

Nome: _____

Rua: _____ Nº _____

CEP: _____ Bairro _____ Cx. Postal _____

Cidade: _____ Estado: _____

_____ / _____ / _____ _____

Data Assinatura

SEM-39

CARTAS

Desastres Legendários

Trabalhamos com a legendagem de filmes em videocassete desde 1988 e, em janeiro de 1989, fomos contratados pela Magnetron Industrial S.A., de Manaus, para integrar o seu laboratório de legendagem. Com referência à reportagem "Desastres Legendários" publicada em SET (n.º 5, ano 4), fazemos alguns comentários: basicamente, as conclusões do artigo estão corretas. Se a legendagem de filmes fosse um fator mais significativo na contabilidade das distribuidoras e dos laboratórios, haveria mais qualidade nas traduções. O mesmo ocorreria se os prazos impostos aos tradutores fossem maiores. Alguns problemas, contudo, estão nas inverdades de certos depoimentos contidos na reportagem. Por exemplo, Marina de Oliveira, da Videolab, afirma que as mulheres são melhores tradutoras que os homens. É uma opinião preconceituosa e infundada, uma vez que nossa experiência nos mostra que ambos os sexos são igualmente competentes no ramo. A Duplitech, por sua vez, exige que seus tradutores tenham morado no exterior e que possuam nível superior. Mais uma vez, a experiência fala mais alto: nos testes que administramos aos candidatos que desejam traduzir conosco, já reprovamos pessoas que viveram cinco anos ou mais nos Estados Unidos. Além disso, trabalhamos com ótimos tradutores que jamais saíram do Brasil. A obrigação primordial do laboratório de legendagem é a de ter em seu quadro de funcionários uma pessoa com excelentes conhecimentos da língua original dos filmes e da língua portuguesa. Assim como os laboratórios, os críticos de vídeo também devem desempenhar corretamente o seu papel, e é aí que Rubens Ewald Filho se engana: o papel do crítico responsável não é o de revisar traduções para as distribuidoras. Primeiro porque trata-se de um crítico e não de um tradutor qualificado (diga-se de passagem que os filmes revisados por ele contêm erros de tradução) e depois porque isso contribui para denegrir mais ainda a classe dos tradutores, dando a idéia de que qualquer um pode fazer este serviço. Finalmente, cabe às distribuidoras valorizar o trabalho dos profissionais de legendagem, oferecendo prazos mais razoáveis aos laboratórios e dispondo-se a pagar mais por um trabalho de melhor qualidade. Portanto, quando todos derem o devido valor ao tradutor — ao verdadeiro tradutor e não ao "biscateiro de tradução" —, ele será mais bem remunerado, o nível geral das traduções melhorará e as distribuidoras pagarão aos laboratórios o valor real deste serviço. Todos sairão ganhando: tradutores, laboratórios, distribuidoras e principalmente o público.

Fernando Naufel do Amaral e Solange de Souza Barbosa
(Manaus — AM)

Veidt, Garbo e Cooper

Maravilhoso o artigo publicado na seção Tempos Modernos "As Mãos de Conrad Veidt" (n.º 4, ano 4). Gostei também do artigo sobre minha estrela preferida, Greta Garbo (n.º 6, ano 4). Sobre o perfil de Gary Cooper (n.º 2, ano 4), gostaria de fazer uma ressalva: o texto está muito bom e contém detalhes importantes da vida do ator. Porém, há um dado importante que ficou omisso: durante a "caça às bruxas", Gary Cooper foi chamado a depor perante o comitê do senador Joseph McCarthy e delatou muita gente de Hollywood como comunista. Acho esse dado importantíssimo e tive conhecimento dele através do *Jornal da Tarde*.

Mayumi Uemura
(São Paulo — SP)

Dick Tracy

Gostei muito da Matéria de Capa da edição n.º 6 (ano 4), nem tanto pelo filme *Dick Tracy*, mas por Warren Beatty, um cara que faz parte de um seleto grupo de artistas que honram a palavra "arte", pois tudo que fez foi bem feito.

Virgínia França
(Recife — PE)

Parabenizo-os pela belíssima capa de SET n.º 6 (ano 4). A capa é muito elegante, sutil e de rara qualidade.

Zara Maria
(Santos — SP)

José Emílio Rondeau e José Geraldo Couto estão de parabéns pela excelente reportagem do filme *Dick Tracy*. Não só a matéria de capa mas todo o conteúdo da edição (n.º 6, ano 4) estão de arrasar.

Milton Yukito Sato
(São Paulo — SP)

A edição n.º 6 (ano 4) de SET está ótima. Além da

Trilhas Sonoras

Uma correspondência com duração de sete meses entre o leitor André Augusto Lux, de Campinas, e o crítico Celso Pucci põe em questão a seção Trilhas de SET

31/01/90 — "É lamentável o descaso com que SET trata as trilhas sonoras e os grandes compositores do cinema, como John Williams. São criticados incoerentemente por críticos mal informados, como os risíveis comentários de Celso Pucci em sua crítica à trilha de *Homeboy* (n.º 12, ano 3). Segundo ele, é altamente recomendável. Só se estiver recomendando esse disco para fãs de rock e do guitarrista Eric Clapton. No mesmo artigo, Celso Pucci afirma categoricamente que a música de James Horner para o filme *Em Busca do Vale Encantado* deve funcionar apenas como acessório das telas. Alguém precisa explicar (com calma) para esse crítico que uma trilha sonora serve 'exatamente' como acessório, para dar maior emoção às cenas dos filmes. Me pergunto como podem comparar um músico que passa de dois a seis meses dentro de um estúdio com um músico como Eric Clapton, cujo único trabalho é imitar os mestres e ligar o sintetizador na tomada? Um conselho: contratem um crítico que entenda de cinema e música de cinema e não um infeliz que pensa que está escrevendo para os leitorezinhos da BIZZ." *André Lux*

21/02/90 — *Caro André, discordo frontalmente da maioria das afirmações que você faz em sua carta. Do meu ponto de vista, um disco não é um filme, pois uma trilha sonora pode funcionar muito bem nas telas e se tornar enfadonha no vinil. Não acho que a música cinematográfica "serve exatamente como acessório de um filme", como você afirma. Para mim, uma trilha, para ser considerada realmente boa, deve ter vida própria, independentemente das imagens a ela associadas. Dentro desta visão pessoal, tanto faz que ela tenha sido elaborada por grandes mestres ou por um guitarrista como Eric Clapton ou um tecladista como Hans Zimmer. Não me sinto sacrílego comparando o resultado final de seus trabalhos para o cinema. É com esta postura que tento dar um apanhado geral das trilhas lançadas no Brasil para o público de SET.* Celso Pucci

25/03/90 — "Ao ler sua réplica à minha crítica percebi que o senhor não entende de música de cinema, pois é incapaz de diferenciar uma coletânea de música de uma verdadeira trilha sonora. Só um compositor com muito *feeling* pode brilhantemente casar com perfeição imagem e música, e apenas uma pessoa que não entende de música cinematográfica não percebe isso. Imagine o que seria da trilogia *Indiana Jones* se sua trilha fosse de Eric Clapton. Dá até arrepios... É lamentável ver um leigo, que não gosta de música de cinema, criticar obras de grandes mestres." *André Lux*

06/04/90 — *Caro André, tento abordar os lançamentos de trilhas sonoras do ponto de vista do ouvinte, independentemente de ele ter assistido ou não ao filme. Isso implica em que tanto um guitarrista quanto renomados "trilheiros", como John Williams, devem merecer atenção. Posso ser considerado um leigo pelo senhor, pois dedico-me a outros campos (principalmente à área de rock e pop). No entanto, me parece injusto limitar esse espaço apenas aos "especialistas". Afinal, uma música pode ser boa independente de ser assinada por Prince ou Elmer Bernstein.* Celso Pucci

21/06/90 — "Não sou *expert* ou especialista em trilhas sonoras e as coleciono há poucos anos. Talvez com o tempo eu consiga aumentar minha coleção e me tornar um especialista no assunto e quem sabe arrumo emprego em alguma revista especializada. Só que teria de ser em outro país, pois ao que parece são os

Matéria de Capa com o filme *Dick Tracy* há verdadeiras pérolas do cinema.
Ivson J. M. Farias
(Recife — PE)

Tom Hanks

UIP

Parabenizo-os pela entrevista com o ator Tom Hanks (n.º 6, ano 4), que apesar de não ser muito informativa estimula a valorização de novos talentos, principalmente os comediantes.
Fabiane Godoy
(Porto Alegre — RS)

Brat Pack

Parabéns pela reportagem sobre os "fedelhos" (n.º 6, ano 4), pois aborda muito bem o assunto, principalmente por não ficar mencionando nomes que estamos cansados de ouvir, como Tom Cruise.
Rosana Oliveira
(Londrina — PR)

Ao terminar de ler a matéria "Bando de Fedelhos" (n.º 6, ano 4), não fiquei bem certo se era sobre os filmes *Vidas sem Rumo* e *Tex* ou se falava sobre o *brat pack*. Fala-se sobre vários "fedelhos" superficialmente, não se aprofundando nem nos atores e nem nos filmes. Em compensação o *box* com a escritora Susan E. Hinton está excelente. Tirando-se um pelo outro ficou bom, mas poderia ser melhor.
Éder Souza Magalhães
(Campinas — SP)

Realidade Virtual

Parabenizo-os pela interessante reportagem sobre realidade virtual. A matéria referente ao filme *Dick Tracy* aumentou ainda mais minha curiosidade sobre o filme.
Sérgio Paulo Eufrosino
(Santo André — SP)

Pedro Almodóvar

Sou um fã roxo de Pedro Almodóvar e não posso ficar passivo diante da tamanha injustiça publicada em SET (n.º 5, ano 4) com a missiva do sr. Carlos Diegues. Almodóvar desmentiu a suposta máxima de que sem dinheiro não há talento que resista. Os filmes do diretor espanhol são criativos, inteligentes, instigantes, originalíssimos... Com todo o respeito ao autor da carta, Carlos Diegues como crítico é um bom cineasta.
Jorge Luis B. Fernandes
(Nova Iguaçu — RJ)

Sobre SET

Tenho observado atentamente todas as mudanças que vêm ocorrendo em SET e muitas dessas são, infelizmente, bastante desagradáveis. O ponto principal são os críticos de cinema, os quais se mostram mal humorados, utilizando-se de preciosos espaços com observações tolas e comentários insossos.
Jailce Batista de Souza
(Belo Horizonte — MG)

É com imenso pesar que testemunho a maneira vulgar e irritante que SET está empregando para vender suas edições e automaticamente piorando seu conteúdo e diminuindo cada vez mais o número de páginas. O desrespeito e o desprezo com que SET

não especializados' que dominam a imprensa por aqui (ou não?). É pena que o senhor não conheça as obras dos mestres, pois tenho certeza de que se as conhecesse sua vida mudaria. Apenas fico triste por perceber que, ao pedir um trabalho sério a uma revista, é pedir demais." *André Lux*

25/06/90 — Caro Lux, o bate-boca de sua criação passou dos limites da paciência profissional. Você agride o crítico Celso Pucci escudando-se numa pretensa magnanimidade de leitor. Estamos por demais atarefados para dar ouvidos a suas queixas — que são intransigentes — e a seus ataques, no mínimo mal-educados. Somos profissionais dedicados, e Celso Pucci é de inteira confiança profissional. Carlos Volpato/editor

17/07/90 — "Seu Carlos Volpato, admito que possa ter sido arrogante e fiquei irritado ao receber uma carta de um cidadão que demonstrou não estar interessado em minha opinião. Ao contrário do que disse, não me escudo na magnanimidade de leitor; digo o que penso. Se quisesse realmente me esconder, teria mandado cartas anônimas. Apenas coloco em dúvida se o seu 'chapa' Pucci tem gabarito para escrever sobre trilhas sonoras. Afirmo que achei nossa discussão frutífera, pois pude confirmar que o seu 'crítico' de trilhas é um impostor e leigo e que o baixo nível da revista tem um motivo: um editor medíocre que se envolve em discussões pessoais. Devo admitir que fiquei lisonjeado com o fato de o editor descer do seu pedestal para perder seu tempo com um reles leitor — afinal, para que uma revista poderosa precisa de leitores? Por isso agradeço e peço que me esqueçam, pois já estou ficando 'pucci' com vocês. Tchau.
PS — Última pergunta: gostaria de saber o que é uma 'paciência profissional' e onde posso conseguir uma, porque a minha paciência (que é amadora) já se esgotou há muito tempo..." *André Lux*

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 224-0655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 371-5577
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

SET-39

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____
Código de assinante _____
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____
Bairro _____
Cidade _____ Estado _____ Telefone _____
Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho
REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson Pedro Gomes (executivo), Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Auxiliar de Prod. Editorial: Marcelo de Castro
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Colaboradores: Críticos - Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo. **Texto** - Celso Pucci, Marcos Smirkoff, Moisés Liporage, Mustafá Yasbek, Wagner Almeida Silva. **Arte** - Jair Farias, Marco Antonio Pizzirani. **Fotografia** - Rui Mendes. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos D. Agathão

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor - SP: Eduardo Rosa
Supervisora: Rosangela Cassilio
Contatos: Márcia Leticia L. L. Amaral, José Estevão Favaro
Diretor - RJ: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres Costa
Produção Gráfica: Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
Print Sul (0512) 23-9528, RS, (0482) 33-7622, SC
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Belo Horizonte:
Marco Aurélio Maia - Fone: (031) 222-5594

Serviços Editoriais
Azul Press - Gerente: Benjamin Sérgio Gonçalves
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Gerente: José Carlos Boldarine
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Diretor: A. Vasco Castro Barbosa
Gerente: Fabio Bueno

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05477, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 24 de setembro a 22 de outubro.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER IVC

Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

trata certas obras e profissionais do cinema é imperdoável. Acho também um absurdo o cínico ato de colocar as cartas com críticas desfavoráveis ao lado de outras elogiosas.
Edson Alves da Silva
(São Paulo — SP)

Desde a recente reformulação sofrida, SET não é mais a mesma. Críticas parciais, má distribuição do espaço na revista, este ocupado por superproduções comerciais em detrimento de bons filmes, sem contar com o execrável caderno Vídeo & Equipamentos.
Jairo Alberto Silveira
(Porto Alegre — RS)

Fãs-clubes

Quero entrar em contato com algum fã-clube do cineasta Alfred Hitchcock. Endereço: rua Carandazinho, 107, Campo Limpo, São Paulo — SP (CEP 05766)
João Ramalho Santos

UIP

Quero me corresponder com fãs de Johnny Deep. Endereço: rua Otorino Bilheri, 66, fundos, Portão Vermelho, Três Rios — RJ (CEP 25800)
Joelma Carvalho de Sá

Estamos fundando o Caça-Cinéfilos Videoclube. Trocamos materiais, reportagens e informações. Endereço: rua João Gualberto Pereira, 206, Piracanjuba — GO (CEP 76950)
Walterlí Apolinário

Quero me corresponder com fãs-clubes de filmes de terror. Endereço: rua João Batista V. do Carmo, 6, Vargem Alegre, Caratinga — MG (CEP 35317)
Ricardo Leal Franco

Possuo vasto material sobre astros contemporâneos de cinema e quero trocar com fãs-clubes. Endereço: Caixa Postal 1 455, Londrina — PR (CEP 86060)
Antonio Nunes Neto

Quero me corresponder com fãs de ficção científica e documentário. Endereço: rua Penha Garcia, 34, Jardim Ângela, São Paulo — SP (CEP 05871)
Carlos Alexandre da Silva

Correio entre os Leitores

Compro as trilhas sonoras dos filmes *A Hora do Espanto* e de *Alguém Muito Especial*. Endereço: rua Equador, 8-76, Bauru — SP (CEP 17063)
Valquiria Geraldo

Possuo uma coleção com cerca de mil cartazes, fotos, lobbycards etc. de vários filmes antigos. Endereço: rua Miguel Gustavo Schlumberger, 31, Ponta Grossa — PR (CEP 84100)
João Ostrovski

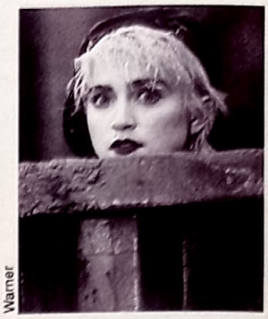
Compro qualquer material sobre os atores Rob Lowe e Kevin Costner. Endereço: rua Maestro Felício Toledo, 551/602, Niterói — RJ (CEP 24020)
Jamile V. Tadros

Compro as edições do n.º 1 ao 34 de SET em ótimo estado. Endereço: av. Guaicuí, 740, Belo Horizonte — MG (CEP 30380)
Joana de Castro Lopes

Compro cartazes originais de *Ases Indomáveis* e *De Volta para o Futuro*. Endereço: rua Zenóbio Lins, 60, Cordeiro, Recife — PE (CEP 50711)
Ricardo Jorge Maia

Vendo material em cópia xerox de vários filmes e artistas, e gravações de trilhas sonoras. Endereço: rua do Rezende, 103/202, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20231)
José Fernandes de Campos

Compro fitas em VHS com filmes de Marilyn Monroe e Madonna. Endereço: av. Piracicaba, 131, Limeira — SP (CEP 13480)
Carolina Louise Zampar


Warner

Compro gravação em VHS do filme *Psicose*, de Hitchcock. Endereço: Caixa Postal 15129, São Paulo — SP (CEP 01599)
M.V.G.C.

Compro pôster de *Ases Indomáveis* em ótimo estado. Endereço: Caixa Postal 084, Santa Helena de Goiás — GO (CEP 75920)
Calil Wehbe Ajouz

Errata

O leitor Sérgio Paulo Eufrosino indicou um erro à página 8 da seção Takes de SET n.º 6 (ano 4), referente ao remake de *A Noite dos Mortos-Vivos*. Onde está escrito que Romero se associou a Menahem Golan na direção, leia-se produção.

Na matéria sobre o filme *Bernardo e Bianca* (n.º 6, ano 4), fala-se que o filme *The Rescuers* ganhou o Oscar de melhor canção em 1977. Os leitores Abdala A. Nada e José Campos nos escreveram dizendo que a canção foi indicada, mas quem recebeu o prêmio foi Joseph Brooks, também diretor, pela canção "You Light Up My Life" do filme *Luz da Minha Vida*.

Cartas para Diretor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05477, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

A Sony está com a bola toda.

Trinitron. A melhor imagem do momento.

Se a sua televisão já está pedindo substituição, convoque a nova Sony Trinitron.

Ela é a primeira TV no Brasil feita com o exclusivo sistema Trinitron, uma invenção da Sony que garante imagem nitidamente superior a todas as outras.

A Trinitron é a televisão que faz você chegar mais perto das emoções do cinema, pois tem 29 polegadas. O som é estéreo, com 30 watts de potência, segundo programa de áudio (SAP), caixas destacáveis e três efeitos diferentes: surround, space sound e loudness. A tela é realmente plana. A imagem não distorce nos cantos. E você não vê reflexos de luz. Ela tem ainda:

- Controle remoto multifuncional.
- Display digital (on screen).
- Video in frontal.
- Sistema dual (PAL-M/NTSC).
- Entrada para videocassete HI 8mm, Super VHS ou videolaser.
- Programação de até 30 canais (VHF/UHF).

Com a Trinitron, a Sony mostra mais uma vez que sabe tudo sobre tecnologia eletrônica. Nesse campo, ela é craque.

SONY
TRINITRON

O SISTEMA EXECUTIVO.

GRAVE OS PRAZERES DA VIDA E REVEJA SEMPRE QUE QUISER.

O avançado Sistema Executivo Panasonic lhe permite facilmente gravar sua viagem de férias, seus momentos com a família, com a incrível câmera Panasonic M-400VHS. Graças ao sistema high-speed e ao exclusivo Piezo Auto Focus. Em seguida, você pode assistir o que gravou diretamente na excepcional CT-3PC2BR; a primeira TV no mundo com sistemas NTSC e Pal-M com tela de Cristal Líquido Digital -LCD de 3 polegadas.

E quando você voltar para casa e quiser editar, acrescentando uma narração, letreiros ou legendas às suas aventuras; é só ligar sua M-400 diretamente no vídeo Panasonic J-38BR para fazer de sua gravação uma obra-prima. Enquanto isso, você pode continuar assistindo à sua TV CT-3PC2BR.

O Sistema Executivo para os prazeres da vida, com replay à vontade.

CT-3PC2BR

TV de Cristal Líquido - 3 polegadas • A primeira TV com tela de Cristal Líquido Digital-LCD do mundo, com apenas 3'' e sistemas NTSC e Pal-M. Mostrador de canais e volume on screen. Pode ser usada com eletricidade, baterias de carro ou recarregáveis; para você assistir onde quiser.

NV-M400PX

Câmera VHS-High Speed • Memória de Títulos Digital para editar títulos, legendas etc. Sistema high-speed (1/500, 1/1000), Piezo Auto Focus, chassi de alumínio e balanço de branco automático.

NV-J38BR

Videocassete VHS • Unidade avançada para uso doméstico com Controle Remoto/Digital Scanner-LCD, sistema de 4 super-cabeças para perfeitos slow e still e dublagem para câmera NTSC.

Panasonic

À venda na Zona Franca de Manaus.